

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Centro de Letras e Comunicação
Programa de Pós-Graduação em Letras



Dissertação

Mulheres jornalistas em site pornográfico:
uma análise discursiva pelo viés da designação

Louise Ariane da Campo

Pelotas, 2021

Louise Ariane da Campo

Mulheres jornalistas em site pornográfico:
uma análise discursiva pelo viés da designação

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Luciana Iost Vinhas

Pelotas, 2021

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

C198m Campo, Louise Ariane da

Mulheres jornalistas em site pornográfico : uma análise discursiva pelo viés da designação / Louise Ariane da Campo ; Luciana Iost Vinhas, orientadora. — Pelotas, 2021.

127 f. : il.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Letras, Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas, 2021.

1. Análise de discurso. 2. Pornografia. 3. Estudos de pornografia. 4. Designação. I. Vinhas, Luciana Iost, orient. II. Título.

CDD : 469.5

Louise Ariane da Campo

“Mulheres jornalistas em site pornográfico: uma análise discursiva pelo viés da designação”

Dissertação aprovada, como requisito parcial, para obtenção do grau de Mestre em Letras, Área de concentração Linguística Aplicada, do programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal de Pelotas.

Pelotas, 07 de dezembro de 2021.

Banca examinadora:

Profa. Dra. Luciana Iost Vinhas
Orientadora/Presidente da banca
Universidade Federal de Pelotas

Profa. Dra. Evandra Grigoletto
Membra da Banca
Universidade Federal de Pernambuco

Profa. Dra. Raquel Recuero
Membra da banca
Universidade Federal de Pelotas

*Dedico este trabalho aos meus pais,
que sempre me incentivaram a buscar um mundo
além das paredes do meu quarto.*

Agradecimentos

A primeira pessoa com quem falei sobre meu tema de pesquisa para a dissertação foi o meu pai. Eu lembro exatamente desse dia: eu estava eufórica depois de ter acessado o site pornográfico e precisava falar com alguém sobre isso. Então, eu liguei para o meu pai e contei tudo que eu imaginava para minha investigação. Ele achou o tema um “pouco estranho” e a única pergunta que ele fez foi: *para pesquisar pornografia é preciso acessar site pornográfico?*

Meus pais não tiveram a oportunidade de fazer uma pós-graduação, mas sempre investiram (tempo e dinheiro) para que eu e meu irmão tivéssemos a chance de estudar em um mestrado e doutorado. Apesar de minha mãe e meu pai acharem estranho algumas das coisas que eu pesquiso e os trabalhos que eu desenvolvo, eles nunca criticam, apenas apoiam. Eles são as pessoas que mais tentam entender o que eu desenvolvo na pós-graduação e eu enxergo isso como um grande privilégio. Ser uma mulher pesquisadora e estar rodeada de incentivo é algo que poucas vivenciam e eu sei que tenho sorte.

Eu não poderia começar os meus agradecimentos sem mencionar os meus pais, pois eles são a razão de eu estar onde estou. Obrigada, mãe e pai, por não acharem estranho eu estar acessando o Xvideos às 14h da tarde de uma terça-feira bem no meio da sala de casa. E obrigada, principalmente, pelo apoio incondicional desde sempre.

A segunda pessoa com a qual eu conversei sobre a minha ideia de tema de pesquisa foi minha orientadora, Luciana Vinhas. Eu acredito fortemente que uma boa pesquisadora é aquela que tem uma boa orientadora e, ainda bem, que eu tive a sorte de encontrar a professora Luciana em meu caminho. Desde o início, me senti acolhida, respeitada e ouvida. Lu (como é carinhosamente chamada em nosso grupo de pesquisa), você é uma pesquisadora fenomenal e admiro a sua ousadia em abordar problemáticas complexas. Eu nunca vou esquecer a primeira orientação que tive com você e como senti que as possibilidades para minha pesquisa eram imensas, obrigada por isso.

Eu sempre tenho muito medo de escrever os agradecimentos aos meus amigos, porque eu sinto que sempre vou esquecer alguém, então opto por não citar nomes. Contudo, dessa vez eu quero fazer isso. Primeiramente, preciso agradecer minhas duas irmãs de coração, Thais e Thalita, que movem montanhas para me ajudar e que conhecem as melhores e piores partes de mim.

Obrigada às minhas amigas Julia e Rachel pela parceria de mais de 15 anos. Eu sou extremamente grata pelo ombro amigo e pelo acolhimento quando as coisas ficam difíceis. Agradeço imensamente aos meus amigos Bruno, Thainá, Thays, Carolina, Fernanda, Suelen, Cássia, Zé, Olisa, Helena, Sabrina e Drielly que, de alguma forma, me ajudaram nessa caminhada.

Um agradecimento especial ao meu amigo Miranda, um apoiador incondicional de tudo o que eu faço. Obrigada pelas horas incontáveis em que me ouviu e por ilustrar o meu trabalho de uma forma que só você sabe fazer.

Ao meu irmão Luigi e minha cunhada-irmã Fernanda que sempre me apoiaram nessa jornada e me presentearam da melhor forma: com o sobrinho mais legal do mundo.

Aos meus pais emprestados, Vanderlei e Adélia, toda minha gratidão pelo acolhimento e cuidado quando me mudei para uma cidade em que não conhecia ninguém.

Agradeço também aos meus amigos da Valejo que transformaram a minha vida pessoal e profissional. Aos meus redatores: Alex, Giu, Iza, Rafa e Natacha, vocês me ensinam todos os dias a ser uma jornalista, pesquisadora e pessoa melhor.

À minha banca, composta por mulheres maravilhosas e inspiradoras, profa. Dra. Raquel Recuero e profa. Dra. Evandra Grigoletto, obrigada por aceitarem esse convite e pela leitura atenta.

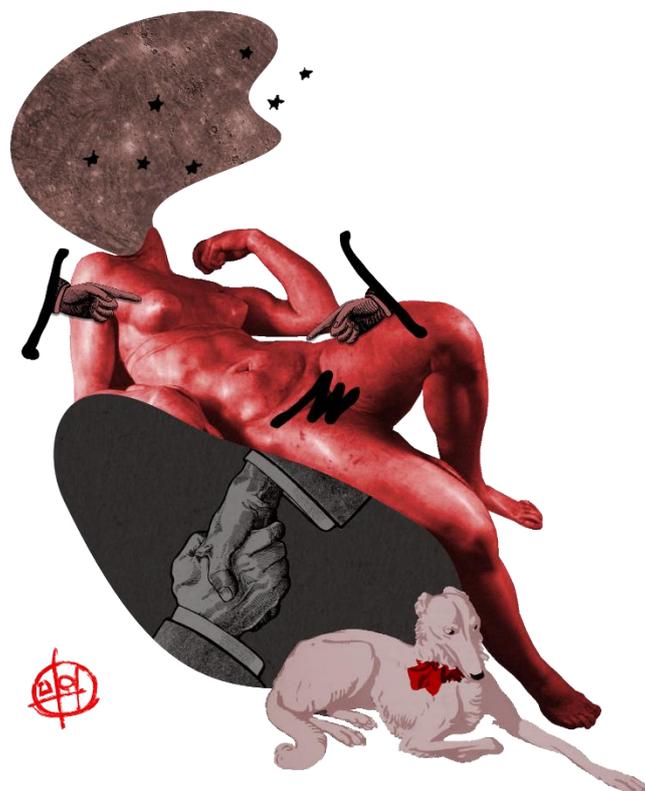
À Universidade Federal de Pelotas, é uma honra estudar em uma universidade pública e de qualidade que me transformou de tantas maneiras diferentes.

Escrever essa dissertação foi um grande desafio e uma enorme recompensa ao mesmo tempo. A Louise que escreve estes agradecimentos não é a mesma de

quando começou a escrever essa pesquisa. Eu considero que não há nada mais gratificante que isso. Já valeu a pena.

*I am afraid to own a Body —
I am afraid to own a Soul —
Profound — precarious Property —
Possession, not optional —*

I am afraid to own a Body, Emily Dickinson



Corpo-mercadoria, Magui, 2021.

Resumo

DA CAMPO, Louise. **Mulheres jornalistas em site pornográfico: uma análise discursiva pelo viés da designação**. 2021. 127f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro de Letras e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2021.

A pornografia é um tema significativo e polêmico que é alvo de inúmeras disputas discursivas em domínios distintos, como público, político, econômico, acadêmico e social. No contexto acadêmico-científico brasileiro, as pesquisas que envolvem pornografia ainda são escassas e o tema carece de discussão aprofundada. Em 2019, descobrimos, no site pornográfico Xvideos, a existência de vídeos de mulheres jornalistas brasileiras no exercício da profissão disponibilizados na plataforma como se fossem materiais pornográficos. Partindo dessa problemática, a investigação buscou compreender os efeitos de sentido estabelecidos a partir de vídeos de profissionais jornalistas trabalhando que estão hospedados no site pornográfico. A pesquisa insere-se no campo da Análise de Discurso de tradição materialista filiada em Michel Pêcheux (AD), mas não se limita apenas a esse campo. Buscamos, através deste trabalho, realizar uma aproximação entre AD com os Estudos de Pornografia (EP) de corrente teórica inglesa e estadunidense para refletir sobre o *corpus* estabelecido. Nesse sentido, o *corpus* da investigação contém quatro vídeos que compõem as sequências discursivas analisadas e que foram selecionados do site pornográfico Xvideos. As análises foram desenvolvidas pelo viés da designação, entendida como elemento linguístico, ideológico e histórico. As considerações sobre a descrição e interpretação do *corpus* indicam que o processo analisado é determinado por uma formação discursiva sexualizadora que materializa o corpo da mulher jornalista como um corpo-mercadoria disponível para venda e consumo no site pornográfico.

Palavras-chave: Análise de Discurso; Pornografia; Estudos de Pornografia; Designação

Abstract

DA CAMPO, Louise. **Women journalists on a pornographic site: a discursive analysis through the designation bias.** 2021. 127f. (Master's thesis in Languages) Advisor: Luciana Iost Vinhas. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2021.

Pornography is a significant and contentious issue that has sparked numerous debates in a variety of domains, including public, political, economic, academic, and social. Research involving pornography is still scarce in the Brazilian academic-scientific context, and the topic lacks in-depth discussion. In 2019, we discovered on the pornographic website Xvideos the existence of videos of Brazilian female journalists in the exercise of their profession, made available on the platform as if they were pornographic materials. Based on this issue, the investigation sought to understand the meaning effects established by videos of professional journalists at work that are hosted on the pornographic site. The research is inserted into the field of Discourse Analysis of the materialist tradition affiliated with Michel Pêcheux (AD), but it is not limited only to this field. Through this work, we seek to make an approximation between AD and Pornography Studies (PE) of British and American theoretical currents to reflect on the established *corpus*. In this sense, the *corpus* of the investigation contains four videos that make up the discursive sequences analyzed and that were selected from the pornographic site Xvideos. The analysis was carried out by the designation bias, understood as a linguistic, ideological, and historical element. Considerations on the description and interpretation of the *corpus* indicate that the analyzed process is determined by a sexualizing discursive formation that materializes the female journalist's body as a commodity-body available for sale and consumption on the pornographic site.

Keywords: Discourse Analysis; Pornography; Pornography Studies; Designation.

Lista de Imagens

Imagem 1: vídeo disponibilizado na plataforma Youtube no canal Mr.Smith..	13
Imagem 2: pesquisas de palavras-chave/tags.....	14
Imagem 3: palavras mais pesquisadas no Xvideos em dezembro de 2020....	38
Imagem 4: busca pela palavra "enfermeira".....	44
Imagem 5: exemplo zona pornográfica canônica.....	60
Imagem 6: exemplo zona pornográfica tolerada.....	61
Imagem 7: exemplo zona pornográfica interdita.....	63
Imagem 8: página inicial do Xvideos.....	69
Imagem 9: fotograma da SD1.....	72
Imagem 10: fotograma da página inicial da conta "puto2017".....	72
Imagem 11: recorte do fotograma da SD1.....	77
Imagem 12: recorte do fotograma da SD1.....	78
Imagem 13: resultados da tag "loira"	79
Imagem 14: incursão à tag "loira" no Xvideos.....	79
Imagem 15: busca pela designação "cavala"	83
Imagem 16: fotograma da SD2.....	84
Imagem 17: recorte do fotograma da SD2.....	86
Imagem 18: fotograma da SD3.....	87
Imagem 19: como se vestir na externa: dicas para mulheres.....	93
Imagem 20: recorte realizado na primeira incursão ao Xvideos.....	94
Imagem 21: fotograma da SD4.....	95
Imagem 22: recorte da SD4 – efeito de zoom no corpo da jornalista.....	96
Imagem 23: pesquisas relacionadas à palavra <i>teasing</i>	98
Imagem 24: resultados da primeira página em "teasing mom"	98
Imagem 25: Resultado da busca pela palavra suicídio no Google.....	106

Lista de Tabelas

Tabela 1	Zonas pornográficas de Maingueneau	59
----------	--	----

Lista de Abreviaturas e Siglas

AD	Análise de Discurso
EP	Estudos de Pornografia
AAD	Análise Automática do Discurso
SD	Sequência Discursiva
FD	Formação Discursiva
FI	Formação Ideológica
MILF	<i>Mom I would like to fuck</i>
SHEMALE	Designação para mulheres transgênero em plataformas pornográficas

Sumário

1 Prefácio	08
2 Introdução	12
3 Gênero, corpo e corpo-mercadoria	19
4 Um percurso teórico pela Análise de Discurso	31
5 Estudos de Pornografia: teorizando a pornografia	48
6 Teoria e análise entrelaçadas	67
6.1 Regularidades na composição do Xvideos.....	68
6.2 Tags que preveem outras tags.....	82
6.3 Entre o jornalismo e a pornografia: imaginários sobre a mulher jornalista.	90
7 Efeitos de Fechamento	101
8 Posfácio	108
Referências	111
ANEXOS	118

1 Prefácio

Os limites da minha linguagem são os limites do meu mundo.

Ludwig Wittgenstein

Considero importante, em um primeiro momento, situar a/o leitor/a sobre esta pesquisa científica e como se dá seu surgimento, dada a temática e abordagem incomum de que ela trata. Sou jornalista de formação e, durante o ano de 2018, desenvolvi minha monografia de conclusão de curso sobre as violências sofridas por mulheres jornalistas no exercício da profissão no Estado do Rio Grande do Sul. No mesmo ano, comecei a aprofundar o pouco conhecimento que eu tinha sobre Análise de Discurso em uma disciplina optativa em meu curso. A teoria se mostrou para mim um campo vasto de possibilidades e um desafio a ser descoberto. Foi dessa forma que cheguei na Pós-Graduação em Letras, na linha de pesquisa “*Texto, Discurso e Relações Sociais*”, na Universidade Federal de Pelotas.

Meu principal objetivo no mestrado era tentar aliar a AD a estudos sobre gênero ou sexualidade, temas pelos quais eu perambulava há um certo tempo. Mas, por onde começar? É um dos questionamentos que geralmente paira sobre a mente de uma pesquisadora.

Em uma conversa com minha orientadora, em novembro de 2019, comentei sobre o quanto estava sendo difícil encontrar o que seria o meu *corpus*, pois nada me parecia bom o bastante. Foi nesse processo de pensar minha pesquisa de dissertação que relembrei da minha monografia. Um dos tópicos de que tratei brevemente em meu trabalho foi sobre os assédios cometidos contra mulheres jornalistas na internet. Um desses casos era uma conta no Youtube chamada Mr. Smith que, semanalmente, publicava vídeos de mulheres jornalistas trabalhando, porém com um teor sexual.

Eu me recordo de ter encontrado essa conta no Youtube enquanto procurava por exemplos de mulheres jornalistas trabalhando em telejornalismo. Eu não me considerava boa nessa área do jornalismo e sentia que minha aparência não era agradável o suficiente para as câmeras, então eu acreditava que precisava estudar e treinar mais. A minha falta de desejo de trabalhar com telejornalismo se intensificou durante uma aula específica sobre as vestimentas, a maquiagem e o

comportamento que uma jornalista que trabalha nessa área precisaria ter. Resolvi buscar referências no Youtube de jornalistas trabalhando na televisão para me inspirar. Contudo, ao pesquisar o nome profissional de algumas jornalistas que eu admirava encontrei um material diferente do que esperava na conta Mr. Smith disponível na plataforma.

Em uma reunião com minha orientadora, ela estabeleceu um prazo para eu pensar em propostas para trabalharmos, e foi isso que eu fiz. Foram muitos dias pensando, buscando informações em diversas fontes e relendo minha monografia. Meu *corpus* parecia estar relacionado, de alguma forma, com a conta do Youtube que mencionei anteriormente, mas eu não conseguia identificar como abordar aquilo.

Foi nesse momento de descoberta do meu *corpus* que eu resolvi acessar um site pornográfico e pesquisar por palavras como *jornalista*, *repórter* e *apresentadora*. Resolvi fazer isso, pois comecei a refletir sobre o que eu poderia encontrar em um site pornográfico, afinal, o Youtube, que é uma plataforma de vídeos aberta para todas as idades, já continha vídeos de jornalistas com teor sexual, portanto, será que eu encontraria algo curioso em um site que é especificamente pornográfico? Era o que eu me perguntava.

Dessa forma, a primeira aproximação com o Xvideos se deu de uma maneira despreziosa e com um caráter de experimentação, guiada por várias curiosidades. “*O que será que eu encontraria nessa plataforma se pesquisasse essas palavras?*”, era o principal questionamento que eu me fazia.

Certamente o que eu imaginava era muito diferente do que eu encontrei. Eu tinha noção de que eu poderia encontrar vídeos pornográficos produzidos por estúdios, com atrizes e atores profissionais encenando situações referentes ao jornalismo. O que eu não imaginava é que encontraria vídeos de jornalistas trabalhando retirados das plataformas das emissoras de televisão brasileiras e disponibilizados no site como se fossem materiais pornográficos. Ou seja, aqueles vídeos que eu havia encontrado no canal do YouTube estavam, também, disponíveis em um site pornográfico.

A primeira imersão que realizei no site foi em 3 de dezembro de 2019. Nesse dia, coletei algumas imagens e, logo após, apresentei para minha orientadora. Entre as imagens coletadas, estavam vídeos de estúdios pornográficos e vídeos de jornalistas no exercício da profissão.

Minha principal dúvida naquele momento era: como transformar o que eu via em uma pesquisa científica? Foi nesse instante que o trabalho atento e minucioso de minha orientadora entrou em cena. Através de referências teóricas, ideias e muitas conversas, começamos a elaborar um esboço do que seria nossa materialidade de análise e nossa abordagem teórica.

Os meses de janeiro, fevereiro e março de 2020 foram marcados por inúmeras incursões no Xvideos, site pornográfico escolhido para a realização da investigação. Nessas visitas ao site, comecei a entender seu funcionamento e suas particularidades. Em janeiro de 2020, pesquisando referências teóricas sobre pornografia, encontrei os Estudos de Pornografia, e foi essa corrente teórica, atrelada à Análise de Discurso Materialista, que serviu de ponto de partida para compreender o que estava acontecendo no site que eu estava observando.

Antes de realmente começar a escrever esse trabalho, eu acessei o Xvideos, assim como me reuni com minha orientadora incontáveis vezes para observar as imagens e discutir formas de abordagem. Nesse período de três meses de incursões iniciais e de discussões teóricas, observamos que as tags (palavras-chave que guiam o processo de busca em um site; uma discursividade típica do ambiente digital) significavam muito no Xvideos. A partir disso, encontramos um viés possível para entrarmos no *corpus* através da AD: o funcionamento da designação dentro do site. Desde então, este trabalho tornou-se uma aventura em minha vida.

Enquanto uma mulher jornalista, eu me senti muito afetada pela possibilidade de ter minha imagem exposta em um site adulto apenas por executar meu trabalho. Pensando nessa agressão e invasão de privacidade e por questões éticas e responsáveis, os vídeos que contém imagens de mulheres jornalistas foram censurados, ou seja, nós ocultamos os rostos e nomes das profissionais¹. Nosso intuito é não reproduzir a violência sofrida² por essas mulheres ao serem expostas em um site pornográfico sem consentimento.

Por essa pesquisa se tratar de um processo que é coletivo e contínuo que eu opto, a partir de agora, pelo uso da primeira pessoa do plural, pois entendo essa

¹ Os links para os vídeos que compõem o *corpus* analisado estão disponíveis no Anexo I.

² Durante a defesa da pesquisa, a Profa. Dra. Raquel Recuero (parte da banca de qualificação e defesa) levantou um questionamento muito relevante para o trabalho, assim como para outras investigações que envolvem materialidades similares: como pesquisar um *corpus* como esse sem expor as vítimas a uma nova violência? A partir dessa questão, nós reformulamos a forma como apresentamos nossas materialidades e agradecemos à Profa. Dra. Raquel Recuero por sua contribuição.

pesquisa não como um esforço individual, mas como um empenho meu e de minha orientadora³.

³ Essa abordagem foi inspirada em minha colega de mestrado e pesquisadora, Millaine de Souza Carvalho, que, em sua dissertação, utiliza de uma mescla entre primeira pessoa do singular e primeira pessoa do plural durante a escrita.

2 Introdução

*Não aceito mais as coisas que não posso mudar,
estou mudando as coisas que não posso aceitar.*

Angela Davis

Entre os sites mais acessados na internet pelos brasileiros, em fevereiro de 2021, está o site adulto Xvideos, ocupando a sexta posição no ranking organizado pela plataforma *SimilarWeb*⁴, uma companhia de tecnologias de informação que ranqueia os sites com mais acessos em cada país. O site adulto está apenas atrás em acessos das consolidadas plataformas online Google, Youtube, Facebook, Instagram e Globo.

O Xvideos é um site adulto para hospedar vídeos pornográficos. No site, há milhões de vídeos de diversos países. Não é preciso comprovar a maioridade para acessar os vídeos da plataforma. Se desejado, é possível ter acesso a materiais exclusivos pagando uma taxa de assinatura mensal.

A entrada na pesquisa sobre pornografia se deu durante a delimitação do tema desta pesquisa. Enquanto pesquisávamos possíveis temáticas, tínhamos apenas uma certeza: gostaríamos de trabalhar com algum tema relacionado a mulheres. Durante o processo de decidir qual seria o enfoque do trabalho, nos deparamos com uma conta na plataforma de vídeos no Youtube chamada Mr.Smith⁵. Essa conta continha vídeos de mulheres jornalistas e apresentadoras de televisão. No entanto, o propósito não era de divulgar as reportagens e coberturas jornalísticas feitas por elas: o intuito era ser uma espécie de “catálogo” de mulheres bonitas trabalhando na televisão brasileira. Os vídeos eram editados com recursos de ampliação da imagem, focando nas partes íntimas dessas mulheres; os títulos também eram sexualizados, utilizando de palavras como *tesão*, *gostosa*, *potranca*, entre outras.

A imagem abaixo é um recorte de um dos vídeos encontrados na conta Mr. Smith na plataforma Youtube. No vídeo, uma jornalista de um programa de telejornalismo brasileiro apresenta uma notícia. O material é disponibilizado com um teor de sexualização da imagem da profissional, ele contém mais de duas mil

⁴ Disponível em: < <https://www.similarweb.com/pt/top-websites/brazil/> > Acesso em: 10 mar.2021.

⁵ Em 2020, no entanto, essa conta desapareceu do Youtube.

visualizações e alguns comentários que reafirmam esse processo de sexualização da jornalista.



Imagem 1: vídeo disponibilizado na plataforma Youtube no canal Mr. Smith. Print feito em: 03 de dezembro de 2019.

Encontrar essa conta no Youtube nos despertou uma curiosidade: se, em uma plataforma como o Youtube, que é de acesso livre para todas as idades, encontramos vídeos com esse teor sexual, circulando normalmente e utilizando da imagem de mulheres jornalistas como um objeto de sexualização, o que poderíamos encontrar em um site pornográfico?

Tendo isso em mente, decidimos fazer uma busca inicial por palavras-chave no site Xvideos, o site pornográfico mais acessado no Brasil. Essa primeira busca foi realizada antes do início da pesquisa, em dezembro de 2019. No entanto, nós refizemos esse rastreamento em 05 de março de 2021, procurando pelas palavras-chave (conhecidas como tags⁶) *repórter*, *jornalista* e *apresentadora*. Encontramos, nessa busca, 1045 vídeos que estavam anexados à palavra *repórter*, porém, constatamos uma segunda busca recorrente no site feita através dos enunciados “repórter da

⁶ Já destacaremos que as palavras-chave/tags utilizadas em sites pornográficos não refletem, necessariamente, os elementos que compõem a prática de sexualização materializada no vídeo, pois são escolhas do sujeito-usuário que hospeda o vídeo na plataforma. Essa questão será melhor aprofundada no capítulo sobre Estudos de Pornografia.

Globo” e que possuía 69.423 vídeos anexados. Com a palavra *jornalista* encontramos 50 vídeos que utilizaram a tag. Já com *apresentadora*, apareceram 84 vídeos. Além disso, fizemos pesquisas adicionais na língua inglesa, tendo em vista que a plataforma é internacional. Nessas novas buscas, os números de vídeos encontrados foram ampliados, assim como a diversidade de produções. Além disso, também nos deparamos com vídeos específicos que utilizavam os nomes de jornalistas brasileiras.



Imagem 2: pesquisas de palavras-chave/tags. Print feito em: 05 de março de 2021.

Após inúmeras incursões e observações, constatamos que os vídeos encontrados podem ser separados em três categorias principais: 1) vídeos produzidos por estúdios pornográficos, nos quais atrizes e atores profissionais encenam uma situação onde alguém exerce o papel de jornalista; 2) vídeos que utilizam os nomes de jornalistas brasileiras alegando que são vídeos íntimos vazados; 3) vídeos de jornalistas brasileiras exercendo a profissão que, originalmente, estão disponíveis na plataforma da emissora na qual trabalham, mas que foram deslocados para o site pornográfico.

Para refletir sobre o tema proposto, a presente pesquisa insere-se no campo da Análise de Discurso de tradição materialista filiada em Michel Pêcheux (AD), mas não se limita apenas a esse campo. Busca-se, através deste trabalho, uma aproximação entre a AD e os Estudos de Pornografia (EP) da corrente teórica inglesa e estadunidense para refletir sobre o *corpus* estabelecido.

Definir a AD não é simples, pois ela não é apenas uma teoria e também não pode ser compreendida como uma metodologia de análise. Conforme Orlandi

(2009), a AD é uma ciência de entremeio, uma vez que sua constituição se dá na relação entre diferentes campos do conhecimento. O quadro epistemológico da AD, proposto por Pêcheux e Fuchs (1997 [1975]), é composto pela articulação entre três regiões do conhecimento científico: o Materialismo Histórico, a Linguística e a Teoria do Discurso. Além disso, essas três regiões também são atravessadas, segundo os autores, por uma teoria da subjetividade de natureza psicanalítica. Dessa forma, como afirma Ferreira (2003), a AD constrói seu objeto teórico e estabelece os procedimentos de análise na interação com as regiões de conhecimento que a compõem.

Os Estudos de Pornografia (EP) possuem um caráter interdisciplinar, sendo estudados em diversas áreas do conhecimento. Após diversas pesquisas e colaborações entre pesquisadores do mundo todo, os EP foram reconhecidos efetivamente como um campo de estudo próprio em 2014, com a criação do periódico internacional *Porn Studies*, dedicado a explorar criticamente a pornografia em seu contexto sociocultural, econômico, histórico, institucional e legal. Nesse periódico, são reunidos os trabalhos de pesquisadores do mundo inteiro que estão pesquisando e estudando a pornografia. É o primeiro espaço voltado para discutir a pornografia como uma área autônoma de estudo (ATWOOD; SMITH, 2014).

Utilizamos tanto da constituição epistemológica da AD quanto da interdisciplinaridade dos EP para possibilitar uma conversa entre os campos do conhecimento, visando aprofundar e entender a mesma questão sob uma ótica mais singular. Acreditamos que só assim é possível que nossa análise cresça teórica e criticamente.

A pornografia é um tema significativo e polêmico em diversos domínios, como o público, político, acadêmico e social. Assim como outras áreas do conhecimento, a pornografia também precisa de um espaço próprio para pesquisa e debate crítico feito de forma responsável e embasado teoricamente.

A justificativa para pesquisar o tema parte, inicialmente, do desejo de contribuir para a ampliação dos estudos que envolvem gênero e sexualidade na Análise de Discurso, que ainda possui um número limitado de trabalhos nessas temáticas. Foi a partir desse desejo que descobrimos os Estudos de Pornografia e encontramos um campo imenso para nos aprofundarmos.

Os Estudos de Pornografia não estão demarcados em instituições de pesquisa brasileiras. A pornografia ainda é debatida no país sob as lentes teóricas e

metodológicas da sociologia, antropologia e psicologia. Nesse contexto, mobilizamos os Estudos de Pornografia como uma nova forma de pensar e debater a pornografia e seu amplo acesso nas plataformas de vídeo, assim como a livre formulação e circulação desses discursos sem uma devida problematização.

Diante dessas questões, e tomando a Análise de Discurso e os Estudos de Pornografia como campo de trabalho teórico-analítico, a presente pesquisa tem como objetivo geral analisar os efeitos de sentido produzidos por enunciados que estão vinculados a vídeos de mulheres jornalistas no exercício da profissão que foram disponibilizados na plataforma Xvideos.

Tal objetivo nos norteia para outros objetivos específicos:

1) realizar uma aproximação dos estudos da escola francesa de Análise de Discurso aos Estudos de Pornografia;

2) analisar títulos e tags atribuídos aos vídeos disponibilizados no Xvideos, a fim de compreender como o processo de designação pornográfica ressignifica o imaginário da mulher jornalista;

3) investigar como é construído o imaginário da mulher jornalista na pornografia, observando como essa construção pode estar associada à forma como o imaginário da mulher jornalista é construído na própria produção jornalística⁷.

Tanto a AD quanto os EP não dispõem de uma metodologia pré-estabelecida que possa ser aplicada a diversos tipos de *corpus*. É preciso elaborá-la a partir da materialidade que será analisada. Nesse sentido, na análise do *corpus*, utilizaremos conceitos fundamentais da AD, como discurso, imaginário, interdiscurso, formação discursiva e designação. Os EP entram, nesse contexto, como uma forma de compreender a pornografia a partir do seu próprio campo de estudo, que a pensa de maneira crítica e singular.

O caráter da pesquisa em AD é de um gesto analítico, pois é algo muito singular, dependendo da maneira como a analista⁸ conduz a análise. Nos aproximamos do *corpus* deste trabalho através de um estranhamento (ERNST, 2009) causado ao encontrarmos vídeos de mulheres jornalistas trabalhando em um

⁷ Importante referir que a produção jornalística está situada ideologicamente na sociedade patriarcal. Portanto, o imaginário é fruto das determinações da formação social patriarcal em que estamos inseridas.

⁸ Optamos por utilizar “a analista” no decorrer do texto, pois, dessa forma, o masculino não é tomado como padrão de linguagem. Reconhecemos que a linguagem materializa a ideologia e estamos buscando manifestar uma identificação com uma linguagem que não generalize as palavras ao masculino e que não o utilize como gênero universal.

site pornográfico. Essa inquietação nos despertou questionamentos de ordem sócio-histórico-ideológica.

Durante as incursões realizadas no Xvideos, selecionamos cerca de 20 vídeos que continham mulheres jornalistas trabalhando e fizemos capturas da tela para, posteriormente, selecionar as sequências discursivas para compor o *corpus*. A partir dessas capturas, selecionamos quatro para serem analisadas. O procedimento analítico do *corpus* foi realizado a partir de um batimento entre teoria (conceitos da AD relacionados às teorizações dos EP) e análise. Nesse sentido, analisamos o *corpus* e o relacionamos com a teoria e vice-versa. Foi nesse processo de construção que conseguimos observar as especificidades que constituem nossa materialidade de análise.

Esta pesquisa está dividida em quatro capítulos, adicionados a estes o prefácio, a introdução, os efeitos de fechamento e o posfácio. Na presente introdução, apresentamos o tema de trabalho, o problema de pesquisa, a justificativa e os objetivos. No primeiro capítulo, discutimos sobre gênero, corpo e corpo-mercadoria, realizamos uma mobilização teórica por estudos sobre gênero e estudos sobre corpo na AD. Logo, mobilizamos conceituações trazidas de Karl Marx para pensar a noção de corpo-mercadoria⁹.

No segundo capítulo, realizamos um percurso teórico pela Análise de Discurso Materialista, onde trazemos noções teóricas importantes para nossa investigação e para a análise das sequências discursivas. Em seguida, no terceiro capítulo, apresentamos os Estudos de Pornografia, que embasam a reflexão sobre a plataforma pornográfica e suas especificidades. Neste capítulo, realizamos um breve resgate histórico sobre os Estudos de Pornografia, no qual abordamos: seu surgimento, os conflitos e as pesquisas importantes realizadas dentro do campo. Em ambos os capítulos mencionados, mobilizamos os conceitos fazendo uma relação com exemplos retirados do próprio Xvideos, para possibilitar um melhor entendimento sobre as regularidades da plataforma pornográfica.

No quarto capítulo, retomamos conceitos trabalhados nos capítulos anteriores para embasar nossa análise, instaurando nosso processo descritivo-interpretativo das sequências discursivas selecionadas. Selecionamos quatro vídeos de mulheres

⁹ Agradecemos à Profa. Dra. Evandra Grigoletto pela sugestão de refletir sobre o corpo feminino no site pornográfico o relacionando com a noção de mercadoria, empreendida durante a banca de qualificação desta dissertação.

jornalistas trabalhando que foram disponibilizados no Xvideos. São eles que compõem as sequências discursivas da pesquisa. Por fim, chegamos aos efeitos de fechamento, para discutirmos questionamentos já levantados na pesquisa, assim como reflexões sobre a contribuição da Análise de Discurso e dos Estudos de Pornografia para o presente trabalho.

3 Gênero, corpo e corpo-mercadoria

Do corpo. Mas que é o corpo?

Ferreira Gullar

Em 1949, a pesquisadora Simone de Beauvoir, em sua obra *O Segundo Sexo*, apresentou a afirmação – muito polêmica, na época – de que não se nascia mulher, se tornava. O que Beauvoir (1949) estava propondo com essa constatação era uma nova perspectiva sobre as relações de gênero; sua proposta teórica indagava as relações entre características sexuais e a construção social da mulher. Seu trabalho desempenhou um papel muito importante na segunda onda do feminismo e também marcou novos olhares sobre a categoria de gênero.

A noção de gênero é uma categoria teórico-analítica estudada em diversos campos de conhecimento, como antropologia, sociologia, filosofia, história, linguística, psicanálise, etc. Conforme aponta a historiadora norte-americana e pesquisadora da história das mulheres a partir da perspectiva de gênero Joan Scott (1995, p. 72), a utilização da categoria de gênero pelas feministas buscava “ênfaticamente o caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo”.

A principal preocupação das feministas era de que os estudos sobre as mulheres eram muito reduzidos e não utilizavam o gênero como categoria teórico-analítica (SCOTT, 1995). As pesquisas sobre mulheres e homens eram realizadas, na maioria das vezes, separadamente. Diante disso, essa nova concepção teórica buscava compreender os gêneros a partir da relação social entre eles.

Atualmente, após inúmeras pesquisas, estudos e contestações a partir de diversas perspectivas e posições antagônicas, é possível dizer que qualquer noção sobre feminino e masculino que é dada como verdade pode ser contestada. Como já apontava a antropóloga brasileira Lia Zanotta Machado (1998, p. 110), há apenas um consenso que pode ser estabelecido a partir dos estudos de gênero: “não há consenso sobre qualquer natureza do feminino e do masculino”.

Ao discutir e refletir sobre questões relacionadas às noções de gênero, são evocados inúmeros *já-ditos* de diversos movimentos como feminista, LGBTQIA+, assim como movimentos conservadores que entendem o gênero enquanto ideologia a ser combatida. Mas há, sobretudo, um efeito de sentido que é dominante: a noção de gênero como algo binário e que exclui outras identificações possíveis.

Mulheres e homens sempre foram colocados em um campo binário. Há construções imaginárias sobre o que é ser homem e o que é ser mulher; o que é feminino e o que é masculino. Existem, por exemplo, coisas para mulheres e existem coisas para homens; para mulheres há um espaço, para homens há outro; há um tipo de trabalho para mulheres e há um tipo de trabalho para homens. Até as questões mais simples são binárias, como: “menina veste rosa, menino veste azul”. Essa binaridade, presente em todas as relações sociais, molda também as relações entre gêneros e, conseqüentemente, as relações de poder.

As concepções sobre gênero atuam como formas de significar as relações de poder a partir das diferenças de características sexuais entre feminino e masculino; tais diferenças agem como um marcador social que determina não apenas as práticas sociais, mas também os espaços que são destinados ao feminino e ao masculino, já que ambos são separados por categorizações que são muito diferentes (SCOTT, 1995). Ademais, são essas diferenciações estabelecidas em sociedade que colaboram para as desigualdades sociais entre gêneros.

Entretanto, na medida em que a sociedade vai se modificando, essas representações e relações de gênero também se transformam. O movimento feminista, por exemplo, desempenha um papel importante nesse contexto, pois é a partir do feminismo que as mulheres começam a confrontar os espaços que lhes foram designados ao longo da história.

É a introdução das mulheres nos ambientes acadêmicos que começa a possibilitar uma maior representação feminina em diversas profissões. Conforme as mulheres foram adentrando as universidades de forma mais expressiva, esses ambientes também foram se modificando através da feminização do espaço universitário. Como explica Rago (1998), desde os anos 1970, no Brasil, as mulheres começaram a ocupar os ambientes acadêmicos e a construir suas histórias. De acordo com a autora, essa nova configuração da Academia trouxe outras perspectivas, conhecimentos, ideias, olhares e problematizações sobre a sociedade.

Histórias da vida privada, da maternidade, do aborto, do amor, da prostituição, da infância e da família, das bruxas e loucas, das fazendeiras, empresárias, enfermeiras ou empregadas domésticas, fogões e panelas invadiram a sala e o campo de observação intelectual ampliou-se consideravelmente. O mundo acadêmico ganhava, assim, novos contornos e novas cores (RAGO, 1998, p. 90).

Outra contribuição importante dos estudos de gênero foi a sexualização das experiências humanas na concepção teórico-analítica das pesquisas. Como afirma Rago (1998), foi o ato de sexualizar as relações sociais que permitiu que os pesquisadores percebessem como trabalhavam em uma perspectiva dessexualizadora. Entender que o sexo é parte constitutiva das experiências é um grande passo dentro dessa concepção teórica, pois, por muito tempo, não se incorporava essa noção na categoria analítica.

É claro que não estou me referindo apenas à importância dos estudos da sexualidade, como a história do amor, das práticas sexuais, da prostituição ou da homossexualidade. Muito mais do que isto, penso na dimensão sexual que constitui nossa subjetividade e que habita nossas práticas cotidianas, muito além das relações especificamente sexuais, como as entendemos. Uma partilha cultural que se tem até recentemente considerado como fundamental entre o universo masculino e o feminino, separando os corpos e opondo-os entre si (RAGO, 1998, p. 92).

De acordo com Rago (1998, p. 92), questões referentes ao desejo e ao sexo eram pouco problematizadas; as categorias teórico-analíticas utilizadas eram pouco flexíveis e mais racionais do que emocionais, não abarcando questões “psíquicas, intuitivas, sentimentais e afetivas”.

Essa nova reivindicação teórica por parte das pesquisadoras vinha com o intuito de uma melhor compreensão da histórias das mulheres através do tempo. Era preciso, de certa forma, encontrar categorias adequadas para entender os mundos femininos e possibilitar novas interpretações na percepção masculina (RAGO, 1998).

A historiadora Michelle Perrot, em seu livro *Minha História das mulheres* (2007), destaca que os corpos feminino e masculino sempre estiveram marcados na história da humanidade. Para a autora, o corpo não é um simples objeto, tampouco um corpo que é imóvel; para ela “o corpo tem uma história, física, estética, política, ideal e material” (PERROT, 2007, p. 41).

No entanto, o corpo feminino foi ignorado por muito tempo. Como aponta Perrot (2007), as questões abordadas em relação às mulheres se limitavam a uma preocupação demasiada sobre questões relacionadas a idade, corpo físico, cabelo, maternidade e trabalho doméstico. Esses discursos foram perpassando o tempo e materializando sentidos sobre as mulheres, as colocando também em uma posição subalterna aos homens. Não é à toa que, em diversos espaços, ainda há uma sub-

representação feminina, devido às décadas em que as mulheres foram afastadas desses ambientes.

No campo da pesquisa, esse silêncio sobre as experiências, vivências e representações das mulheres se deu, principalmente, por uma ausência de registros sobre o corpo feminino. São poucos os dados, estudos e pesquisas sobre mulheres feitos no passado. Como já apontado, as questões referentes às mulheres eram pautadas e estudadas por homens, ou seja, os discursos materializados a partir daí eram percepções masculinas e o imaginário construído foi derivado dos olhares dos homens sobre as mulheres.

É a partir dessa percepção do gênero como um dos norteadores das relações sociais que as pesquisadoras e analistas de discurso Mônica Zoppi-Fontana e Ana Josefina Ferrari (2017, p. 9) colocaram a necessidade de se refletir sobre o funcionamento da interpelação ideológica como algo “sempre-já-gendrado, ou seja, que sofre a sobredeterminação de identificações simbólicas de gênero e sexualidade”. A partir dessa concepção, é possível estabelecer reflexões sobre várias questões relacionadas ao sujeito, como as posições-sujeito, as condições de produção, a memória discursiva e noções sobre corpo (ZOPPI-FONTANA; FERRARI, 2017).

Todas essas discussões em torno das questões de gênero e sexualidade possibilitam às pesquisadoras e analistas de discurso – como aponta Zoppi-Fontana e Ferrari (2017) – um campo proveitoso para refletir, estudar e pesquisar as noções de sentido e de constituição do sujeito. Essas noções atuam diretamente no imaginário social, na interpelação ideológica e nas formas de significação.

Os discursos engendram o corpo feminino a partir de diversos domínios do saber como literário, científico, jurídico, médico, etc. Como apontam Courtine e Haroche (1988) o corpo fala e faz isso a partir de memórias e formações discursivas diferentes.

Na AD, o corpo é entendido como discursivo (FERREIRA, 2011). Segundo Ferreira (2011, p. 100), “é possível conceber o corpo como um lugar de simbolização, um lugar falado pelas palavras, pela língua”. Nesse sentido, o corpo é afetado tanto pela ideologia quanto pelo inconsciente, e é através do corpo que o sujeito se inscreve no mundo (FERREIRA, 2013). Além disso, as relações sociais e de poder também se dão a partir do corpo.

Quando pensamos no corpo como discursivo, ou seja, não empírico, biológico e orgânico, significa, como explica Ferreira (2013), que a AD o entende como um objeto discursivo, como uma materialidade que é construída pelo discurso, que está configurada em limites e que pode se submeter à falhas.

Para dar vida e fôlego a essa formulação, torna-se necessário a inclusão do real do corpo como categoria incontornável do campo discursivo. O corpo entraria no dispositivo como constructo teórico e lugar de inscrição do sujeito. Esse corpo que fala seria também o corpo que falta, donde a inclusão da noção de **real do corpo**, ao lado do real da língua e do real do sujeito (FERREIRA, 2013, p. 78, grifos da autora).

De acordo com Souza (2010, p. 1), o corpo é, primeiramente, mesmo que na teoria, carne. O pesquisador designou o processo em que a carne passa a corpo de “discursivização da carne”. Em outras palavras: a carne possui apenas uma existência teórica, já que desde sempre estamos inseridos no simbólico. Dessa forma, a carne se configura como real do corpo, como aquilo que é impossível de simbolizar, ou como aquilo “que resiste à discursivização absoluta” (SOUZA, 2010, p. 5).

Essa passagem da carne ao corpo é atravessada pelo discurso. Devido a isso, esse processo implica ideologia, história, língua e linguagem. Por conseguinte, o corpo é constituído a partir dos sentidos que são materializados pelos sujeitos em determinadas condições de produção, e, com isso, como explica Souza (2010, p. 8), “a discursivização da carne constrói o sujeito”.

Conforme Souza (2010), a carne está “imbricada desde sempre à ordem do discurso” e tem seu funcionamento em uma determinada formação discursiva e em um determinado espaço social. Nesse sentido, a carne é afetada também por outros corpos discursivizados em outras formações discursivas e espaços. Sendo assim, o sujeito é sempre “sujeito da ideologia e sujeito do desejo inconsciente” (HENRY, 1992), já que os corpos são, primeiramente, atravessados pela linguagem.

O corpo não pode ser separado de sua subjetividade, pois, como explica Vinhas (2014, p.110), o corpo “não só pode ser compreendido como materialidade discursiva, mas, também, como a própria subjetividade”.

Quando pautamos a relação entre sujeito e corpo na teoria, reconhecemos que o corpo não é apenas um organismo natural, mas é parte da subjetividade do sujeito (BALDINI; SOUZA, 2012), ou seja, corpo e discurso se relacionam:

O corpo é não só *um* suporte material do discurso, mas talvez o mais importante de todos. E mesmo deveríamos pensar em considerá-lo, como vimos tentando fazer, apesar dos percalços de ordem teórica, como o próprio *lugar* do discurso. Com isso, queremos dizer que discurso é sujeito e sujeito é corpo; não um corpo completo, unívoco, mas, pelo contrário, um corpo de ambiguidades, ou, para ser mais próximo do que queremos enunciar, um corpo de contradições, tal como *sujeito* e *discurso*, ou o *discurso do sujeito* (BALDINI; SOUZA, 2012, p. 77, grifos dos autores).

O imaginário de corpo feminino, como apontado previamente, é construído a partir de interpretações vindas da masculinidade: são os olhares sobre o “*outro corpo*”; esse corpo que é diferente do corpo dos homens que estabelece não apenas um imaginário, mas também discursos sobre o que o corpo feminino representa e pode fazer.

Há um imaginário vasto que deriva de uma sociedade patriarcal sobre o corpo das mulheres, como: representante do lar, mãe, avó, gestante, sedutora, promíscua, pecadora, etc. Todos esses imaginários são sustentados pela base do corpo-mercadoria. A partir das reflexões sobre gênero e corpo, somamos à nossa discussão a concepção marxista sobre mercadoria para refletir sobre a noção de corpo-mercadoria em nossa pesquisa.

Para Marx (1996, p. 165), a mercadoria é, primeiramente, um objeto que é externo, “uma coisa”, ou seja, algo que satisfaz as necessidades humanas, sejam quais forem. Contudo, a origem dessas necessidades, se surgem “no estômago ou da fantasia, não altera nada na coisa”.

Marx (1996) explica que não importa se essa coisa satisfaz a necessidade humana imediatamente como um meio de subsistência, como um objeto de consumo, ou se ela satisfaz de forma indireta, agindo como um meio de produção, que atribui valor – de uso ou de troca. Nesse sentido, para Marx (1996), a mercadoria tem um duplo caráter: o seu valor de uso e o seu valor de troca.

É a utilidade de uma coisa, segundo Marx (1996), que a determina como valor de uso. Nesse sentido, o valor de uso se concretiza a partir do consumo da mercadoria.

Essa utilidade, porém, não paira no ar. Determinada pelas propriedades do corpo da mercadoria, ela não existe sem o mesmo. O corpo da mercadoria mesmo, como ferro, trigo, diamante etc. é, portanto, um valor de uso ou bem (MARX, 1996, 166).

Mas a fundamentação do valor não está na variedade de qualidades que diferenciam as mercadorias a partir de suas utilidades, ou seja, o valor de uso. Como explica Grespan (2021), a utilidade das mercadorias é tão grande e variada que não há como fornecer uma base de comparação geral. A única qualidade comum entre as mercadorias é de ser fruto do trabalho humano, já que é ele que determina o valor das mesmas (MARX, 1996).

Já o valor de troca consiste em uma relação que é quantitativa. Ela funciona, de acordo com Marx (1996, p. 166), como “a proporção na qual valores de uso de uma espécie se trocam contra valores de uso de outra espécie”. Essa relação, no entanto, se modifica frequentemente através do tempo e do espaço. Para exemplificar, o autor utiliza o exemplo do trigo: 1kg de trigo é uma mercadoria; essa mercadoria pode ser trocada por determinada quantidade de graxa de sapato, ou x quantidade de seda, ou y quantidade de outro produto. Essas trocas demonstram que uma mercadoria não possui apenas um valor de troca, mas sim vários.

A respeito das noções de valores, Marx (1996) aponta que o valor de uma mercadoria se estabelece a partir da relação com outras mercadorias. Nesse contexto, para Marx (1996, p. 170), o mesmo sucede ao indivíduo, pois ele se espelha, primeiramente, em outro indivíduo. É essa relação com seu semelhante que permite que ele se reconheça como ser humano, por exemplo.

De acordo com Marx (1996), a mercadoria também possui um caráter fetichista. O autor aponta que a mercadoria, quando finalizada – a partir dos esforços do trabalho humano –, não possui um valor real de venda. Segundo ele, o valor que a mercadoria recebe é irreal e infundado, pois o trabalho humano não é mensurado. Devido a isso, segundo Marx (1996), a mercadoria acaba perdendo sua relação com o trabalho e acaba ganhando uma própria vida. Como destaca Grespan (2021, p. 44), o fetichismo tem como caracterização geral “projetar nas coisas características próprias à sociabilidade capitalista”.

Marx (1996, p. 33) entende esse fenômeno como fetichismo da mercadoria. Esse fetichismo diz respeito às relações entre os produtos frutos do trabalho humano com os indivíduos¹⁰. No decorrer do processo de produção, a mercadoria é, inicialmente, apenas uma matéria que é moldada e transformada em um objeto útil

¹⁰ Em sua obra original, Marx (1996) utiliza a palavra “homens”, mas, na proposta do nosso trabalho, acreditamos ser melhor utilizar a palavra “indivíduos”, pois, dessa forma, incluímos diferentes identificações de gênero.

pelo trabalhador. No entanto, no momento em que essa mercadoria é posta à venda, quem a produziu perde o controle sobre sua criação e “o destino dele passa a depender do movimento das coisas, que assumem poderes enigmáticos. Enquanto as coisas são animizadas e personificadas, o produtor se coisifica”. Isto significa que, além de os sujeitos viverem em um mundo de mercadorias, eles também vivem em um mundo de fetiches. Entretanto, esse fetichismo das mercadorias é amplificado através do fetichismo do capital, já que o capital está incorporado em todas as coisas e produtos criados pelos sujeitos.

O que acontece na formação social capitalista é que, conforme as mercadorias espalham-se pelos segmentos da sociedade, as relações sociais também mudam, isto é, elas deixam de ser vínculo entre pessoas e passam a ser vínculo entre as coisas (GRESPLAN, 2021). Esse novo vínculo não apenas divide o trabalho como também estabelece os desejos de quem consome.

Marx (1996) desenvolveu a noção de fetichismo partindo da ideia de que, no momento em que as relações entre pessoas ganham um caráter objetivo, as coisas, por sua vez, ganham caráter subjetivo. A escolha da designação fetichismo vem da palavra “fetice”, que deriva de “feitiço”, ou seja, algo que está enfeitiçado e, como aponta Gresplan (2021), algo que está se movendo como se tivesse vida e um poder misterioso. Quando Marx (1996) escolhe esse termo é com o intuito de explicitar que há um padrão utilizado para trocar as mercadorias, que seria o valor de uso – as qualidades e utilidades da mercadoria.

De acordo com Gresplan (2021), é como se a mercadoria viesse à frente das relações sociais de troca, como se o valor de troca fosse estabelecido a partir da utilidade e qualidade da mercadoria e não da sociabilidade do trabalho. Justamente por essa razão que o pesquisador explica que, quando as relações humanas se coisificam, as relações das coisas ganham subjetividade e vida. Não é à toa que na mídia é comum observar expressões que atribuem características humanas às mercadorias, como o “mercado está nervoso” (GRESPLAN, 2021, p. 45).

Pensando nessas relações entre gênero, corpo e mercadoria durante as reflexões realizadas nesta pesquisa, começamos a nos questionar: seria possível entender o corpo das mulheres na pornografia como um corpo-mercadoria? Ou seja, um corpo com valor de uso e valor de troca, no qual a própria materialidade corpórea seria o produto que sofreria esse processo de fetichização ao qual Marx se refere?

A partir das teorizações propostas pela teoria marxista a respeito de mercadoria, **entendemos o corpo feminino como um corpo-mercadoria na pornografia**¹¹. Quando pensamos especificamente nos vídeos de mulheres jornalistas no exercício da profissão disponibilizados no Xvideos, percebemos que há uma relação de valor presente ali, tal como acontece com a mercadoria na visão marxista. Contudo, aqui, o corpo da mulher jornalista é a própria mercadoria.

No momento em que os vídeos das reportagens – onde as mulheres jornalistas aparecem trabalhando – são disponibilizados nos websites das emissoras em que trabalham, ou, até mesmo, transmitidos na televisão, o controle sobre o que foi produzido é perdido e esse destino depende, em uma visão marxista, do movimento que essas coisas vão tomar. No entanto, acrescentamos, a partir da AD, que os discursos e seus efeitos de sentido também atuam e assumem posição dominante no destino e na significação desses produtos – os vídeos.

Entendemos que o corpo, assim como a mercadoria, passa pelo processo de mercantilização e consumo na sociedade contemporânea, que é marcada pelos preceitos do capitalismo. Pensar sobre corpo não é refletir sobre o mesmo de maneira isolada, pois é preciso relacioná-lo com as condições sócio-histórico-ideológicas de produção, posto que esse corpo passa por transformações ao longo do tempo.

A AD entende, a partir de sua base materialista, que “toda formação social é resultado de um modo de produção dominante” (ALTHUSSER, 1985, p. 54). Dessa forma, as relações na formação social brasileira seguem os preceitos do capitalismo, pois é o modo de produção dominante, não apenas no Brasil, mas em diversos países.

Nesse contexto, na configuração social, cultural, econômica e ideológica atual, as mercadorias não são apenas os produtos frutos do trabalho humano – aqueles que possuem alguma utilidade para o dia-a-dia. A noção de mercadoria atinge um outro nível, onde características, atributos, conhecimentos e o próprio corpo também são entendidos como mercadorias, ou seja, inteligência, juventude, beleza e o corpo podem ser vendidos e comprados.

Essa sociedade de consumo não se organiza em uma lógica de sobrevivência, como explica Baudrillard (2008); ao invés disso, a lógica está na

¹¹ Estamos falando sobre pornografia porque se trata do nosso objeto de estudo, o que não significa que, em outros espaços, não seja entendido também dessa forma.

função do sentido que essa sociedade dá à vida. Desse modo, o valor do ser se sobrepõe ao valor econômico (BAUDRILLARD, 2008).

nunca se consome o objeto em si (no seu valor de uso) – os objetos (no sentido lato) manipulam-se sempre como signos que distinguem o indivíduo, quer filiando-o no próprio grupo tomado como referência ideal quer demarcando-o do respectivo grupo (BAUDRILLARD, 2008, p. 66).

A mercadoria deixa de ter como premissa a utilidade e o satisfazer das necessidades dos seres humanos, a partir do seu valor de uso. A mercadoria, nesse novo contexto, precisa ser entendida em seu funcionamento. Esse, por sua vez, se dá de diversas formas: como *status*, como conforto, como prazer, etc. De acordo com Baudrillard (2008, p. 89), as mercadorias não estão mais ligadas apenas a funções e necessidades: elas correspondem também a outra coisa, “quer seja a lógica social quer seja a lógica do desejo”. Nesse sentido, o *status* pode pertencer ao carro novo comprado no último mês; o conforto pode estar no ar condicionado adquirido para o verão e o prazer pode pertencer a um site pornográfico que é consumido toda semana pelo sujeito-usuário.

O corpo é discurso (FERREIRA, 2011); e se é discurso também é ideologia. Em uma sociedade onde a ideologia dominante é a capitalista, a ideologia que será materializada no corpo seguirá os preceitos do capitalismo, pois não há como fugir da formação capitalista no corpo.

Como consequência, isso tem efeitos nas formulações que acontecem no espaço digital também, ou seja, essas formulações interpelam o sujeito-usuário a consumir um determinado corpo em detrimento de outro em um site pornográfico, por exemplo.

De acordo com Arruzza, Bhattacharya e Fraser (2019), o capitalismo estabelece também novos modelos de sexismo, os quais são mais modernos e sustentados por novas estruturas institucionais. Em um contexto social dominado pelas redes sociais, as significações sobre o corpo se reconfiguram.

Os corpos estão disponíveis no site pornográfico, por exemplo, como uma mercadoria à venda no mercado. O corpo-mercadoria é o efeito de sentido que funciona a partir do corpo. O corpo feminino, especificamente o corpo da mulher jornalista, possui um funcionamento discursivo de um objeto a ser consumido. Na formação social capitalista tudo o que existe simbolicamente está existindo como

uma forma de ser consumida; portanto, o corpo também ganha esse sentido de mercadoria.

Mas, se os corpos de mulheres na pornografia são corpos-mercadoria, quem os consome? Ou seja, esses corpos estão à disposição de quem?

Se existe um corpo-mercadoria disponível no site pornográfico é porque existe também alguém que o consome¹². E esse alguém é o **sujeito-usuário-consumidor**, que, ao clicar em um vídeo, deixar uma curtida ou postar um comentário, marca sua posição no discurso. Há, portanto, uma relação de dependência entre sujeito-usuário-consumidor com o corpo-mercadoria, pois esse só existe em uma relação com o sujeito que é também usuário e consumidor.

Contudo, se existe o vídeo disponível no Xvideos, é porque também existe alguém que o produziu e o disponibilizou na plataforma: esse é o **sujeito-usuário-produtor**. Em nosso *corpus*, os vídeos são deslocados dos sites jornalísticos e recolocados no espaço pornográfico. Nesse processo, novos títulos são atribuídos ao material, assim como as tags são selecionadas.

Além disso, em alguns casos, o sujeito-usuário-produtor¹³ modifica o vídeo com edições, o transformando em um novo produto. Isso se configura como um processo de autoria na plataforma, isto é, mesmo que se trate de um material que parece já estar “fechado”, esse processo de estabelecer títulos, selecionar as designações que serão tags e modificar o vídeo com edições pode ser entendido como autoria do sujeito-usuário-produtor.

Estabelecemos as diferenças entre sujeito-usuário-produtor e sujeito-usuário-consumidor a partir da categoria de sujeito enunciador em AD. O sujeito-usuário que, ao mesmo tempo, é sujeito-enunciador (aquele que coloca o discurso em circulação) ao ocupar um lugar determinado na plataforma pornográfica, seja de produtor ou consumidor, se subjetiva a partir de onde está inserido. Por conseguinte, os efeitos de sentido derivados a partir de onde eles enunciam são diferentes.

Para refletirmos sobre os efeitos de sentido a partir do deslocamento dos vídeos de mulheres jornalistas para o site pornográfico, precisamos retornar ao famoso exemplo trazido por Pêcheux (2015 [1983]). Em seu livro *O discurso*:

¹² É importante ressaltar que em nossa pesquisa estamos trabalhando com o site pornográfico Xvideos, mas o corpo-mercadoria poderia estar em qualquer site ou rede social, tendo em vista os preceitos da formação social capitalista.

¹³ Qualquer sujeito-usuário pode hospedar materiais no Xvideos, basta ser maior de idade e criar uma conta seguindo os procedimentos indicados pelo site.

Estrutura ou Acontecimento, Pêcheux (2015 [1983]) faz uma análise do enunciado “*On a gagné*” (*ganhamos*, em francês), que foi utilizado em maio de 1981 na vitória de François Mitterrand nas eleições para presidente na França. Como explica Pêcheux (2015 [1983], p. 21), a materialidade discursiva desse enunciado é bastante particular, pois “ela não tem nem o conteúdo nem a forma nem a estrutura enunciativa de uma palavra de ordem de uma manifestação ou de um comício político”.

Na verdade, “*on a gagné*” era utilizada de forma cantada em uma melodia específica por torcedores de uma partida esportiva quando sua equipe ganhava. O que Pêcheux (2015 [1983]) apresenta em sua análise – entre outras coisas – é que, quando o enunciado é deslocado de um espaço para outro (do esportivo para o comício político), os efeitos de sentido do enunciado se modificam. Pêcheux (2015 [1983]) faz uma análise muito detalhada da forma do enunciado, da sua materialidade linguística, de sua circulação na sociedade e, sobretudo, de como esse enunciado possibilita diversas interpretações, como, por exemplo, as disputas na mídia e nos partidos políticos.

O deslocamento do enunciado “*on a gagné*” do meio esportivo para o espaço político marca uma mudança de efeitos de sentido. É exatamente isso que ocorre quando o sujeito-usuário-produtor desloca o vídeo da mulher jornalista para um espaço pornográfico. Esse gesto de transportar um vídeo jornalístico para um espaço pornográfico faz com que esse material possa ser consumido em dois lugares: no jornalismo e na pornografia. Nesse contexto, o imaginário sobre a mulher jornalista também é ressignificado com essa transposição de um espaço para o outro.

4 Um percurso teórico pela Análise de Discurso

*O discurso é assim palavra em movimento.
Eni Orlandi*

A AD surge na França durante o final dos anos 1960, marcada, principalmente, pelas manifestações estudantis e sindicais que resultaram nas jornadas de maio de 1968. A teoria foi concebida pelo filósofo Michel Pêcheux. Em seu grupo de pesquisadores trabalhavam profissionais de diversas áreas das ciências humanas e sociais. Por ser um grupo heterogêneo composto por representantes de áreas distintas, a teoria foi se desenvolvendo de uma forma peculiar, mobilizando diferentes regiões do conhecimento.

Devido a esse contexto histórico em que a teoria surge, os trabalhos iniciais eram focados em discurso político. Porém, com o passar dos anos e com a inserção de novos pesquisadores no grupo de Michel Pêcheux, com novos contextos e novos olhares para a teoria, isso se modificou. Atualmente, são realizadas diversas pesquisas em AD sobre inúmeras materialidades, tanto linguísticas, quanto não linguísticas.

A AD é uma teoria, como já mencionado acima, que tem seu quadro epistemológico constituído a partir da relação de três regiões do saber. Segundo Pêcheux e Fuchs (1997 [1975], p.163-164), são elas: o materialismo histórico, que aparece “como teoria das formações sociais e de suas transformações, compreendida aí a teoria das ideologias”; a linguística, como “teoria dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação ao mesmo tempo”; e a teoria do discurso “como teoria da determinação histórica dos processos semânticos”. Todas elas, atravessadas, ainda, por uma teoria da subjetividade de ordem psicanalítica.

É por essa razão que a AD é considerada uma ciência de entremeio (ORLANDI, 2009), como já referido na introdução. O objeto de estudo da AD é o discurso. Esse objeto está em um entremeio (ORLANDI, 2009), da mesma forma que a própria AD. Nessa perspectiva, o discurso é compreendido na teoria como efeito de sentido entre interlocutores (PÊCHEUX, 2015 [1983]) onde sujeito, língua e história estão interligados.

É no discurso que se pode perceber a relação entre linguagem e ideologia, onde a noção de sujeito é central, pois, como afirma Pêcheux (2009 [1975]), não há

discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia. Assim, a ideologia e o inconsciente estão interligados. Posto isto, o sujeito na AD é interpelado tanto pela ideologia quanto pelo inconsciente e afetado também pela linguagem e história. Sendo assim, o sujeito não é a fonte do sentido, pois seu discurso está sempre relacionado ao discurso do outro (PÊCHEUX; FUCHS, 1997 [1975]).

O discurso, de acordo com Ferreira (2003), é o objeto que permite a observação da relação que há entre língua e ideologia, assim como os efeitos que existem a partir da língua na história, e vice-versa. É o discurso que permite a compreensão de uma materialidade simbólica e sua produção de sentidos. Por estar em um lugar favorecido para observar a relação entre língua, ideologia e sujeito, “o discurso propicia, como bom observatório, a visualização das propriedades do complexo dispositivo teórico-analítico” (FERREIRA, 2003, p. 193).

Com base nessas considerações, Ferreira (2003, p. 194) aponta que o discurso possui uma “carga de significância que o torna tão denso e o faz devolver à linguagem sua espessura material e ao sujeito sua contradição”. Nesse sentido, o discurso pode ser entendido, conforme a autora, como um “lugar de encontro, de imbricação, de mediação e de observação”.

Para Orlandi (1994), ao pensarmos o discurso dessa forma, precisamos refletir sobre a linguagem de uma maneira muito particular:

(...) aquela que implica considerá-la necessariamente em relação à constituição dos sujeitos e à produção dos sentidos. Isto quer dizer que o discurso supõe um sistema significante, mas supõe também a relação deste sistema com sua exterioridade já que sem história não há sentido, ou seja, é a inscrição da história na língua que faz com que ela signifique (ORLANDI, 1994, p. 53).

Para a AD, o sentido do discurso não é fixo, muito menos está na “essência” das palavras. Segundo Orlandi (1994, p. 56), o sentido também não pode ser qualquer um, pois “há uma determinação histórica do sentido”. Portanto, só é possível ficar à frente desses efeitos de sentido através da relação do discurso com sua exterioridade e historicidade, que, para a autora, é definidor na AD.

Conforme Caetano (2019, p. 27), a AD estabelece que não existe uma neutralidade, objetividade e verdade universal no discurso. A analista, ao trabalhar com o discurso, precisa compreender que falhas e contradições são parte da

constituição dos efeitos de sentido e produzem “derivadas, deslocamentos e resistência nos processos de significação”.

Em AD, os enunciados dos sujeitos são sempre determinados por outros dizeres. O discurso, nesse sentido, se constitui a partir do interdiscurso. De acordo com Pêcheux (1990 [1975], p. 314), o interdiscurso é “o exterior específico de uma formação discursiva”. Sendo assim, o exterior é entendido como um lugar de múltiplos sentidos, onde há a relação com inúmeras formações discursivas, ou seja, de onde saem os já-ditos de outros lugares e espaços, pois, como ressalta Pêcheux (2009 [1975], p. 162), “‘algo fala’ (*ça parle*) sempre ‘antes, em outro lugar e independente’, isto é, sob a dominação do complexo das formações ideológicas”.

Pêcheux (2009 [1975], p. 149) ainda afirma que o interdiscurso é “todo complexo com dominante” das formações discursivas. Isto significa que ele também está “submetido à lei de desigualdade-contradição-subordinação”, algo que caracteriza as formações ideológicas. Sendo assim, o interdiscurso diz respeito a um conjunto de saberes que é desigual e contraditório e é colocado em circulação através dos sujeitos. Contudo, os saberes que serão ditos dependem das formações ideológicas e das formações discursivas, pois são elas que os organizam e realizam o processo de interpelação ideológica. Portanto, não é qualquer saber que estará em circulação e que será dito pelos sujeitos. Sendo assim, a constituição do discurso se dá através do interdiscurso. Segundo Orlandi (2001, p. 59), o interdiscurso é o “conjunto de dizeres já ditos e esquecidos que determinam o que dizemos, sustentando a possibilidade mesma do dizer”.

Para Pêcheux (2015 [1983], p.23), os enunciados emergem através de “relações associativas implícitas, isto é, uma série heterogênea de enunciados funcionando sob diferentes registros discursivos, e com uma estabilidade lógica variável”. Nessa perspectiva, o discurso adquire sentido quando relacionado a outros discursos. Para interpretar um enunciado é necessário colocá-lo em relação a outros dizeres, textos, termos, etc.

Os efeitos de sentido do discurso são apresentados como possibilidade. Segundo Souza (2017, p. 45), eles são entendidos como “um gesto entre outros possíveis, e são sempre construídos em relação a algo”. Esse interpretar na AD, como escreve a autora, é conceder os efeitos de sentido ao objeto simbólico que se está trabalhando, em um “processo de construção-desconstrução-construção”.

O discurso não tem início nele mesmo. Indursky (2019, p. 167) escreve que ele “se refere/dialoga/polemiza com discursos já produzidos e aponta para um possível futuro processo discursivo e suas relações de sentido”. Essa questão é particularmente importante neste trabalho, pois, para se compreender os enunciados das sequências discursivas que analisaremos precisamos relacioná-los a outros dizeres de outros tempos e lugares.

Nesse contexto, é importante destacar que o sujeito não é a fonte do sentido, pois seu discurso está relacionado ao discurso do outro (PÊCHEUX; FUCHS, 1997 [1975]). Esse sujeito da AD é afetado não apenas pela língua, mas pela história, pela exterioridade e pela ideologia, e os sentidos que produz são estabelecidos a partir dessas condições.

Conforme Pêcheux (2015 [1983]), é a partir da inscrição no simbólico que se insere na história e é afetado ideologicamente. Esse sujeito é afetado pelo inconsciente e, ao mesmo tempo, interpelado pela ideologia que o conclama a assumir uma posição social que está inscrita em uma formação discursiva, que, por sua vez, também é ideológica. Por essa razão, o sujeito da AD também pode ser considerado como disperso, pois ele ocupa diversos papéis que variam conforme as posições-sujeito. Segundo Indursky (1997, p. 27-28), “o sujeito, ao produzir seu discurso, o faz a partir de determinadas posições de sujeito, igualmente ideológicas”.

No percurso teórico da AD, a língua recebeu um lugar fundamental, pois é considerada a “condição material de base do discurso” (LEITE, 1994, p.13). É nela que o sentido se constitui ideológica e historicamente. Para a teoria, a constituição dos sentidos só é possível tratando a língua como materialidade do discurso.

A língua é compreendida na AD como heterogênea e instável, sendo, como afirma Ferreira (2000, p. 24), não-fechada. A autora ainda aponta que “os enunciados da língua podem sempre escapar à organização da língua, ao trabalho da razão e da lógica sobre a linguagem”.

A língua é lugar de deriva. Esses são bastante comuns em sites pornográficos, por exemplo. Nesses espaços, as palavras são ressignificadas fugindo muitas vezes do efeito de sentido naturalizado, como mostraremos no decorrer do nosso trabalho através de exemplos e em nossa análise. Ferreira (2000, p. 24) explica que, na AD, o equívoco, a falha, o deslizamento que acontece na língua nem sempre é negativo e pode representar “resistência, lugar do impossível (nem tão impossível) e do não-sentido (que faz sentido)”.

A relação que acontece entre o mundo e a língua não é de uma forma direta, já que nesse processo se encontra a ideologia, que acaba determinando as interpretações que são possíveis. Conforme Orlandi (2009), a AD entende a língua no mundo, ou seja, ao falar ou escrever estamos produzindo sentido como sujeitos ideológicos.

E esse sentido de que fala a AD não é separado da subjetividade, pois ele funciona através de um processo de interpelação ideológica. Segundo Orlandi (2007, p. 11), quando o indivíduo se inscreve na língua ele acaba sendo interpelado em sujeito pela ideologia. O resultado disso é uma “forma sujeito histórica”. Nesse sentido, a constituição do sujeito e do sentido acontece a partir da dependência da ideologia.

A noção de língua é estudada por diversas correntes teóricas, entre elas a AD. Essa concepção possui um caráter essencial para o entendimento da teoria. Ferreira (2003, p. 197) explica que, no momento em que a AD toma a língua como sua materialidade, isso traz algumas consequências que ela lista em seu texto: Primeiro, a língua não é mais considerada um “sistema integralmente autônomo” e passa a ser entendida como “relativamente autônoma”. Em segundo lugar, o sistema linguístico não é mais aceito como fechado, mas como um sistema que pode sofrer falhas, equívocos e mal-entendidos. Terceiro, os “fatos linguísticos considerados problemas” não são descartados pela AD, pelo contrário, eles são “nucleares, em vez de periféricos”. Quarto, a língua não é vista como “código” ou como um “instrumento de comunicação” neutro. E, por último, a língua é compreendida como materialidade onde se realiza o processo discursivo que aponta os sentidos possíveis de serem estabelecidos.

Ainda, de acordo com Ferreira (2003, p. 197), a língua é um elo que constitui o discurso, e essa concepção é primordial para a analista, pois afetará diretamente suas análises: “para o analista de discurso a língua não será objeto de investigação primordial, mas um pressuposto fundamental para analisar a materialidade do discurso”.

Como já dito, o sujeito e o sentido se formam a partir da ideologia, que é decisiva na forma como vemos e entendemos o mundo. É a partir de uma leitura que faz de Louis Althusser que Pêcheux reflete sobre a relação entre discurso e ideologia.

Segundo Althusser (2008), a ideologia não pode ser compreendida como algo negativo, porque ela não é considerada uma inversão ou uma maneira de deformar a realidade.

Em sua deformação necessariamente imaginária, toda ideologia representa não as relações de produção existentes (e as outras relações que delas derivam), mas antes de tudo a relação (imaginária) dos indivíduos com as relações de produção e com as relações delas derivadas (ALTHUSSER, 2008, p. 279).

Althusser (2008) ainda explica que, em sua concepção teórica da ideologia, não é o sistema das relações reais que guia a existência dos indivíduos; para ele, são as relações imaginárias desses indivíduos que norteiam as suas relações reais de existência.

Nesse contexto, a ideologia, em conformidade com Althusser (2013), possui algumas características específicas: 1) ela tem uma existência material; 2) ela representa uma relação imaginária dos indivíduos com suas relações reais de existência; e 3) ela obedece a uma dinâmica que é inconsciente.

O discurso, objeto da AD, quando mobilizado pela teoria, traz uma nova concepção de ideologia, como aponta Orlandi (1994). Segundo a autora, essa noção pode ser explicada a partir do próprio discurso que não separa “linguagem e sociedade na história” (ORLANDI, 1994, p. 54). É no discurso que se pode perceber a relação entre linguagem e ideologia, onde a noção de sujeito é central, pois “não há discurso sem sujeito nem sujeito sem ideologia” (ORLANDI, 1994, p. 54).

Conforme Orlandi (1994, p. 56), para a AD, “a ideologia não é ‘x’, mas o mecanismo de produzir ‘x’”. Nisso, se encontra a constituição dos sentidos, que é entendida como interdiscurso, o qual determina a formulação, que é o intradiscurso, intervindo a “ideologia e os efeitos imaginários”.

O funcionamento da ideologia no discurso acontece orientando as direções dos efeitos de sentido. Ela é determinada pela relação entre linguagem e história, “em seus mecanismos imaginários” (ORLANDI, 1994, p. 56). É esse processo ideológico que faz com que o indivíduo acredite que um enunciado significa por si só e que possui transparência.

O sujeito, ao enunciar, faz isso de uma determinada posição, que é ideológica. No entanto, Indursky (1997, p. 27-28) afirma que estar em uma

determinada posição não significa que o sujeito “decide livremente seu discurso”, já que esse sujeito é pré-determinado pela ideologia.

Como analistas do discurso, a interpretação que fazemos de determinadas materialidades discursivas é realizada a partir de condições de produção específicas. Para Orlandi (1994, p. 57), essas condições aparecem como “universais e eternas”. A ideologia, nesse sentido, acaba produzindo um “efeito da evidência, e da unidade”, e isso acontece através do já-dito e dos sentidos que já são institucionalizados.

Esses sentidos já institucionalizados e vistos como naturais são centrais para compreender o que estamos trazendo neste trabalho. Uma das bases da análise aqui empreendida é compreender os efeitos de sentido produzidos pela utilização de certos termos em sites pornográficos. Quando iniciamos a aproximação e observação do site pornográfico Xvideos, nos deparamos com uma série de termos ressignificados dentro da plataforma. Além disso, encontramos novos termos, que são utilizados apenas em sites pornográficos.

Esse processo de designação envolve a ideologia; portanto, quando se opta pela utilização de um determinado termo ao invés de outro, se está reproduzindo a ideologia, ou, melhor dizendo, a relação de identificação do sujeito com uma formação discursiva. Isso se configura como um gesto de tomada de posição, no qual é possível visualizar com qual rede discursiva estamos trabalhando.

A língua como materialidade do discurso está estritamente ligada à ideologia e o sentido que deriva daí é dependente dessa ideologia. É nesse processo que acontece uma rede de projeções imaginárias que permite que o sujeito entenda determinado objeto de discurso de uma determinada forma. A escolha das palavras e termos é uma maneira de demonstrar a ideologia presente. Podemos questionar: por que esse termo foi escolhido e não outro? É o que nos perguntamos. E essa é uma pergunta que nos fazemos neste trabalho. Nesse sentido, a designação é muito diferente do ato de apenas nomear algo ou alguém. A nomeação se relaciona com o objeto e como ele é simbolizado, e esse processo é determinado ideologicamente.

O pesquisador Eduardo Guimarães possui uma vasta bibliografia sobre enunciação e designação. No entanto, ele parte da Semântica do Acontecimento, mas consideramos que suas considerações teóricas sobre designação contribuem para as reflexões que pretendemos fazer em AD. Para Guimarães (2003), a designação pode ser entendida como:

Significação de um nome enquanto sua relação com outros nomes e com o mundo recortado historicamente pelo nome. A designação é algo abstrato, mas linguístico e histórico. Ou seja, é uma relação linguística (simbólica) remetida ao real, exposta ao real. Por isso um nome não é uma palavra que classifica objetos, incluindo-os em certos conjuntos (GUIMARÃES, 2003, p. 53).

Vamos exemplificar essa teorização sobre as designações a partir de um exemplo retirado da nossa plataforma de pesquisa. Uma das palavras mais acessadas no Xvideos, em dezembro de 2020, foi a palavra *buracos*, como demonstra a imagem a seguir:



Imagem 3: palavras mais pesquisadas no Xvideos em dezembro de 2020 (grifo nosso). Print feito em: 17 de dezembro de 2020.

Essa escolha do termo *buraco* é utilizada para designar as partes do corpo humano¹⁴ de um indivíduo (na maioria das vezes, uma mulher) em um site pornográfico¹⁵. Esse exemplo pode ser entendido como uma relação do linguístico ao histórico de que fala Guimarães. O uso dessa designação mobiliza uma relação com a exterioridade e essa escolha também demonstra a ideologia e o aspecto sócio-histórico composto no discurso. O termo *buracos* escapa de seu sentido dicionarizado¹⁶ e passa a significar partes do corpo humano que podem ser objeto de sexualização.

Para Guimarães (2003, p. 54), as designações são importantes e não se limitam apenas à ideia de indicar a existência de algo em um determinado lugar ou de ser um "rótulo": "Um nome, ao designar, funciona como elemento das relações sociais que ajuda a construir e das quais passa a fazer parte".

¹⁴ É importante ressaltar que, em um site pornográfico, "buracos" pode ser entendido para além de partes do corpo humano, podendo ser utilizado para se referir a objetos variados que se assemelham a um buraco em seu sentido dicionarizado.

¹⁵ Aqui, estamos afirmando que esse termo designa partes do corpo humano num site pornográfico, porque esse é nosso objeto de pesquisa. No entanto, entendemos que essa designação também pode ser encontrada em outros espaços, os quais não são objeto de nossa reflexão.

¹⁶ Segundo o dicionário Priberam Online, "buraco" pode ser uma "abertura ou ruptura de qualquer superfície", "abrigo de um animal", "casa pequena e humilde", "lacuna, falta", "dívida", "emprego modesto", "cova, cavidade", "jogo de cartas parecido com a canastra". Disponível em:

< <https://dicionario.priberam.org/buraco> > Acesso em: 26 fev. 2021.

Buraco é ressignificado nesse contexto, sendo destituído de seu sentido da ordem da evidência. Mas isso é algo sobre o qual Pêcheux (2009 [1975]) já escrevia. Para ele, a palavra não possui apenas um sentido e seu significado não é transparente. O significado de uma palavra é:

determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas (isto é, reproduzidas). Poderíamos resumir essa tese dizendo: as palavras, expressões e proposições etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aquele que as empregam, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições, isto é, em referência às formações ideológicas nas quais essas posições se inscrevem (PÉCHEUX, 2009 [1975], p. 146-7).

Tem-se, a partir do exposto, que o designar tem como objetivo criar um imaginário sobre aquilo que se está designando. Nesse sentido, o processo de designação não é abstrato, mas sim histórico e linguístico. O sujeito pode ser compreendido, representado e ressignificado a partir das designações.

Nesse contexto, consideramos necessário tratar sobre alguns trabalhos desenvolvidos pela pesquisadora Freda Indursky oriundos do campo do discurso político-midiático. Em algumas de suas pesquisas, Indursky (2002, 2006) mobilizou as designações *ocupação* e *invasão* utilizadas na mídia para mencionar o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), com o objetivo de entender quais eram os efeitos de sentido que poderiam ser observados devido ao uso de diferentes designações para se referir a uma mesma situação.

Em suas pesquisas, a autora constatou que as designações “ocupação” e “invasão” eram colocadas em circulação de maneira diferente com efeitos de sentido distintos. Enquanto o MST utilizava o termo “ocupação” para se referir à prática, a mídia hegemônica usava o termo “invasão”. Dessa forma, é possível perceber que o mesmo movimento possui interpretações dependendo da posição a partir da qual se enuncia, ou seja, o processo de designação que acontece é significativo, e, portanto, discursivo.

A mídia assume como seu discurso o aparelho jurídico e político para legitimar a propriedade privada, enquanto o MST se ancora em um discurso de que essa propriedade, considerada improdutiva, pode garantir benefícios. Duas designações sobre uma mesma prática possuem efeitos de sentidos antagônicos.

Conforme Indursky (2002), ocupação refere-se a uma terra improdutiva e invasão a uma terra possuída:

A primeira, por ser improdutiva, trabalha no sentido de uma terra que deve ser redistribuída. A segunda, por possuir um proprietário, põe em relevo o sentido de propriedade e de sua violação. A primeira remete à ideia de ação pacífica exercida sobre terras abandonadas e faz ressoar um já-dito anterior, proveniente do discurso religioso da pastoral da terra. A segunda traz consigo o efeito de sentido de violência contra a propriedade privada, ou seja, discursiviza a violação da lei e faz soar o discurso jurídico sobre o direito de propriedade (INDURSKY, 2002, p. 125).

Através dos trabalhos da pesquisadora, observamos que uma mesma prática pode ter inúmeras designações, assim como uma única designação pode ter vários efeitos de sentido (como o que acontece com a designação buraco, exemplificada anteriormente). Essas questões são relevantes para refletirmos sobre o arquivo de nossa pesquisa e o funcionamento das designações.

A noção histórica do discurso, onde passado e presente se relacionam, funciona através do interdiscurso. Segundo Indursky (2011), tudo o que já foi dito está no interdiscurso e o mesmo se constitui de várias formações discursivas.

(...) nada do que já foi dito pode dele estar ausente. O interdiscurso não é dotado de lacunas. Ao contrário. Ele se apresenta totalmente saturado. Esta é a natureza do interdiscurso: reunir todos os sentidos produzidos por vozes anônimas, já esquecidas (INDURSKY, 2011, p. 86).

Portanto, essa memória que o interdiscurso carrega, além de ser ampla, é totalizante e, devido a isso, também é saturada (INDURSKY, 2011). Nesse sentido, o interdiscurso carrega todas as formações discursivas, aí a razão por ser tão amplo. Contudo, é preciso ter em mente que memória e interdiscurso não são a mesma coisa. Diferente do interdiscurso, que é saturado, a memória discursiva é lacunar; conforme Indursky (2011), ela não corresponde a todos os sentidos, mas sim a uma região do interdiscurso. A memória discursiva é entendida como lacunar, pois nela mesma está a marca do esquecimento, isto é, o que é memorável não pode ser controlado pelo sujeito.

O pré-construído é uma das maneiras que a memória discursiva se materializa. Como aponta Pêcheux (1999, p. 52), “a memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os ‘implícitos’ [...] de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao

próprio legível”. Desse modo, a memória discursiva tem um funcionamento de reestabelecer pré-construídos. Nesse sentido, podemos dizer que o pré-construído é retomado através das designações em relação aos vídeos postados.

Com a ascensão dos dispositivos multimídias, Orlandi (1996) estabeleceu a noção de memória metálica. Segundo a autora, a memória metálica está relacionada à noção de arquivo, pois ela acumula dados, isto é, a memória metálica seria como a memória da máquina. Essa noção foi reformulada e atualizada nos últimos anos por analistas de discurso. Grigoletto e Gallo (2015) apontam que a memória metálica não se distingue da memória discursiva.

Contudo, conforme as pesquisadoras (2015, p. 308), ao refletirmos sobre os diversos modos de produção dos discursos nas redes, inclusive os bancos de dados que são constituídos por memória metálica, não é mais possível atestar que se trata de uma “repetição sem memória, porque esses dados já foram interpretados por sujeitos que postaram na rede”. Um exemplo disso é a forma como os sites armazenam dados. No Xvideos, os dados armazenados e categorizados são os vídeos pornográficos. Através desse armazenamento, é possível não apenas disponibilizar os dados, mas também coletá-los.

Para pensar sobre essa noção de memória no digital, Dias (2013) traz como proposta a noção de memória do futuro, isto é, uma memória como espaço, que reproduz e estabiliza os acontecimentos. O futuro nessa perspectiva não está relacionado ao tempo, mas à capacidade de armazenamento de dados que podem ser reproduzidos em diferentes espaço-tempo.

Voltando à relação entre memória e designação, Souza (2017, p. 144) explica que as memórias que são retomadas pelas designações acabam ocupando espaços específicos no discurso: “É compreendendo esse movimento de resgate de memórias e o lugar que passam a ocupar que podemos observar a ideologia funcionando no discurso”. Nesse contexto, a memória do sentido que há da palavra *buracos* nos mostra que é possível esse termo ser transportado para o universo pornográfico recebendo uma nova significação.

Para Courtine (2009, p.104), o discurso faz circular discursos anteriores, pois seu domínio está ligado a outras formulações que ele “refuta, transforma, denega”, e esse discurso acaba produzindo “efeitos de memória específicos”.

Indursky (2011, p. 74) aponta que, para Courtine, o trabalho de memória, em uma Formação Discursiva, é o que permite “a lembrança, a repetição, a refutação”,

mas, além disso, causa no sujeito do discurso um esquecimento de todos esses elementos. Segundo a autora, os sentidos que já foram consolidados podem se modificar e se transformar em outros.

Isso nos traz de novo ao exemplo que estamos trabalhando neste capítulo. Em algum momento, a palavra *buraco* foi ressignificada em sites pornográficos, e o sentido consolidado que possuía se transformou, tendo outro significado. Essa transformação é responsável por outros efeitos de sentido sobre a palavra, que são completamente diferentes do sentido dicionarizado.

Esses novos efeitos de sentido contribuem para uma nova memória do dizer, pois *buraco* passa a ser entendido como buracos do corpo humano no espaço pornográfico. Esses sentidos, ao se repetirem, podem se modificar. Como aponta Indursky (2011), essas novas formulações que vão recebendo se unem às formulações já existentes e, assim, acabam reformulando a memória que se tem e construindo um novo imaginário. Esses novos sentidos resultantes desse processo provocam, conforme Indursky (2011, p. 78), uma “desestabilização nos processos de regularização”.

Torna-se, portanto, importante falar sobre imaginário na AD. A concepção de imaginário está diretamente ligada ao social. A primeira noção relacionada a imaginário que aparece na teoria é a de “formações imaginárias”, que se encontra no texto base de Pêcheux, publicado em 1969, “*Análise Automática do Discurso*”, conhecido como AAD-69.

As formações imaginárias são responsáveis, em parte, por designar os lugares enunciativos para os sujeitos no discurso. Como escreve Pêcheux (2019 [1969], p. 39), são elas que colaboram para determinar “o lugar que A e B atribuem cada um a si e ao outro, a imagem que eles se fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro”.

Para Pêcheux (2019 [1969], p. 82), o discurso é produzido a partir de um lugar que está determinado na estrutura da formação social. No entanto, esses lugares, de que fala o autor, não possuem o funcionamento de “um feixe de traços objetivos”. Esses lugares são transformados através das formações imaginárias. Assim, o que está em funcionamento no discurso é o lugar que cada sujeito estabelece a si mesmo e ao outro, como explica o pesquisador:

A e B designam lugares determinados na estrutura de uma formação social, lugares dos quais a sociologia pode descrever o feixe de traços objetivos característicos: assim, no interior da esfera da produção econômica, os lugares do patrão (diretor, chefe da empresa, etc.), do funcionário de repartição, do contramestre, do operário são marcados por propriedades diferenciais determináveis. Nossa hipótese é de que esses lugares estão representados nos processos discursivos em que são colocados em jogo. [...] em outros termos, o que funciona nos processos discursivos é uma série de formações imaginárias que designam o lugar que A e B se atribuem cada um a *si* e ao *outro*, a imagem que eles fazem do seu próprio lugar e do lugar do outro (PÊCHEUX, 2019 [1969], p. 81-82 [grifo do autor]).

Segundo Silva (2010, p. 18), nas formações sociais existem certos mecanismos que permitem “a passagem do lugar sociologicamente descritível para a posição do sujeito no discurso”. Este, por sua vez, é o lugar social que foi transformado pelas formações imaginárias.

Pêcheux (2019 [1969], p. 40) ressalta que a posição dos sujeitos no discurso acontece também através das condições de produção e que “o referente”, que é o objeto sobre o qual se fala, também pertence às condições de produção. E esse objeto é um objeto imaginário, é “o ponto de vista do sujeito e não da realidade física”.

Ainda, conforme o autor, as expressões designam as formações imaginárias e essas designações possuem significações, mas elas são diferentes dependendo da posição ocupada por cada sujeito. Conforme Pêcheux (2019 [1969], p. 41), esse processo discursivo supõe, por parte do emissor, uma “antecipação das representações do receptor”, e isso é central no discurso.

Para exemplificar de maneira mais clara essas mobilizações teóricas, trazemos mais um exemplo retirado do site pornográfico com o qual estamos trabalhando. Durante as inúmeras incursões e observações que realizamos na plataforma (explicadas no prólogo e na introdução), percebemos que muitas das narrativas desenvolvidas no site pornográfico giram em torno de algumas profissões específicas. No entanto, as representações das profissões diferem entre homens e mulheres.

Quando o propósito da narrativa é um foco na mulher, algumas das profissões mais utilizadas são: enfermeira, professora e empregada doméstica¹⁷. Profissões que, normalmente, são associadas ao trabalho de cuidado e de reprodução social. Quando as narrativas são focadas em homens, as profissões mais utilizadas são

¹⁷ Foi realizada uma análise por amostragem. Dentre os vídeos observados, essas foram as profissões que mais aparecem relacionadas às mulheres.

médico e policial. Um número considerável¹⁸ desses vídeos coloca a mulher em uma posição de submissão ao homem.

Utilizaremos aqui o exemplo da enfermeira. Em uma busca feita em janeiro de 2021, encontramos mais de 300 mil vídeos onde a tag “enfermeira” estava sendo utilizada.



Imagem 4: pesquisa pela palavra "enfermeira". Print feito em: 4 de janeiro de 2021.

Como é possível observar, a maior procura no site é por “*comendo a enfermeira*”, seguido por “*enfermeira real*”. Essas expressões utilizadas para encontrar um vídeo correspondem a uma forma de dar concretude material àquilo que opera nas formações imaginárias. Os efeitos de sentido dessas expressões, por sua vez, dependem do lugar a partir do qual o sujeito enuncia.

Pêcheux (2019 [1969]) afirma que uma das questões que deriva desse processo diz respeito à posição do sujeito-enunciador em relação a quem ele está se referindo: “*quem sou eu para lhe falar assim?*” precisa ser questionado. Portanto, quem é esse sujeito para se referir a uma enfermeira dessa forma? É um dos questionamentos que precisa atravessar a reflexão.

Para Pêcheux (2019 [1969]), nas formações sociais, há certos mecanismos de projeção que definem a posição do sujeito no discurso e esse lugar é transformado pelas formações imaginárias. Essas formações imaginárias estão relacionadas à forma como o sujeito vê a si mesmo, ao outro e ao assunto tratado, e isso é estabelecido pelos “já-ditos”, “já vistos” e “já ouvidos”. Dessa maneira, essas

¹⁸ É importante mencionar que novas narrativas pornográficas têm sido produzidas nos últimos anos, muitas delas pensadas e dirigidas por e para mulheres. Nesse sentido, o vídeo produzido é completamente diferente da pornografia tradicional e são materiais que têm atraído muitas visualizações de mulheres.

formas de representação vão circulando socialmente através do tempo, sendo atualizadas de novos sentidos.

Mas, por que a enfermagem passa por esse processo de sexualização? Esse é um questionamento que precisa estar relacionado a uma reflexão sobre o contexto histórico da mulher e do trabalho. O primeiro fato é que a inserção das mulheres no mercado de trabalho foi mais tardia do que a dos homens. O segundo fato é de que, por um longo tempo, poucas profissões eram destinadas às mulheres, em sua maioria relacionadas aos cuidados do lar, não necessitando de um diploma, já que o direito ao ensino superior era algo desconhecido pelas mulheres.

No Brasil, as mulheres foram crescendo profissionalmente no decorrer do tempo. Bruschini (1979) aponta que profissões que já eram consideradas femininas em 1950 continuaram sendo em 1970, porém com um aumento significativo do número de trabalhadoras. O resultado disso, conforme a autora, foi uma sexualização de determinadas profissões.

A enfermagem é uma delas, dominada desde o início por mulheres. Esse predomínio feminino na profissão corroborou para representações imaginárias sobre essa profissional, pois, como afirma Ernst (2007, p. 135), o “imaginário é forjado historicamente”.

Isso aponta que, a partir do histórico e do social, os sujeitos materializam um imaginário sobre a mulher enfermeira. Portanto, essa sexualização não é criada pelo site pornográfico, mas reproduzida por ele, resultando em uma representação imaginária sexualizada sobre a profissional.

Em um primeiro momento, essa representação da enfermeira pode parecer inofensiva. Contudo, não é isso o que acontece: essas formações imaginárias sobre a enfermagem perpassam o imaginário e são manifestadas através de atitudes de pacientes e colegas de trabalho de mulheres enfermeiras. Não é à toa que o Conselho Regional de Enfermagem (Coren), de diversos estados do Brasil, precisa continuamente lançar campanhas contra a sexualização das mulheres enfermeiras.

Uma das últimas campanhas de 2020 foi elaborada pelo Conselho Regional de Minas Gerais¹⁹. A campanha pede o fim do assédio contra enfermeiras. No texto, anexado junto a uma imagem, há um enunciado que diz: “A sexualização criada é

¹⁹ Disponível em: < <https://www.corenmg.gov.br/a-enfermagem-nao-aceita-assedio-sexual/> > Acesso em: 26 fev. 2021.

um dos grandes problemas enfrentados que, por muitas vezes, desencadeia um assédio por parte dos pacientes e até mesmo colegas de trabalho”.²⁰

Conforme Silva (2010, p. 19), as representações imaginárias são resultado de “processos discursivos que deixaram de funcionar, mas continuam determinando o processo discursivo em foco”. Essas representações da mulher enfermeira, portanto, são constituídas pelas imagens que os sujeitos possuem da mesma. Essas, por sua vez, estão ligadas a tudo que já foi dito, ouvido e visto. Dessa forma, os discursos sobre a mulher enfermeira se constituem a partir de outros dizeres de uma voz outra.

Através da digitação da palavra “enfermeira” na caixa de pesquisa do Xvideos, encontramos algumas designações utilizadas em referência às mulheres enfermeiras no site pornográfico. “Enfermeira peituda”, “enfermeira gostosa” e “enfermeira safada” são algumas delas que aparecem na plataforma, como é possível observar no exemplo em imagem que trouxemos acima (imagem 4). Guandanini (2010) aponta que o simples uso de uma designação pode agir como uma geração de estigma sobre determinado sujeito. Nessa perspectiva, a estigmatização da mulher enfermeira está estritamente ligada com a forma como ela é representada na mídia (novelas, séries e filmes) e em sites pornográficos.

Essa forma de representar e estigmatizar uma profissão contribui para o imaginário dominante que os sujeitos têm da mesma. Para Guandanini (2010, p. 46), o estigma que é criado pela designação pode ser “catastrófico para o sujeito-alvo, pois também se categorizam indivíduos, realçando-lhes a diferença em relação aos ‘outros’ ou a ele próprio, dependendo do caso”, algo que efetivamente acontece na enfermagem, como certificado pelas inúmeras campanhas realizadas todos os anos pelo Conselho Regional de Enfermagem contra o assédio às mulheres enfermeiras.

Conforme foi abordado anteriormente, a interdisciplinaridade da AD é o que possibilita um olhar para o *corpus* mais rico e diverso, e é por esse motivo que optamos por seguir nesse caminho. Orlandi (1994, p. 55) afirma que, quando se transfere um instrumento de uma área do conhecimento para outra, ou de uma ciência para outra, o próprio instrumento se reinventa,

²⁰ Manifestações como essa se repetem frequentemente. Em outubro de 2021, a atriz brasileira Bruna Marquezine vestiu uma fantasia de “enfermeira sexy” em uma festa à fantasia. A escolha dessa vestimenta foi criticada por enfermeiras(os) nas redes sociais e gerou um debate sobre sexualização da profissão.

(...) nessa perspectiva posta por Pêcheux, não se transfere simplesmente um instrumento emprestado a outra ciência, ao contrário, a apropriação de um instrumento é a elaboração teórica. Há resignificação do instrumento na/pela teoria (ORLANDI, 1994, p. 55).

Embasadas nessas afirmações, nos apoiamos nos Estudos de Pornografia, pois acreditamos que, ao propor uma conversa entre campos do conhecimento distintos, podemos transformar as práticas das teorias e avançar no desenvolvimento das análises.

5 Estudos de Pornografia: teorizando a pornografia

Nothing has really happened until it has been described.

Virginia Woolf

Refletir sobre a pornografia não é algo simples, pois é uma área que envolve questões sociais, culturais, políticas e, até mesmo, econômicas. Nos últimos anos, os debates públicos sobre a pornografia, seus usos e efeitos ressurgiram com força. Durante os anos 1980 e 1990, por exemplo, essa foi uma discussão com bastante repercussão nos Estados Unidos, envolvendo também o ambiente político (BIROLI, 2014).

Porém, as discussões se tornaram ainda mais efervescentes com a expansão da pornografia pela Internet. Com isso, os debates sobre a relação entre pornografia e violência sexual se intensificaram nas esferas públicas (ATTWOOD; SMITH, 2014). As opiniões são diversas e não há um consenso sobre o tema. Segundo Biroli (2014), a principal questão trazida nos debates é o efeito que a pornografia teria em seus consumidores e, por conseguinte, como isso afetaria as relações de gênero.

Estudar e pesquisar pornografia é ainda mais desafiador, pois localizar e acessar os primeiros materiais pornográficos é praticamente impossível. Devido à censura existente no decorrer do tempo, poucos materiais literários e visuais antes de 1900 sobreviveram ao redor do mundo (BULL, 2014). Dessa forma, segundo Bull (2014), pesquisar sobre como a pornografia era produzida, regulada e consumida no passado é igualmente difícil.

Os Estudos de Pornografia, que chamaremos de EP, surgem nesse contexto como uma forma de refletir sobre a pornografia de maneira crítica. Atualmente, as principais discussões envolvendo a pornografia giram em torno de visões que ou são a favor da circulação da mesma ou são contra.

Conforme Williams (2004), os Estudos de Pornografia conhecidos como Porn Studies nasceram em um seminário sobre pornografia no Programa de Estudos Filmicos da Universidade da Califórnia, Berkeley. Muitos dos que escreviam sobre pornografia estavam terminando seus doutorados, mas contavam com a colaboração de pesquisadores mais consagrados da área de Mídia e Filmes, como Linda Williams. Atualmente, segundo Williams (2004), há uma explosão de materiais

sexualmente explícitos que necessitam de uma melhor compreensão, e é sobre eles que os Estudos de Pornografia se debruçam.

Uma das principais questões que rondam a Academia ao redor do mundo diz respeito à legitimidade da pesquisa sobre pornografia e da pornografia como uma área de pesquisa. Várias instituições questionam se pornografia deveria receber atenção como campo de estudo ou não. Williams (2004) aponta que algo que ampliou sua perspectiva sobre essa área foi uma simples estatística com a qual ela se deparou quando começou a estudar pornografia: em Hollywood eram produzidos aproximadamente 400 filmes por ano, enquanto na indústria pornográfica eram produzidos entre 10 a 11 mil filmes por ano²¹. Logo, se existe essa geração de valor no espaço pornográfico, também existe trabalho e troca, e, portanto, há mercadoria: o corpo feminino²².

As pesquisadoras inglesas Clarissa Smith e Feona Attwood são as editoras do periódico *Porn Studies*, espaço com maior concentração de trabalhos científicos sobre pornografia no mundo. As autoras apontam que os debates públicos sobre a pornografia são pautados por visões que são ou a favor ou contra a mesma. Nessas discussões, a pornografia é pautada ou como libertadora e empoderadora ou como perigosa e opressiva (SMITH; ATTWOOD, 2014). Por essa falta de consenso sobre a pornografia e a carência de pesquisas e reflexões sobre a temática que o periódico internacional *Porn Studies* surge, marcando a legitimação tardia (e ainda muito questionada) de um novo campo do conhecimento.

Durante sua criação, o periódico foi extremamente criticado e alvo de inúmeros ataques feitos por grupos anti-pornografia. Essas críticas alegavam que os acadêmicos envolvidos nesse campo teórico não levavam em consideração o “perigo” da pornografia e que o que estavam fazendo era meramente uma propaganda da indústria pornográfica. Além disso, os manifestantes argumentavam que o periódico seria um espaço para divulgar as opiniões pessoais desses estudiosos e não para produzir pesquisa (SMITH; ATTWOOD, 2014).

²¹ E estamos falando de dados de aproximadamente 20 anos atrás. Atualmente, com a inserção da pornografia na internet e a facilidade para consumir e produzir materiais pornográficos, esse número se tornou muito maior. No ano de 2020, marcado pela pandemia de Covid-19, que resultou em isolamento social, os sites pornográficos tiveram um crescimento de 600% em acessos, segundo a empresa americana de software e segurança *Netskope* (2020).

²² É necessário referir que o corpo em sua diversidade é uma mercadoria no site pornográfico. No entanto, estamos mencionando o corpo feminino, pois é nele que o enfoque da nossa pesquisa está.

Smith e Attwood (2014) explicam que não cabe ao periódico ser a favor ou contra a pornografia; ao invés disso, a revista busca entender as representações complexas que a pornografia exerce e como ela ocupa um lugar na vida contemporânea.

Ao pensarmos sobre o próprio nome do periódico, entramos em uma questão de designação nessa pesquisa. Se o periódico é intitulado *Porn Studies*, que, traduzido livremente para o português, seria *Estudos Pornô*, por que estamos utilizando *Estudos de Pornografia* em nossa investigação? Uma das maiores referências na pesquisa sobre pornografia é a pesquisadora estadunidense Linda Williams. Ela é uma das primeiras mulheres a abordar a pornografia de maneira crítica, tendo publicado trabalhos inovadores na área dos Estudos de Pornografia nos anos 1980.

Em 1989, ela publicou o livro base para os EP: *'Hard core: poder, prazer e o frenesi do visível*, onde ela se insere na discussão sobre anti-pornografia e anti-censura para analisar como a pornografia *hard core* funciona. Em 1999, uma segunda edição do livro foi publicada e trouxe os Estudos de Pornografia como um campo emergente. Williams tenta se afastar de um debate sobre a pornografia, apenas centrado em desacordos sobre a nocividade da mesma (ATWOOD; SMITH, 2014).

Para pensar sobre esse novo campo de estudos, Williams (1999) utiliza a designação *Pornography Studies*, que, na tradução livre para o português, seria "Estudos de Pornografia". No entanto, anos se passam e novos pesquisadores iniciam seus estudos sobre pornografia. Quando o periódico *Porn Studies* começa a ser pensado, a designação que seria utilizada se torna uma grande questão. Porém, *Porn Studies* é escolhido como o nome oficial da revista. Segundo Smith e Attwood (2014), a escolha se deu por um aspecto prático, pois há uma capacidade eufônica que facilita a pronúncia de *Porn Studies* na língua inglesa.

No entanto, Linda Williams defende que a forma abreviada "pornô" indica uma falta de seriedade e consciência crítica e que, devido a isso, ela prefere a utilização de "Pornography Studies" em seus trabalhos (SMITH; ATTWOOD, 2014). Frente a essa questão, decidimos utilizar a designação **Estudos de Pornografia**, em referência aos trabalhos de Linda Williams. Estamos falando de uma pesquisa que está inserida no campo da linguística, ou seja, a designação é um traço importante, pois ela marca uma posição: quando designamos estamos mobilizando uma rede

semântica e, portanto, ideológica. Posto isto, queremos pensar e discutir a pornografia questionando as evidências sobre o tema.

Atualmente, o periódico *Porn Studies* conta com oito volumes publicados, contendo mais de 100 artigos de pesquisadores do mundo inteiro. Os maiores núcleos de pesquisadores desse campo podem ser encontrados na Inglaterra e nos Estados Unidos. A metodologia de pesquisa é elaborada pelo próprio pesquisador (similar ao que acontece na AD).

O pesquisador Alan McKee desenvolve trabalhos sobre pornografia desde 1997. Em seu artigo publicado no periódico *Porn Studies*, *Humanities and social scientific research methods in Porn Studies*, ele discute as metodologias utilizadas para coleta de dados e análise usadas para desenvolver um estudo sobre pornografia.

McKee (2014), ao analisar as maneiras pelas quais é possível estudar a pornografia e os diferentes métodos de coleta e análise, percebeu que cada pesquisador produzia diferentes objetos de estudo e diferentes significados para a palavra *pornografia*. O método mais utilizado na pesquisa sobre pornografia, segundo McKee (2014), é a análise textual.

Conforme McKee (2014), as pesquisas quantitativas também são muito utilizadas no estudo sobre pornografia. Para o autor, as pesquisas de larga escala, que utilizam um grande número de indivíduos como objeto de estudo, podem fornecer uma boa noção do que as populações têm em comum. No entanto, elas não são as mais indicadas para entender os comportamentos individuais de como determinados grupos ou pessoas entendem o mundo (MCKEE, 2014, p. 11).

Uma questão importante que o autor traz nesse artigo diz respeito às reflexões trazidas para pensar a pornografia. Em seu trabalho, ele encontrou muitos artigos que utilizam métodos estatísticos para tentar descobrir se o consumo da pornografia faz com que os homens tenham atitudes negativas em relação às mulheres. Contudo, McKee (2014) aponta que não encontrou nenhum artigo que refletisse estatisticamente sobre se o consumo da pornografia leva a níveis mais abertos de comunicação sobre sexualidade ou a um melhor nível de aceitação da identidade sexual ou, até mesmo, a um nível mais alto de ação sexual.

Para McKee (2014), a tradição de pesquisa em pornografia não pode ser objetiva, no sentido tradicional da palavra, porque é impossível fazer todas as perguntas possíveis sobre essa área de estudo. Sempre existirão diferentes

questões, abordagens e preocupações que estarão excluídas do estudo que está sendo feito.

O que o autor conclui em seu artigo é que os Estudos de Pornografia podem se beneficiar de conversas sobre metodologia entre disciplinas e de misturas criativas de métodos com objetos de estudos.

Sob outras perspectivas e apoiado em outra concepção teórica encontra-se o linguista Dominique Maingueneau. Em seu livro *Discurso Pornográfico*, ele analisa a escrita pornográfica na literatura. Essa obra desempenha um papel importante em nossa pesquisa, pois, a partir dela, conseguimos visualizar formas de entrarmos na pornografia a partir da AD.

Segundo Maingueneau (2010), a discussão sobre a pornografia é tão complexa que, quando ela é abordada no debate político, geralmente não se questiona a natureza da mesma, ou seja, quase sempre o questionamento é a respeito da regulamentação da pornografia: se ela contribui para a violência ou se sua difusão pode ser perigosa para os jovens.

Para Ellis (2006), a pornografia é antes de tudo uma designação dada a uma classe de representações que é determinada por correntes ideológicas particulares que estão presentes na sociedade. Essas correntes ideológicas acabam sendo cristalizadas em grupos políticos específicos que produzem seus próprios entendimentos e definições sobre a pornografia e as propagam através de diversas ações.

De acordo com Ellis (2006), a pornografia é capaz de designar a si mesma através de vários mecanismos. Ela é uma instituição determinada, na maioria das vezes, pelas definições e pressões de inúmeros grupos e ela significa explorando as conotações que são associadas a cada grupo. Nesse sentido, entendemos que os vídeos de mulheres jornalistas trabalhando sofrem um processo de ressignificação, pois o entendimento e a forma como o vídeo significa para o sujeito-usuário é diferente de apenas assistir o material na plataforma original de origem – a emissora televisiva.

As definições de pornografia são amplas e heterogêneas. As leis, a igreja e a sociedade, com seus diversos grupos que possuem posicionamentos sociais e ideológicos distintos, entendem a pornografia de maneiras diferentes. De acordo com Maddison (2010), não há uma única definição da pornografia, o que existe é uma luta pela predominância entre inúmeras definições. Essas definições, por sua

vez, funcionam inseridas em um contexto definido por várias forças, como: a configuração atual da indústria pornográfica e suas tentativas de legitimação; as leis relacionadas à obscenidade e à censura; e a mobilização geral de diversos grupos com posições morais e filosóficas específicas.

Segundo Maingueneau (2010), a pornografia deriva da palavra “*Porné*”, que, no grego antigo, designava a prostituta. Com o tempo, a referência à prostituição foi desaparecendo e a pornografia passou a designar qualquer representação de algo considerado “obsceno” (MAINGUENEAU, 2010, p. 13).

Contudo, ao nos depararmos com essa definição, nos colocamos em questionamento sobre nossa plataforma de análise que, além de vídeo pornográficos, também contém materiais de mulheres trabalhando, no transporte público, andando na rua e exercendo atividades diárias. Começamos a pensar e nos questionar: seriam atividades cotidianas consideradas obscenas? Em uma análise quantitativa, no site pornográfico o número de vídeos que não possuem práticas sexuais explícitas é menor. Entretanto, mesmo que em menor número, eles existem. À primeira vista, quando acessamos o Xvideos, o que está mais visível é a pornografia em sua perspectiva mais tradicional, isto é, cenas de sexo explícito. No entanto, se formos além dessa camada, encontraremos materiais diferentes e que, originalmente, não pertencem a esse espaço, mas que são disponibilizados como pornográficos. Reconhecemos que isso precisa ser considerado e não ignorado.

Uma segunda definição para pornografia apontada por Maingueneau é derivada dos pesquisadores Bertrand e Baron-Carvais (2001, *apud* MAINGUENEAU, 2010). Para eles, a pornografia tem como efeito principal estimular a libido de quem a usa, independente da intenção de quem criou o material. Com base nessa definição e relacionando ao nosso objeto de pesquisa sobre vídeos de jornalistas trabalhando em sites pornográficos, nos questionamos novamente: será que essa definição se aplica nesse contexto?

Os EP são um campo bastante amplo, heterogêneo, permeado por definições distintas e confrontos. Não há uma conceituação específica da pornografia dentro da área, pois a mesma está presente em uma gama enorme de textos de pesquisadores filiados a teorias e contextos diferentes. Escolhemos nos apoiar na mesma perspectiva de Linda Williams (1999) e de seu trabalho norteador nos Estudos de Pornografia. A pesquisadora entende a pornografia como uma categoria cultural com funções e características próprias. Já que a cultura perpassa pela

questão ideológica, entendemos que essa definição se relaciona também com os preceitos da AD. Além disso, essa conceituação trazida pela autora coincide com a própria perspectiva de Maingueneau (2010, p. 10) sobre produção pornográfica, já que ele a considera como “um regime discursivo específico, cujas regras necessitam ser atendidas”.

Além disso, nessa pesquisa, entendemos a plataforma pornográfica como um **espaço enunciativo informatizado de produção, circulação e consumo de práticas de sexualização**. Estamos pensando em “espaço enunciativo informatizado” em referência a Gallo (2017). Esse espaço pode ser entendido como um arquivo digital que funciona como um repositório de documentos, que são os vídeos.

A formação desse repositório é constituída com a colaboração dos sujeitos-usuários-produtores, que hospedam vídeos na plataforma. Esse arquivo, como bem aponta Pêcheux (2010 [1982]), não é fechado, devido à instabilidade da língua e do discurso. Nesse sentido, o arquivo está sempre aberto à interpretação. A respeito do de arquivo digital, o abordamos a partir da perspectiva da pesquisadora Marie-Anne Paveau (2014) sobre discurso digital, que o entende como os materiais produzidos na internet e suas especificidades. Nesse sentido, entendemos que o Xvideos funciona como um arquivo digital, isto é, um repositório de vídeos que não é fechado e que está sempre aberto à interpretação.

Os materiais nativos do digital possuem algumas características específicas, como aponta Dias (2015):

1) temporalidade: não há cronologia nesse espaço. O tempo digital corresponde ao tempo do acesso e da circulação. Nesse contexto, o arquivo digital é atual, pois pode ser atualizado pelo acesso;

2) instabilidade do arquivo: o arquivo muda a todo o momento. Essas mudanças não são apenas nas atualizações que as plataformas sofrem, mas também na própria circulação de materiais. No Xvideos, a circulação dos vídeos se modifica a todo o instante, pois os sujeitos-usuários-produtores hospedam novos materiais na plataforma constantemente. Além disso, o arquivo se modifica ao passo que vídeos são apagados por inúmeras razões, como, por exemplo, decisão do

sujeito-usuário-produtor, devido ao fato de o material não corresponder às regras da plataforma, ou por denúncias²³.

3) dimensão e heterogeneidade do arquivo: há uma infinidade de materiais espalhados pela internet. Em sites pornográficos, por exemplo, a diversidade de materiais de ciberpornô é enorme;

4) autoria: alguns dos materiais disponíveis na internet não possuem o nome de quem o fez ou a instituição. Nesses casos, Dias (2015) explica que é preciso descartá-los devido à legitimidade do material. Na nossa plataforma de análise, a autoria é uma questão bastante complicada, pois vários vídeos são hospedados por contas não identificadas. Diante disso, a legitimidade do material está no próprio Xvideos, que empresta sua marca para legitimar os vídeos lá disponibilizados. Ademais, essa legitimidade também é atestada pelo número de visualizações, curtidas e comentários (RECUERO; SOARES, 2013).

5) leitura dispersiva: a leitura não corresponde a uma linha temporal linear, o que acontece é a ordem espacial. O arquivo na internet sofre uma dispersão, que determina um ritmo de leitura.

Todas essas características estão diretamente relacionadas à forma como a analista desenvolverá seu método de análise do arquivo digital, pois, como aponta Dias (2015, p. 975), é preciso lidar com a dispersão de textos verbais e não-verbais, “é preciso considerar que a relação com o arquivo já é determinada a priori por uma questão de pesquisa, o que já dá a ele uma configuração na direção da constituição do *corpus*”.

Voltando à nossa definição da plataforma pornográfica, em que nos referimos a *práticas de sexualização*, acreditamos que quem está lendo pode se indagar: por que não se referir como *práticas sexuais*? Nós entendemos que, no momento em que há no Xvideos a existência de vídeos sem teor sexual explícito em sua produção original, como os de mulheres jornalistas trabalhando, não podemos nos referir ao site pornográfico como um espaço apenas de divulgação de práticas sexuais. Ao atestarmos isso, não estamos dizendo que não há práticas sexuais publicadas na

²³ Precisamos mencionar que, apesar de isso acontecer, não é algo fácil e comum, pois as formas de controle no Xvideos não são rigorosas. Como apontado por investigação do New York Times (2021), existem centenas de vídeos de adolescentes em sites pornográficos como Xvideos e Pornhub que não são apagados, mesmo com a solicitação feita diretamente pelas vítimas e seus responsáveis. Ainda assim, os vídeos continuam a circular.

plataforma (pois é claro que há); no entanto, ambas as práticas estão em funcionamento ao mesmo tempo.

Há um imaginário de que, ao acessar um site pornográfico, se encontrará apenas vídeos de práticas sexuais explícitas, mas não é o que acontece. Quando falamos em práticas sexuais estamos nos referindo à imensa possibilidade de relações sexuais existentes. Entretanto, definir o que é uma prática sexual é uma daquelas questões com múltiplas respostas, tendo em vista que, dependendo da cultura, época, lugar e organização social, haverá um entendimento diferente sobre o que isso significa. Um bom exemplo pode ser retirado de como a própria medicina define prática sexual; no Medipédia²⁴, um site sediado no Instituto Pedro Nunes em Coimbra dedicado a compilar informações sobre saúde, é apontado que: “ao contrário dos animais, cujo comportamento sexual se encontra estereotipado conforme cada espécie, os seres humanos têm uma sexualidade muito rica e extraordinariamente variada”. Além disso, o site menciona quatro práticas sexuais: beijos, carícias, coito vaginal e masturbação.

Contudo, ao buscarmos por uma definição em dicionário de língua portuguesa online, encontramos menção a prática sexual no Dicionário Informal²⁵, que a define como: “Qualquer atividade de caráter sexual; feita para satisfazer impulsos sexuais, para se reproduzir ou causar prazer”. Sendo assim, o gesto de deslocar um vídeo de uma mulher jornalista trabalhando para um site pornográfico (que é um espaço de sexualização) pode ser entendido como uma prática sexualizadora, pois, quando esse material é inserido no Xvideos pelo sujeito-usuário-produtor, isso se configura como uma prática de sexualização sobre o corpo da mulher jornalista.

Portanto, ao ser disponibilizado no Xvideos, esse vídeo passa a integrar as práticas sexuais de uma outra maneira, isto é, não é explícito como as outras práticas presentes, mas, a partir do momento em que o vídeo é assistido, ele se torna parte das práticas do site pornográfico, tanto de sexualização, quanto sexual.

No entanto, Maingueneau (2010) entende que nem todo texto pode ser considerado pornográfico, mesmo que ele desperte a libido de algum leitor. Segundo o autor, é preciso se restringir aos textos que são decorrentes da escrita

²⁴ Disponível em: < <https://www.medipedia.pt/home/home.php?module=artigoEnc&id=722> > Acesso em: 23 out. 2021.

²⁵ Disponível em: < <https://www.dicionarioinformal.com.br/pr%C3%A1tica%20sexual/> > Acesso em: 23 out. 2021.

pornográfica. É importante ressaltar que Maingueneau analisou, em sua obra, textos literários que são pornográficos.

Mas, quando nos direcionamos à nossa plataforma de análise, percebemos que os limites entre o que é considerado pornográfico ou não são muito tênues. Um vídeo de uma mulher jornalista apresentando a previsão do tempo parece ser claramente um material não pornográfico. No entanto, há um gesto de interpretação que julga o vídeo como um material possível para despertar a libido e ser disponibilizado em um site pornográfico. Essa ação, que parece tão inofensiva, na verdade modifica a interpretação que se tem sobre o material.

Em sua obra, Maingueneau (2010) também traz uma questão importante para refletir a respeito da literatura pornográfica. Mesmo tratando-se de objetivos de pesquisa diferentes, essa reflexão pode ser aplicada à nossa pesquisa. Segundo o autor (2010), há uma “dupla impossibilidade” na pornografia: é impossível ela não existir, mas também é impossível ela existir.

O primeiro impossível é da ordem do fato: diante do que é uma sociedade, é inelutável que esses enunciados serão produzidos nela. O segundo impossível é da ordem da norma: se esse discurso tivesse pleno direito de cidadania, então não haveria sociedade possível (MAINGUENEAU, 2010, p. 24).

Ou seja, da forma como uma sociedade é estruturada e como os discursos circulam seria impossível excluir uma determinada prática discursiva de todos os âmbitos sociais, pois não é possível ter controle sobre isso. No entanto, ao mesmo tempo, uma outra questão entra em vigor: se os livros literários, filmes, vídeos e outras produções pornográficas tivessem livre circulação, os valores sociais da atualidade não teriam sentido.

Diante dessa questão, o autor destaca que há uma ambiguidade no verbo existir: “é certo que a literatura pornográfica existe, no sentido de que ela é massivamente atestada, mas ela não existe plenamente, no sentido de que é clandestina, nômade, parasita, ocultada...” (MAINGUENEAU, 2010, p. 24). Antes do surgimento da internet, por exemplo, as revistas e filmes pornográficos ocupavam um espaço privado de difícil acesso. Atualmente, com a disseminação pela internet, o acesso se tornou mais fácil, porém não significa que ele é feito publicamente, pelo contrário, os usuários o fazem em locais privados e é raro um indivíduo reconhecer que consome pornografia.

Segundo o autor, tudo relacionado à pornografia não tem lugar para existir. Essa ausência de um lugar social é apontada por Maingueneau (2010) como atopia, ou seja, a justaposição de “a” que significa negação com “topia” que significa lugar. Para ele, o discurso pornográfico é “atópico”, pois sua existência é negada, e esse discurso é fadado à clandestinidade.

Contudo, reconhecemos, pelo viés da AD materialista, que o sujeito-usuário que consome a pornografia o faz de um lugar social. Além disso, precisamos lembrar que a discussão sobre pornografia está presente em diversos âmbitos sociais e é alvo de inúmeras disputas discursivas, portanto ela tem um lugar de existência, por mais restrito que seja. Nesse sentido, entendemos que, mesmo que um debate mais aberto sobre pornografia ainda seja limitado e que sua existência seja constantemente negada, a pornografia possui um lugar de existência que está relacionado, principalmente, ao sujeito-usuário-produtor, ao sujeito-usuário-consumidor e aos lugares sociais que ocupam.

Maingueneau (2010) destaca que a pornografia é transgressiva:

ela pretende dar visibilidade máxima a práticas às quais a sociedade busca, ao contrário, dar visibilidade mínima, quando não, para algumas delas, visibilidade nenhuma. Ao distinguir de maneira mais ou menos precisa o que pode ser mostrado em sociedade e o que não pode aparecer, os bons costumes circunscrevem, num só movimento, o espaço pornográfico: o pornográfico dá-se o direito de mostrar tudo, mas esse "tudo" é na realidade tudo aquilo que não deve ser mostrado (MAINGUENEAU, 2010, p. 39-40).

O autor traz a concepção de Bertrand e Baron-Carvais (2001, *apud* MAINGUENEAU, 2010) sobre o que a pornografia manifesta em suas produções. Segundo os autores, há três categorias: 1) o que não é permitido fazer em público, as relações sexuais, por exemplo; 2) o que normalmente não se faz, as orgias, por exemplo; e 3) o que a maioria dos indivíduos nunca faz, o estupro, por exemplo.

Para Maingueneau (2010, p. 41), há três zonas da pornografia. De um lado, encontram-se “as práticas sexuais que não são ilícitas”, uma zona que ele classifica como “canônica” e, próximo a ela está a zona da “pornografia tolerada”. Já do outro lado se encontra a “pornografia interdita”.

Segundo o autor (2010, p. 41-42), a pornografia canônica não vai contra os valores sociais dominantes. A característica é de um “discurso permissivo, que se

desdobra em um universo sem culpabilidade”. A pornografia tolerada está próxima à canônica e é a que não se opõe “ao princípio de satisfação compartilhada”; no entanto também apresenta algumas práticas sexuais que podem ser consideradas “anormais”. Já a pornografia interdita vai contra o princípio de satisfação compartilhada e/ou vai de encontro com a lei, como, por exemplo, o estupro e a pedofilia.

Maingueneau (2010) traz um quadro bastante útil para entender o funcionamento dessas três zonas pornográficas, o qual pode ser observado abaixo:

Pornografia	Satisfação compartilhada	Normalidade	Legalidade
canônica	+	+	+
tolerada	+	-	+
interdita	-	-	-

Tabela 1: Zonas pornográficas de Maingueneau (2010).

Trazemos essas três zonas pornográficas de que trata Maingueneau (2010) a fim de demonstrar sua concepção sobre o funcionamento da pornografia. Como mencionamos na introdução, estabelecemos três categorias para os vídeos pornográficos que contêm a representação de mulheres jornalistas:

1) vídeos produzidos por estúdios pornográficos nos quais atrizes e atores encenam uma situação onde alguém exerce o papel de jornalista;

2) vídeos que utilizam os nomes de jornalistas brasileiras alegando que são vídeos íntimos vazados;

3) vídeos de jornalistas brasileiras exercendo a profissão que, originalmente, estão disponíveis na plataforma da emissora na qual trabalham, mas que foram colocados com novos títulos e algumas edições simples no site pornográfico.

As categorias de vídeos que propomos podem ser observadas nas zonas pornográficas de Maingueneau (2010). Para um melhor entendimento, trouxemos alguns exemplos. A primeira zona pornográfica é a canônica, que trata de práticas que não vão contra os valores sociais. Essa foi a zona mais difícil de encontrar, pois as representações da mulher jornalista no Xvideos são, em sua maioria, de mulher assediada, violada, forçada e um objeto de prazer do entrevistado ou colega de trabalho, com práticas caracterizadas mais na zona tolerada e interdita.

No entanto, há uma prática que aparece diversas vezes dentro da plataforma: vídeos que afirmam conter imagens íntimas de jornalistas em relações sexuais. Todavia, é muito difícil verificar pelas imagens se realmente se trata de um vídeo real da profissional, pois o rosto da mulher quase não aparece e, quando aparece, é muito rápido. Alguns vídeos, contudo, deixam muito claro que não se trata da jornalista de que se referem, mas de uma mulher com características físicas parecidas a ela.

Na imagem 5, duas contas diferentes do Xvideos publicaram o mesmo material afirmando, através dos enunciados contido nos títulos, se tratar de uma apresentadora da emissora *Fox Sports* em vídeo íntimo²⁶. Entretanto, não é possível verificar a veracidade do que é exposto, pois em nenhum momento do vídeo a face da mulher aparece. Os vídeos da primeira categoria que constatamos são vídeos de práticas sexuais comuns entre casais heterossexuais, que não vão contra os valores morais e, por isso, se encaixam na zona canônica.

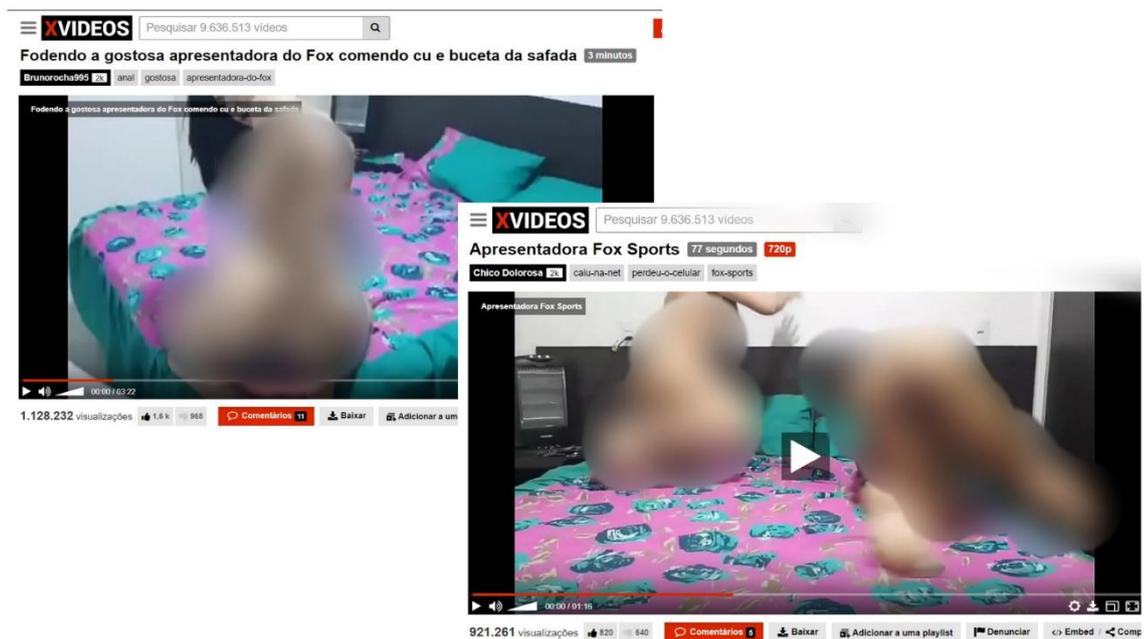


Imagem 5: exemplo zona pornográfica canônica (aplicamos o efeito “borrar”, pois as imagens de sexo são explícitas). Prints realizados em: 08 de março de 2021²⁷.

²⁶ Vale salientar que a divulgação de fotos ou vídeos íntimos sem consentimento é considerado crime, segundo a legislação brasileira, através da Lei 13.718/2018.

²⁷ Disponíveis em: < https://www.xvideos.com/video47725551/apresentadora_fox_sports > e < https://www.xvideos.com/video43440417/fodendo_a_gostosa_apresentadora_do_fox_comendo_cu_e_buceta_da_safada > Acesso em: 08 mar. 2021.

A respeito de vídeos produzidos por estúdios pornográficos, é possível observar que as cenas protagonizadas por atrizes e atores profissionais ou amadores, em sua maioria, simulam uma situação onde a jornalista é assediada pelo entrevistado, colega de trabalho ou chefe. Inúmeras cenas que representam a jornalista como personagem utilizam da prática “*Gang Bang*”²⁸, uma das práticas sexuais mais procuradas em sites adultos. Ela consiste em uma relação sexual entre uma mulher e vários homens diferentes ao mesmo tempo.

O primeiro exemplo é de um vídeo pornográfico que se enquadra na zona tolerada, uma zona que contém algumas práticas que podem ser consideradas “anormais” e que normalmente não se pratica (MAINGUENEAU, 2010). O vídeo é produzido pelo estúdio pornográfico WANKZ, um famoso estúdio com sede na Holanda.



Imagem 6: exemplo zona pornográfica tolerada. Print feito em: 16 de junho de 2020²⁹.

A tradução livre do título em inglês seria “Repórter gostosa *Gang-banged* por time de basquete”. *Gang Bang* não possui uma tradução para o português, inclusive nos sites pornográficos a palavra não é traduzida em vídeos que são produzidos no Brasil. A prática de *Gang Bang* é tão conhecida em produções pornográficas que ela

²⁸ Esta e outras palavras foram incluídas em um glossário, presentes no Anexo I.

²⁹ Disponível em: < <https://www.xvideos.com/video27812825/wankz-hot-reporter-gang-banged-by-basketball-team>> Acesso em: 16 jun. 2020.

se tornou também um verbo, tal como usado no título do vídeo, através da utilização da voz passiva na língua inglesa.

Na narrativa do audiovisual, uma repórter entrevista jogadores de basquete e essa entrevista acaba se tornando uma relação sexual ao decorrer do vídeo. O vídeo continha mais de 600 mil visualizações no momento da captação da imagem. Para o Xvideos pode ser considerado um número baixo, pois na plataforma as visualizações giram em torno de milhões.

Já o terceiro exemplo (Imagem 7) se enquadra na zona pornográfica interdita, pois, além da prática *Gang Bang*, há também simulações de estupro. O título do vídeo em uma tradução livre para o português seria “Talibã *Gangbangs* repórter dos Estados Unidos”. O mesmo acontece novamente com a palavra *Gang Bang* transformada na estrutura verbal do presente simples na língua inglesa.

A narrativa desse vídeo é de uma mulher jornalista que vai cobrir um acontecimento no Afeganistão e é estuprada por diversos homens. É possível perceber pelo vídeo que ele é produzido por um estúdio pornográfico, pois, além da atuação e encenação, há também emissão de créditos. No entanto, é difícil identificar o nome do estúdio, já que nem sempre os vídeos produzidos por determinado estúdio serão postados no site adulto pela própria empresa. O que acontece muitas vezes é de um mesmo vídeo ser disponibilizado na plataforma por diversas contas diferentes. O vídeo continha mais de 11 milhões de visualizações no Xvideos no momento da captação de imagem.



Imagem 7: exemplo zona pornográfica interdita. Print feito em: 03 de dezembro de 2019³⁰.

Em ambos os exemplos, é possível perceber que os nomes das atrizes são disponibilizados abaixo do título: *Jada Stevens* e *Barret Moore*. Essa é uma situação comum na plataforma: é raro os nomes dos atores homens aparecerem abaixo do vídeo. Nesses vídeos, em específico, há vários atores homens trabalhando, por exemplo. Mas nenhum é identificado.

Essa situação em particular nos despertou um *estranhamento* inicial, causado pelo excesso da aparição dos nomes das atrizes nos vídeos e a *falta* dos nomes dos atores. Essas três noções de estranhamento, excesso e falta advém de Ernst (2009). Os efeitos de sentido desses gestos demonstram que os homens podem permanecer anônimos na plataforma, mas as mulheres são representadas como uma atração principal.

A fim de exemplificar como as zonas pornográficas de Maingueneau (2010) aparecem em nossa plataforma de estudo, apresentamos esses exemplos. Contudo, se tentarmos relacionar essas zonas com nossas materialidades de análise é impossível distribuí-las em alguma dessas categorias, pois, como vídeos de mulheres trabalhando poderiam ser categorizados em zonas pornográficas?

A pornografia é uma das mídias que melhor se adaptou a cada nova tecnologia: desenhos, livros literários, revistas, quadrinhos, imagens, filmes e vídeos.

³⁰ O vídeo não está mais disponível no Xvideos.

O setor pornográfico conseguiu se adaptar a cada um deles. A internet, contudo, foi um grande marco na pornografia, pois ela ampliou os horizontes pornográficos. Atualmente, não apenas se consome pornografia, mas também é possível ser produtor e criador do seu próprio material.

A pornografia online também permitiu o rastreamento preciso dos visitantes de cada plataforma pornográfica. Tais rastreamentos têm provado que o número de acessos é estável e que só cresce em audiência (BAKONYI, 2012). O Xvideos, como já ressaltamos, é um dos sites mais acessados pelos brasileiros. Mas, apesar dos milhões de acessos diários a sites adultos, consumir pornografia continua sendo um tabu. Como aponta Bakonyi (2012), essa é uma atividade estigmatizada e classificada como desviante.

Os desenvolvimentos tecnológicos do qual a pornografia fez parte a modificaram de várias formas, como a transformação dos filmes VHS até a imensidão de vídeos disponíveis online, que oferecem inúmeras possibilidades de ciberpornô (BAKONYI, 2012).

As plataformas Web 2.0 estabeleceram uma nova forma de utilizar a internet. De acordo com O'Reilly (2005), criador do conceito, Web 2.0 é o entendimento da web como uma plataforma. A Web 2.0 tornou o ciberespaço mais acessível, pois o usuário consegue selecionar o que gostaria de consumir a partir de seus interesses.

Através da Web 2.0 também se tornou mais fácil a produção de conteúdo feito por sujeito-usuário-produtor, conhecida como *User Generated Content* (UGC). Segundo Bakonyi (2012), UGC se provou ser um sucesso, já que plataformas como Youtube e Facebook recebem diariamente milhões de visitantes. O sucesso se dá por várias razões: na mídia tradicional como rádio e televisão, os consumidores têm uma posição mais passiva. Nesse sentido, a Web 2.0 permitiu uma audiência ativa, já que o usuário não apenas observa, ele pesquisa, contribui, compartilha, curte, avalia, comenta e produz (BAKONYI, 2012).

Conforme Bakonyi (2012), uma das formas mais conhecidas de materiais gerados por usuário são os vídeos, disponíveis em grandes plataformas como Youtube e Vimeo (atualmente, podemos acrescentar plataformas como Instagram e Tiktok nessa lista). No entanto, essas principais plataformas de compartilhamento de vídeos possuem limitações no que diz respeito às submissões de conteúdo pelos seus usuários. Primeiramente, há a questão dos direitos autorais; em segundo lugar, vídeos adultos não são permitidos (BAKONYI, 2012).

É nesse contexto que o Xvideos aparece, pois é uma plataforma de compartilhamento focada em vídeos adultos, ou seja, os vídeos que não podem ser disponibilizados em outras plataformas por conterem teor sexual podem ser disponibilizados no site pornográfico. Bakonyi (2012) destaca que as plataformas de vídeos adultos desempenham um papel importante no desenvolvimento atual e futuro da Web 2.0. Há uma interligação entre as tecnologias de comunicação de massa e a pornografia. Além disso, essas plataformas possuem uma enorme popularidade. Devido ao alto número de acessos, elas são significativas para pensar o desenvolvimento de novas tecnologias de mídias e avanços nas possibilidades de melhor qualidade de *streaming*³¹ (BAKONYI, 2012).

O trabalho desenvolvido pela pesquisadora Borbala Bakonyi em 2012, em seu Mestrado em Mídia, Cultura e Sociedade, na Universidade de Rotterdam, é extremamente significativo para os estudos sobre pornografia online. No entanto, passaram-se quase dez anos desde a publicação de sua pesquisa e, em termos de ciberespaço, dez anos é bastante tempo. Devido a isso, consideramos importante ressaltar que os avanços de possibilidades e melhor qualidade de *streaming* em sites pornográficos já vêm acontecendo.

No Xvideos, por exemplo, já é possível consumir materiais exclusivos de produtores de conteúdo adulto. O Xvideos ampliou sua forma de produção. Uma dessas ações é o Xvideos RED, um setor exclusivo para membros assinantes. Esse setor está disponível para quem deseja produzir materiais pornográficos na plataforma. O sujeito-usuário-produtor disponibiliza seus materiais no setor e o Xvideos repassa um valor a partir do número de visualizações de assinantes.

Segundo o próprio Xvideos³², o setor RED recebe mais de cinco bilhões de visitantes por mês. Os conteúdos produzidos são exclusivos e pensados para o nicho de usuários. Há vários benefícios para quem assina o setor: o material é exclusivo, os produtores de conteúdo são mais acessíveis aos assinantes de seus canais e a qualidade é diferenciada.

Attwood (2010) aponta que a pornografia online desfez as barreiras entre espaço público e privado, se tornando mais acessível às audiências que tradicionalmente eram proibidas de consumi-la. No Brasil, por exemplo, por muito tempo os dados mostravam que os maiores consumidores de materiais

³¹ Uma forma de distribuição digital, como *Netflix*.

³² Como o próprio site afirma em divulgação do Xvideos RED: <<https://info.xvideos.com/xvideos-red>>.

pornográficos eram homens. Existia e ainda existe um grande tabu envolvendo mulheres e consumo de pornografia. Em 2019, o site pornográfico *PornHub* (um dos maiores sites adultos do mundo) divulgou as estatísticas do ano referentes a tráfego de pessoas, pesquisas mais populares e demografias na plataforma. O Brasil, junto a Filipinas, ocupou a primeira posição como país com maior número de mulheres acessando a plataforma. Isso demonstra que a cultura sobre sexo e mulheres no Brasil vem se modificando.

Os Estudos de Pornografia têm como um de seus objetivos tornar-se um ambiente onde várias abordagens, ideias, metodologias, teorias e conceitos possam ser exploradas e debatidas por pesquisadores ao redor do mundo que estão interessados em entender a pornografia em uma perspectiva crítica.

Conforme Attwood e Smith (2014), o trabalho de quem pesquisa pornografia não se inicia com o pesquisador assumindo que já sabe o que é a indústria pornográfica, como ela significa e seu impacto sobre seus usuários. Cabe aos pesquisadores questionarem as evidências estabelecidas socialmente sobre o tema. E é o que nos propomos fazer nesse trabalho.

6 Teoria e análise entrelaçadas: o funcionamento do Xvideos e seus efeitos de sentido

(...) *E a possibilidade de significar onde o sentido ainda não faz sentido.*

Eni Orlandi.

Descrever e interpretar o *corpus* da pesquisa é o momento em que a analista reflete sobre as materialidades linguísticas em uma relação constante com os pressupostos teóricos em que o estudo se embasa. Assim, a pesquisadora assume uma tarefa de compreender como se dá o funcionamento da linguagem em uso e suas relações com a exterioridade. Diante disso, é preciso considerar que todo dizer tem uma natureza que é sócio-histórica, pois, como aponta Orlandi (2009, p. 16), “o discurso é um objeto sócio-histórico em que o linguístico intervém como pressuposto”.

Chegamos ao capítulo destinado à descrição do *corpus* e à interpretação do mesmo, através das análises. Contudo, consideramos importante apontar que nosso gesto analítico não começa aqui; no decorrer das páginas já escritas realizamos um movimento de trabalhar com a teoria e, ao mesmo tempo, observar algumas regularidades da composição do Xvideos. Entendemos que a forma como a analista desenvolve sua pesquisa é construída a partir da própria análise. Sendo assim, os procedimentos de análise estão interligados à teoria e cada pesquisa tem sua própria especificidade. Esse processo de escolher o objeto de trabalho, escrever, reescrever e refletir a partir de materialidades linguísticas é parte do gesto analítico.

Como analistas, nós precisamos retornar aos pressupostos teóricos nos quais nos embasamos, em um batimento constante entre teoria e análise. Posto isto, para a realização do movimento teórico-analítico da pesquisa, foram analisados quatro vídeos que compõem as sequências discursivas do *corpus*. Durante as incursões realizadas ao Xvideos, selecionamos cerca de 20 vídeos que continham mulheres jornalistas trabalhando e, a partir desse número, selecionamos quatro para focarmos nossa análise.

A AD busca pelo sentido do uso da língua e como ela se manifesta. Nesse processo, a analista articula simultaneamente as relações entre sujeito, discurso e a exterioridade. No entanto, mesmo sendo uma disciplina de interpretação, a AD não

pretende dominar todos os sentidos de um texto, como destaca Pêcheux (2011, p. 291):

A análise de discurso não pretende se instituir em especialista da interpretação, dominando 'o' sentido dos textos, mas somente construir procedimentos expondo o olhar-leitor a níveis opacos à ação estratégica de um sujeito (tais como a relação discursiva entre sintaxe e léxico no regime dos enunciados, com o efeito do interdiscurso induzido nesse regime, sob a forma do não-dito que aí emerge, como discurso outro, discurso de um outro ou discurso do Outro) (PÊCHEUX, 2011, p. 291).

Há diversas formas de chegar ao *corpus* de uma pesquisa. As materialidades de análise podem estar em um livro, um *slogan* publicitário, um filme, em jornais e revistas ou, até mesmo, em um site pornográfico. Conforme já mencionado, a primeira aproximação com nosso *corpus* se deu através de um estranhamento (ERNST, 2009). Inicialmente, nos questionamos sobre a razão de vídeos de mulheres jornalistas estarem sendo reproduzidos com teor sexual em uma conta de Youtube. Posteriormente, nos dirigimos a um site pornográfico, a fim de descobrir se nele encontraríamos materiais similares, e o estranhamento foi ainda maior: o que esses vídeos de mulheres jornalistas exercendo suas profissões fazem aqui?

De acordo com Braga (2017, p. 2429), a noção de estranhamento não é apenas útil como uma forma de chegar ao *corpus* discursivo, ela também “é produtiva para que o pesquisador satisfaça um compromisso teórico implicado nessa definição”. Dessa forma, através do estranhamento, a analista consegue problematizar e encontrar novas formas de ler suas materialidades de análise.

Na primeira seção deste capítulo, apresentaremos a plataforma de análise com a qual estamos trabalhando: o Xvideos. Buscamos demonstrar as regularidades que colaboram na composição, funcionamento e significação da mesma. Ademais, também descrevemos e interpretamos a primeira sequência discursiva em análise.

6.1 Regularidades na composição do Xvideos

Entre tantos sites pornográficos disponíveis, optamos pela plataforma Xvideos, pois é o site adulto mais acessado no Brasil, conforme levantamento da companhia de tecnologias e informação *SimilarWeb*, realizado em 2021. A partir de uma perspectiva discursiva, apresentaremos regularidades importantes do Xvideos.

Nosso objetivo, no entanto, não é demonstrar todas as características existentes, mas apresentar alguns recortes que podem auxiliar para o entendimento dos processos de significação da plataforma. É também nesse tópico que apresentamos a primeira Sequência Discursiva (SD1), sua descrição e interpretação.

O Xvideos foi lançado em 2007 como um site de compartilhamento de materiais pornográficos. Ele faz parte da empresa tcheca *WGCZ Holding*. Na plataforma, os vídeos profissionais se misturam aos vídeos amadores. Para acessar o site, não é preciso comprovar maioridade; nesse sentido, pessoas de qualquer idade podem acessar facilmente os materiais. Atualmente, como já apontado, há um novo formato de organização da plataforma que define a produção de leitura dos sujeitos-usuários-consumidores, que é o Xvideos RED, onde é possível acessar materiais exclusivos através de uma assinatura mensal.

A imagem 8, disponível abaixo, é a página inicial da plataforma. Nela, já há alguns vídeos e uma barra de pesquisa disponível para o sujeito-usuário-consumidor realizar sua busca. Diferente de outras plataformas de hospedagem de vídeos, como Youtube, as tags já podem ser observadas abaixo da barra de pesquisa. Essas tags não são permanentes, pois costumam mudar conforme o número de pesquisas que cada uma recebe, ou seja, as tags mais pesquisadas se mantêm na aba inicial por mais tempo.

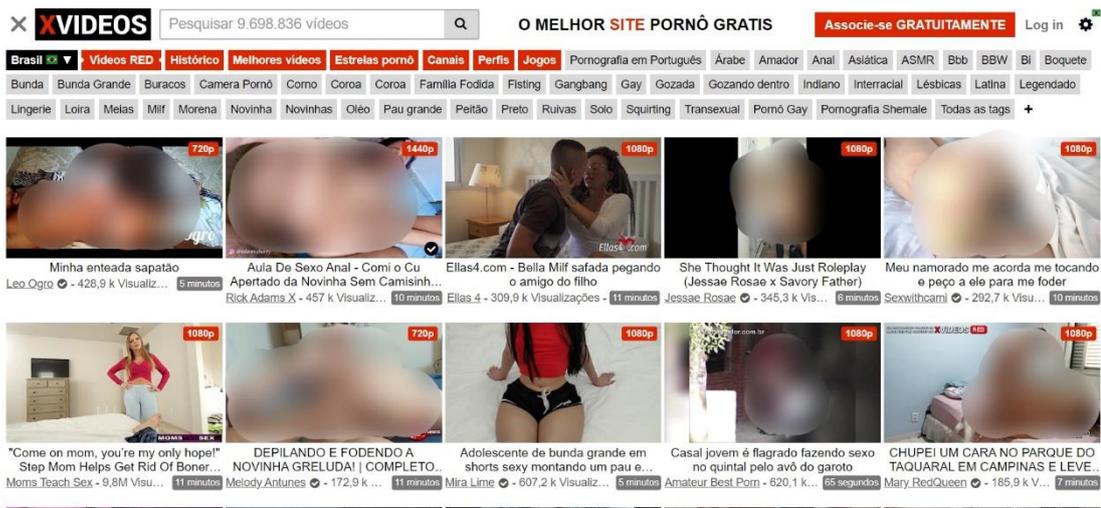


Imagem 8: página inicial do Xvideos (aplicamos o efeito “borrar”, pois as imagens de sexo são explícitas). Print feito em: 01 de março de 2021.

O formato e Design do Xvideos são características interessantes da plataforma. Como pode ser observado na imagem acima, a estrutura do site utiliza apenas três cores: preto, branco e vermelho. Acessar e navegar no Xvideos é simples, se comparado a outras plataformas mais elaboradas e com muitos recursos, como Facebook, Instagram, Twitter e Youtube.

As interfaces gráficas de sites pornográficos criam, como destaca o pesquisador em tecnologia da informação e em Estudos de Pornografia Patrick Keilty (2018), um espaço onde o sujeito-usuário-consumidor navega de um material para o outro, prolongando seu engajamento, seja por prazer ou para manter o tédio sob controle.

Segundo o autor, a organização de sites de *streaming* de vídeos pornográficos utiliza de várias modalidades midiáticas, como: gifs, sons, transmissões ao vivo, design gráfico, animações, entre outras. Nesse sentido, como aponta Keilty (2018), o visitante do site pornográfico se envolve com diversas mídias ao mesmo tempo quando acessa esse espaço de produção, circulação e consumo de práticas de sexualização.

De acordo com Keilty (2018, p. 1), os sites pornográficos podem parecer amadores quando observamos suas estruturas. Contudo, são empresas de tecnologia bastante sofisticadas que costumam empregar inúmeros profissionais que projetam e desenvolvem “interfaces, algoritmos, software de dados, análise de dados, software de streaming de vídeo e sistemas de gerenciamento de banco de dados”. Conforme o autor, essa é uma indústria inovadora nas práticas algorítmicas e de ciência de dados.

As tags são uma característica importante na plataforma Xvideos (e em sites adultos, em geral). Tags são palavras-chave utilizadas em diversos sites, não apenas nos pornográficos, com o intuito de tematizar categorias em que estão organizados os materiais da plataforma e são estipuladas pelo sujeito-usuário-produtor ao disponibilizar o vídeo. Além disso, elas funcionam como uma forma de orientar o sujeito-usuário-consumidor a buscar o que gostaria de consumir, possuindo um funcionamento similar às *hashtags*, pois ambas geram um arquivo digital.

Conforme Gallo (2017, p. 431), a circulação é uma das grandes recompensas que há no digital. Ela pode levar o material para milhares de usuários em pouco tempo. No entanto, há algumas regularidades que precisam ser seguidas, como:

submeter o material “à normatização da rede” em que ele vai circular, ou seja, “formulá-lo segundo essa normatização”. Nesse sentido, as tags são uma normatização do Xvideos que precisam ser seguidas para uma boa circulação do produto dentro desse espaço enunciativo informatizado.

Como explica Bakonyi (2012), as tags estão sujeitas à decisão do sujeito-usuário-produtor que envia o material. Geralmente, essas tags são fornecidas na interface do site, ou seja, quem está consumindo tem que escolher entre um número limitado de opções ou criá-las no momento da hospedagem do vídeo. Além disso, as designações utilizadas como tags são criações do sujeito-usuário-produtor ao hospedar o material no site (BAKONYI, 2012).

Como a escolha fica a critério de quem está disponibilizando o vídeo no site, essas opções acabam sendo subjetivas. Em uma das análises preliminares (incursão descrita no prólogo) que fizemos durante a execução dessa pesquisa, constatamos que: 1) em geral, no Xvideos são utilizadas muitas tags em cada vídeo; e 2) várias dessas tags não correspondem, necessariamente, aos elementos que compõem o vídeo.

O fotograma seguinte é um recorte da primeira Sequência Discursiva (SD1) desta pesquisa. É um vídeo de uma mulher jornalista em exercício de sua profissão, apresentando a previsão do tempo em um jornal televisivo brasileiro. O material foi transmitido ao vivo e disponibilizado, posteriormente, no site da emissora que detêm os direitos da produção. No entanto, o vídeo foi deslocado para o site pornográfico e está disponível no Xvideos.



Imagem 9: fotograma da SD1. Print feito em: 06 de novembro de 2020.

O material possui 53.237 visualizações e foi hospedado por uma conta intitulada “Puto2017” que possui mais de dois mil seguidores (os números correspondem ao dia da captação da imagem). Diante do número de seguidores da conta responsável pelo vídeo, resolvemos acessá-la para observar o tipo de material que estava disponível.

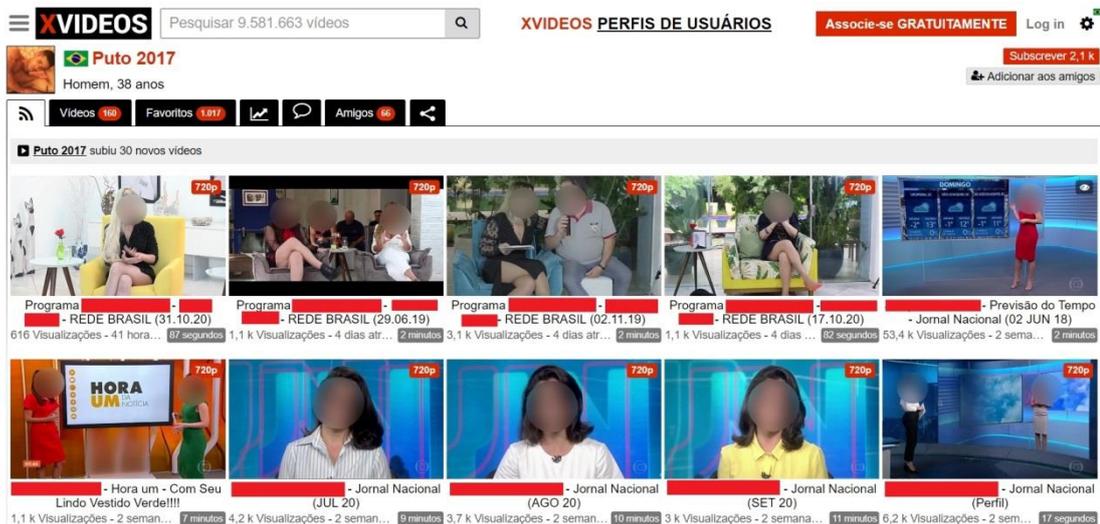


Imagem 10: fotograma da página inicial da conta "puto2017". Print feito em: 06 de novembro de 2020.

Ao acessarmos a conta “Puto2017”, fomos afetadas por um estranhamento causado pelo excesso de vídeos de mulheres jornalistas e apresentadoras de televisão que foram deslocados de seu espaço original e disponibilizados no

Xvideos. No dia em que a captação foi realizada (06 de novembro de 2020), a conta possuía 106 vídeos e a maior parte desse número eram vídeos de mulheres que trabalham na televisão. A existência de uma conta no Xvideos que possui apenas esse tipo de vídeo materializa um efeito de sentido de que as mulheres jornalistas e apresentadoras podem ser categorizadas na plataforma da mesma forma que acontece com outros corpos femininos (discutiremos essa questão mais adiante).

Ao observar a SD1, é possível verificar que há 15 tags no vídeo e todas elas foram estabelecidas pelo sujeito-usuário-produtor que hospedou o material. A maioria das tags são descritivas, como *loira*, *branquinha*, *bunduda*, etc. No vídeo, consta apenas a jornalista apresentando a previsão do tempo em um programa jornalístico televisivo. Como ressaltamos, essas tags não correspondem, necessariamente, aos elementos que compõem o vídeo, pois elas são escolhas do sujeito-usuário-produtor que refletem uma relação entre o que está sendo visto no vídeo e seu imaginário, forjado ideologicamente, sobre a mulher jornalista. Além disso, também entra em cena aquilo que o usuário imagina ser de interesse do interlocutor, isto é, o sujeito-usuário-consumidor.

Esse é um processo de designação no qual o imaginário projeta o(s) item(ns) lexicais que melhor encapsulariam o efeito de sentido que se tenta estabelecer (via esquecimento nº 2), os quais viram tags na plataforma. Essas tags não só funcionam como o imaginário de quem hospeda, mas como uma forma de fisgar novas visualizações de quem acessa o Xvideos. O imaginário, portanto, é determinado pela formação discursiva de identificação do sujeito enunciador. É o imaginário que traz à tona como esse sujeito se relaciona com a ideologia, e a materialização dessa relação toma corpo através das designações formuladas nas tags.

Como já apontado, o site pornográfico estabelece uma relação de fornecimento e consumo, que está estritamente ligada às configurações da formação social capitalista. Os vídeos pornográficos estão em um contexto de consumo de corpos. Dessa forma, até os vídeos que não são pornográficos se tornam objetos de consumo e sexualização na plataforma pornográfica.

Ao escolher as palavras que serão as tags dos vídeos, o sujeito-usuário-produtor tenta gerenciar o sentido daquilo que é formulado. No Xvideos, esse gerenciamento das tags tem o objetivo de cativar o sujeito-usuário-consumidor para

o vídeo. Mas, para atingir esse objetivo, há os dois esquecimentos da AD em funcionamento.

Os esquecimentos nº 1 e nº 2, propostos por Pêcheux e Fuchs (1997 [1975]), funcionam através de uma relação entre ideologia e inconsciente. No esquecimento nº 1, o sujeito tem a ilusão de que está na fonte do sentido. Já no esquecimento nº 2, o sujeito tem outra ilusão, ele acredita que pode controlar os efeitos de sentido de seus discursos.

De acordo com Vinhas (2020, p. 91), o primeiro esquecimento diz respeito a uma operação que é necessária para a existência da subjetividade, pois o esquecimento faz parte da “incompletude subjetiva”, e nesse processo são necessárias a “interpelação ideológica” e o “atravessamento do inconsciente”.

No momento em que o sujeito-usuário-produtor escolhe as tags, ele o faz conscientemente, pois esse gerenciamento é inicialmente da ordem pré-consciente/consciente (esquecimento nº 2), mas o que ele não sabe é o motivo que o faz escolher determinadas palavras ao invés de outras. Na escolha dessas tags, está envolvido um processo ideológico que leva esse sujeito a escolher uma palavra em detrimento de outra.

Ao enunciar, o sujeito exerce escolhas de estruturas linguísticas que ele tem disponível em sua língua, mas esse processo acontece ideologicamente; a designação, por exemplo, está estritamente relacionada à ideologia. Nesse sentido, Pêcheux e Fuchs (1997 [1975], p. 177) explicam que o esquecimento nº 1 está vinculado ao inconsciente e pode ser compreendido “no sentido em que a ideologia é constitutivamente inconsciente dela mesma”.

O esquecimento nº 2, conforme Pêcheux e Fuchs (1997 [1975], p. 177), remete ao funcionamento de tipo pré-consciente/consciente. Nesse esquecimento, estão “as estratégias discursivas” utilizadas pelo sujeito. Na escolha das tags, por exemplo, há uma seleção por parte do sujeito-usuário-produtor. Essa seleção é feita a partir da formação discursiva com a qual está identificado.

A formação discursiva, conforme Pêcheux (2009 [1975], p. 147), é o que vai determinar “o que pode e deve ser dito” a partir da formação ideológica, da posição dos sujeitos, da luta de classes e da conjuntura. Desse modo, os significados das palavras dependem diretamente da formação discursiva, a partir da qual ganham sentido.

De acordo com Orlandi (2009), é a formação discursiva que explica o porquê de as palavras não possuírem sentido nelas mesmas, já que elas derivam de formações discursivas diferentes, e essas, por sua vez, correspondem às formações ideológicas em que estão inscritas. Dessa forma, uma mesma palavra pode significar diferentemente em formações discursivas distintas.

Orlandi (2009) ainda aponta que as formações discursivas podem ser entendidas como regiões do interdiscurso. É ele que possibilita dizeres que são determinados pelos já-ditos. Assim, os sentidos são predeterminados pelas relações que são estabelecidas nas e pelas formações discursivas.

(...) é preciso não pensar as formações discursivas como blocos homogêneos funcionando automaticamente. Elas são constituídas pela contradição, são heterogêneas nelas mesmas e suas fronteiras são fluidas, configurando-se e reconfigurando-se continuamente (ORLANDI, 2009, p. 44).

Esse funcionamento marcado pelos já-ditos é o que possibilita os efeitos de sentido sobre as mulheres jornalistas encontrados no Xvideos. Ao direcionar o olhar para o passado, é possível perceber que as discussões que evocam a figura da mulher passam por diversos percursos e âmbitos que colaboram para a construção das identidades femininas. São muitos os sentidos construídos sobre a mulher ao longo do tempo: “sexo frágil”, “mulher do lar”, “propriedade de um homem”, “objeto de desejo”, “objeto de prazer”, “objeto de sexualização”, entre tantos outros. Por um longo período, as mulheres foram assujeitadas ideologicamente pelas formações sociais que as determinavam.

A AD entende os efeitos de sentido produzidos pelos sujeitos a partir da história, pois os compreende como sujeitos que são historicamente construídos. Assim, o processo sócio-histórico-ideológico é um indicativo importante para entender a representação das identidades. É a partir desse contexto que conseguimos visualizar possíveis razões que fazem com que algo tão improvável, como um vídeo de uma mulher jornalista trabalhando, seja hospedado em um site pornográfico.

Diante disso, em nossa análise, entendemos que os processos discursivos encontrados em vídeos de mulheres jornalistas trabalhando, disponibilizados no Xvideos, estão materializados em uma FD que chamaremos de **FD sexualizadora**. Essa composição da FD foi apreendida no processo analítico. Portanto, os efeitos

de sentido encontrados nesses vídeos são representações do imaginário dos sujeitos que são construídas através da formação discursiva de interpelação/identificação com a qual se identificam. Nela, a sexualização do corpo feminino é um processo discursivo que ganha estatuto de obviedade, sendo impossível que não seja dessa forma.

Nesse sentido, o sujeito interpelado pela FD sexualizadora entende o corpo feminino como um corpo que é objeto de sexualização, desejo e que está disponível para consumo, isto é, um **corpo-mercadoria**, que existe apenas para o entretenimento dos homens, inclusive quando a mulher está exercendo atividades cotidianas, como o trabalho. Esses gestos de sexualização e mercantilização das mulheres jornalistas na plataforma pornográfica conformam o corpo dessas jornalistas a uma rede discursiva que coloca essas mulheres em uma posição de objeto e produto.

A simples disponibilização da SD1 no Xvideos já significa muito, pois esse gesto de interpretação do usuário, mobilizado pelo imaginário e pelo sócio-histórico-ideológico, foi o que possibilitou um julgamento de que um vídeo da jornalista apresentando a previsão do tempo caberia no escopo de um site pornográfico.

Nessa acepção, o sujeito sempre ocupa um lugar social, que é afetado diretamente pelas relações de poder (GRIGOLETTO, 2007). As relações de gênero, nesse sentido, estão ligadas às relações de poder, pois é através delas que é possível visualizar a forma como o poder opera no discurso. Os grupos que, socialmente, possuem mais poder, influenciam nos “processos de subjetivação de outras pessoas ou grupos” (FUNCK, 2009, p. 481). Historicamente, os homens têm sido os detentores do poder em todos os âmbitos da vida social. Dessa forma, as representações das identidades femininas sofrem a influência do imaginário dos sujeitos que detêm o poder e reflete na forma como eles enxergam e representam as mulheres.

Conforme podemos observar no recorte do fotograma da SD1, disponibilizado abaixo (imagem 11), o sujeito-usuário-produtor utilizou as tags *gostosinha*, *safadinha*, *novinha* e *branquinha* para descrever o vídeo.

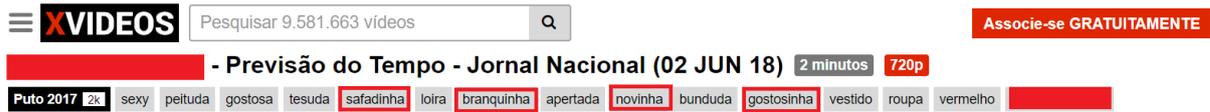


Imagem 11: recorte do fotograma da SD1 – tags com excesso de sufixos diminutivos atrelados aos adjetivos (grifo nosso). Print feito em: 06 de novembro de 2020.

A utilização da partícula “inho(a)”, do ponto de vista morfológico, é compreendida nas Gramáticas normativas como um morfema que indica diminutivo. Na SD1, observamos um excesso (ERNST, 2009) do acréscimo do sufixo diminutivo “inha” aos adjetivos. Semanticamente, a utilização dos diminutivos pode significar de diversas maneiras, assumindo inúmeros efeitos de sentido.

A pesquisadora Helia Cunha (2014) possui um estudo sobre diminutivos, porém partindo de outro campo de estudo, a Estilística Semântica. Contudo, compreendemos que algumas de suas considerações teóricas sobre a significação dos diminutivos contribuem para as reflexões que estamos trazendo.

De acordo com Cunha (2014), os diminutivos possuem inúmeros significados; devido a isso, a análise precisa ser feita a partir do contexto de produção do enunciado. Segundo a pesquisadora, os diminutivos podem: causar constrangimentos, ofender ou demonstrar desprezo por alguém; revelar ironia e antipatia; dar um significado carinhoso a algo ou alguém; e, podem designar também, algo que seja sensual ou excitante.

Na SD1, o excesso dos sufixos diminutivos confere marcas de um processo de sexualização da mulher jornalista, principalmente, quando nos deparamos com a designação *safadinha*, pois, a partir dela, podemos levantar o questionamento: *como uma mulher que está apenas apresentando a previsão do tempo pode ser designada como safadinha?* É através dessas designações que se viabiliza, discursivamente, o processo de sexualização dessas profissionais, que acontece através da historicidade presente na materialidade da língua e afeta os sentidos das representações dessas mulheres.

Para pensarmos sobre os efeitos de sentido, precisamos reconhecer que eles são produzidos em certos contextos. Devido a isso, é necessário observar essas condições. Na SD1 também é possível observar outro processo de significação: os efeitos de sentido das tags são completamente diferentes de sites não pornográficos. Como aponta Bakonyi (2012), enquanto no Youtube há categorias como *carros e veículos* ou *pets e animais*, em sites pornográficos as categorias são

diferentes, como: *morenas/latinas, novinhas, asiáticas, loiras, ruivas*, etc. Tais tags categorizam os corpos dentro da plataforma, funcionando discursivamente e constituindo um lugar de poder. É um funcionamento similar, por exemplo, a um catálogo de produtos. No entanto, o que está disponível para consumo são os corpos femininos, isto é, os corpos-mercadorias.

Na SD1 há também a utilização das tags *peituda, gostosa, tesuda, loira, apertada e bunduda*; como pode ser observado no recorte do fotograma da SD1 (imagem 12):

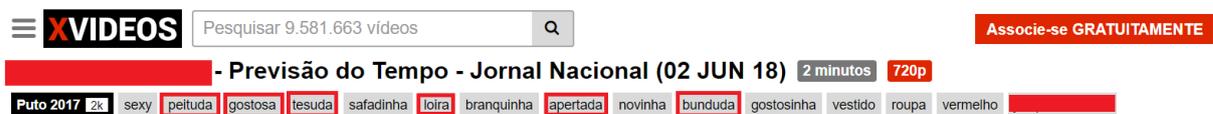


Imagem 12: recorte do fotograma da SD1 – tags com excesso de sufixos diminutivos atrelados aos adjetivos (grifo nosso). Print feito em: 06 de novembro de 2020.

Esse funcionamento das tags como recurso de categorização implica tanto na disponibilização do material quanto na busca dentro da plataforma. Quando o sujeito-usuário-produtor seleciona as designações que serão utilizadas como tags, ele categoriza seu material. Dessa forma, quando o sujeito-usuário-consumidor realiza uma busca por determinada tag, ele se depara com vídeos que estão categorizados pela designação. Por exemplo: se um sujeito-usuário-consumidor, procura pelas tags *loira* ou *tesuda*, em alguma das páginas de resultados haverá o vídeo que corresponde à SD1.

A categorização através das tags gera um arquivo dentro do Xvideos. Para pensar a noção de arquivo, precisamos retornar a Pêcheux. Em seu texto *Ler o Arquivo Hoje*, Pêcheux (2010 [1982], p. 51) apresenta o arquivo como um “um campo de documentos pertinentes e disponíveis sobre uma questão”. Ao refletir sobre arquivo, Pêcheux (2010 [1982]) ressalta a importância da leitura e da interpretação como fundamentais na construção do arquivo.

Contudo, como explica o autor, ao longo do tempo o arquivo passou a ser utilizado com fins estatais ou comerciais e, devido a isso, foram desenvolvidos métodos de tratamento em massa dos arquivos textuais para transformá-los em algo “facilmente comunicável, transmissível e reproduzível” (2010 [1982], p. 52). Por essa razão, “o fato da língua”, de que fala Pêcheux (2010 [1982], p. 58), foi e continua sendo subestimado nas leituras do arquivo. De acordo com o autor, a leitura do

arquivo precisa ter em vista as materialidades da língua na discursividade do próprio arquivo.

Partindo dessas considerações, é importante ressaltar que a tag é língua e não apenas uma ferramenta disponível em um site no espaço digital. Além disso, as tags funcionam sob efeito de arquivo, pois cada uma carrega esse “campo de documentos pertinentes e disponíveis sobre uma questão” a que se refere Pêcheux (2010 [1982], p. 51). As tags, portanto, configuram um arquivo digital – como já mencionamos anteriormente apoiadas em Paveau (2014) – funcionando como repositório de documentos, que, no caso analisado, são os vídeos.

Essa característica de categorização das tags implica na organização de diferentes materiais sobre um mesmo tema em um único espaço. Para demonstrar o que estamos nos referindo, realizamos uma incursão na tag *loira* que está presente na SD1. Ao clicar na tag *loira*, nos deparamos com uma série de materiais, que indicam um resultado de 79.274 vídeos encontrados.



Imagem 13: resultados da tag “loira” (grifo nosso). Print feito em: 08 de setembro de 2021.

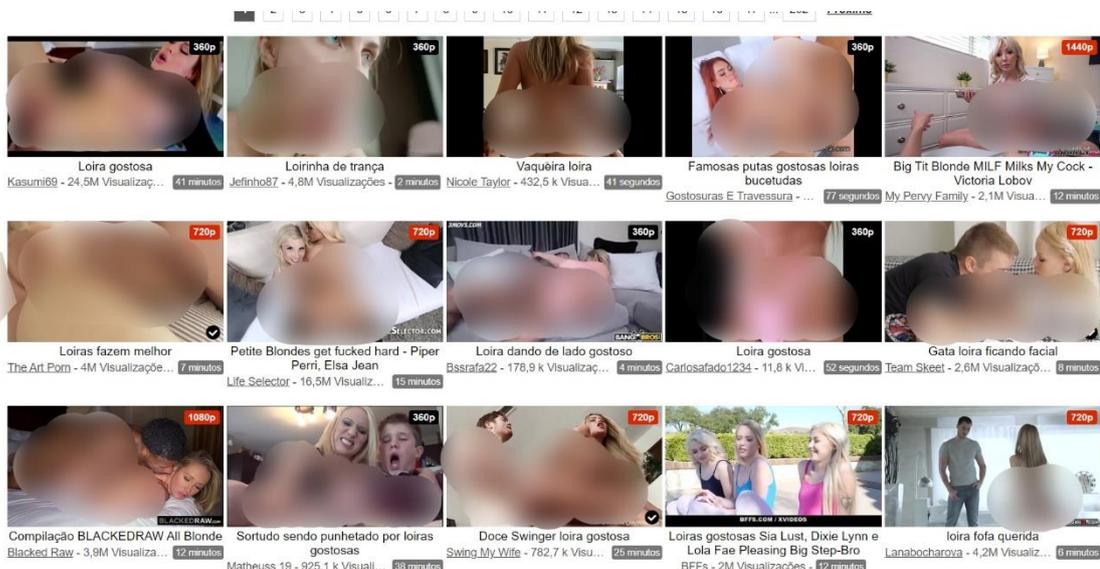


Imagem 14: incursão à tag “loira” no Xvideos. Print feito em: 08 de setembro de 2021.

Em uma análise quantitativa, percebe-se que o arquivo digital gerado através da tag *loira* registra um número grande de vídeos com narrativas pornográficas diferentes (como expressa as imagens 13 e 14). No entanto, esse arquivo atesta uma leitura que demonstra a existência da sexualização, objetificação e mercantilização do corpo feminino no site pornográfico, características da FD Sexualizadora. Posto isto, o corpo-mercadoria toma forma através das materialidades linguísticas existentes na discursividade do próprio arquivo.

É justamente por isso que o “fato da língua” (PÊCHEUX, 2010 [1982], p. 58) não pode ser ignorado no gesto de leitura do arquivo. Como explica Dias (2015), não se deve tomar como evidência os resultados gerados na busca do arquivo; sendo assim, os dados/números resultantes não podem ser analisados apenas na perspectiva quantitativa: é preciso compreender como esses dados significam e como a historicidade se manifesta neles.

As designações utilizadas ao longo do tempo na pornografia colaboram para a criação de tipos específicos de conteúdos pornográficos. Esses tipos se apresentam através das tags no Xvideos. Há certas tags, por exemplo, que foram consolidadas ao longo do tempo em sites pornográficos, tais como *MILF* (*mom I would like to fuck* no inglês – *mãe que eu gostaria de foder*, em tradução livre); *shemale* (termo utilizado para se referir às mulheres trans, utilizando do pronome *she/ela* somado ao substantivo *male/macho*) e o termo que já apresentamos anteriormente no capítulo três, *Gang bang*.

Segundo Orlandi (2011, p. 198), “o tipo (produto) é um funcionamento discursivo (processo) que se cristaliza historicamente, dada a dinâmica das condições de produção”, ou seja, “certas configurações se institucionalizam e se tornam típicas, constituindo, historicamente, modelos para o funcionamento de qualquer discurso”. Nesse contexto, a escolha das tags pelo sujeito-usuário-produtor é um gesto de significação. As tags são efeitos de uma determinação sócio-histórico-ideológica de quem hospeda os vídeos. De acordo com Bakonyi (2012), elas são invenções e reflexos do sujeito-usuário-produtor a partir de seu próprio contexto e da forma como ele entende a pornografia.

Segundo Mazieres *et al.* (2014), visto que as tags não são distribuídas aleatoriamente, elas apresentam informações que são elementares. Segundo os autores, as tags deixam rastros de bilhões de usuários que acessam os sites

pornográficos diariamente; dessa forma, elas demonstram uma cultura de preferências (MAZIERES et al., 2014).

Essa cultura de preferências de que falam Mazieres *et al.* (2014) pode ser entendida pela AD como repetibilidade (ACHARD, 1999). Segundo Achard (1999), há uma relação entre discurso e repetição, ou seja, há certas repetições que estruturam o discurso. E, para o autor, essa repetição, na AD, retoma uma memória já regularizada.

Essas noções de cultura de preferências e repetibilidade que foram mobilizadas são atestadas pela própria conta “Puto2017”, que disponibilizou o vídeo da jornalista (SD1) no Xvideos e que possui uma variedade de materiais de mulheres jornalistas trabalhando. O número de vídeos, seguidores, comentários e visualizações legitima que há uma cultura de preferências e uma repetibilidade dos corpos das mulheres jornalistas no site pornográfico. Elas se tornam parte das categorizações disponíveis nesse espaço enunciativo informatizado.

Indursky (2013) reforça que um texto não é independente, já que, sob sua superfície, há outras palavras e enunciados que aparecem. Isso está ligado aos já-ditos que são exteriores à própria palavra. Essa é uma relação que é relevante para se pensar a constituição e os efeitos de sentido das tags. Há nas tags um regime de repetibilidade e o funcionamento dessa repetição se dá a partir do que mais circula dentro da plataforma pornográfica.

Para pensar nisso, voltamos à SD1: a designação *safadinha* utilizada para se referir à jornalista não corresponde ao que é apresentado no vídeo em questão. No entanto, entende-se que o sujeito-usuário-produtor utilizou a tag *safadinha* por possuir uma circulação elevada dentro do espaço. Dessa forma, as tags acabam interpelando os sujeitos-usuários-consumidores a clicarem nos vídeos.

Quando se acessa um site pornográfico, se tem a possibilidade de escolher algum vídeo que aparece na primeira página da plataforma, porém, a navegação também pode ser feita através das tags. As tags, por sua vez, limitam o número de resultados a partir de determinada busca. Dentro da lógica de funcionamento dos vídeos no espaço virtual pornográfico, o funcionamento da tag é fundamental, pois, para que o sujeito-usuário-consumidor chegue ao vídeo que gostaria de assistir, ele utiliza do verbal que se expressa através das tags. Por exemplo, no vídeo da que compõe a SD1, as tags funcionam não apenas como um mecanismo para designar, mas também como um mecanismo de busca, pois através da tag se acessa outros

vídeos. Nesse processo, o usuário que hospeda o vídeo precisa rotulá-lo de uma forma que seu material circule bastante pela plataforma.

6.2 Tags que preveem outras tags

Avançando no processo de descrição e interpretação das discursividades tomadas como objeto de análise, nossa atenção se direciona agora para a relação entre designação, imaginário e formação discursiva. Começaremos trabalhando nesse tópico com a designação *cavala* no site pornográfico Xvideos.

No registro do dicionário³³, a palavra *cavala* é definida como substantivo feminino que significa um peixe marinho comestível. Contudo, *cavala* passou a ser utilizada, popularmente, como sinônimo de “égua”, a fêmea do cavalo. Além de *cavala* ser usada como o feminino de cavalo, essa designação instaurou-se discursivamente através de um processo sócio-histórico-ideológico em que passou a ser atribuída também às mulheres, via processo metafórico.

Como aponta Amorim (2009), essa designação é bastante utilizada em músicas de funk de cunho erótico para se referir à sexualidade feminina. Um exemplo citado pela pesquisadora é a música do cantor de funk Mr. Catra, Paudurência: “*Ah uu que isso, paudurecência, ah uu que isso paudurecência / A cavala me olhando pedindo só indecência*”³⁴ (grifo nosso).

No espaço pornográfico, a designação *cavala* também é utilizada para se referir às mulheres, mais especificamente, ao corpo da mulher. Nesse espaço, *cavala* é a mulher que possui certas características corporais como quadril largo, coxas grossas, seios grandes, nádegas volumosas e cintura fina. O termo *cavala* é constante nas tags, títulos e comentários no Xvideos. Para demonstrar sobre o que estamos nos referindo, realizamos uma busca pela designação *cavala* na caixa de pesquisa do Xvideos:

³³ Segundo Dicionário Priberam Online, *cavala* significa: “*Designação dada a vários peixes do gênero Scomberomorus, da família dos escombrídeos, de corpo alongado e cabeça afilada, geralmente de cor prateada azulada ou esverdeada.*” Disponível em: < <https://dicionario.priberam.org/cavala> > Acesso em: 13 set. 2021.

³⁴ Disponível em: < <https://www.lettras.mus.br/mc-catra/954398/> > Acesso em: 13 set. 2021.



Imagem 15: pesquisa pela designação “cavala”. Print feito em: 14 de setembro de 2021.

Como é possível identificar na imagem 15, os resultados a partir de *cavala* são numerosos. *Cavala*, no site pornográfico, significa *mulher* e há inúmeras representações da *mulher cavala* nesse espaço: *loira*, *ruiva*, *casada*, *novinha*, *negra*, *coroa*, etc. Esse processo de designação está reproduzindo a relação de identificação do sujeito à formação discursiva a que está filiado. Nesse caso, é a relação do sujeito-usuário-produtor (pois é ele quem disponibiliza as tags na plataforma) à FD em que se identifica, isto é, a FD Sexualizadora. Esse deslocamento de *cavala* para a noção de égua e, posteriormente, para se referir ao corpo feminino, demonstra a relação com a exterioridade, a ideologia e o aspecto sócio-histórico presente no discurso. Como explica Pêcheux (2015 [1983], p. 53): “todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro”.

Como também afirma Pêcheux (2009 [1975]), em sua clássica citação disponível na obra *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*, a ideologia, por meio do processo de interpelação:

fornece as evidências pelas quais “todo mundo sabe” o que é um soldado, um operário, um patrão, uma fábrica, uma greve, etc., evidências que fazem com que uma palavra ou um enunciado “queiram dizer o que realmente dizem” e que mascaram, assim, sob a “transparência da linguagem”, aquilo que chamaremos de o caráter material do sentido das palavras e dos enunciados (PÊCHEUX, 2009 [1975], p. 146).

Dito isto, é a ideologia que propicia as evidências pelas quais todos (as) que acessam um site pornográfico com frequência sabem o que significa *cavala*, entre outras designações já apontadas, como *MILF*, *Shemale* e *Gang Bang*. Assim sendo, a designação *cavala* também é atribuída aos vídeos de mulheres jornalistas no exercício da profissão que estão disponibilizados no Xvideos. Dessa forma, chegamos à Sequência Discursiva 2 (SD2) em análise (imagem 16): “a repórter *cavalona* e seu rabo gostoso”.



Imagem 16: fotograma da SD2. Print feito em: 05 de junho de 2020³⁵.

A SD2 é um vídeo de uma repórter realizando uma reportagem jornalística que foi transmitida ao vivo no programa de televisão em que trabalhava e que foi deslocada para o site Xvideos. Há 20 tags no vídeo que mesclam palavras da língua inglesa e palavras da língua portuguesa (relembrando que o Xvideos é um site internacional e que a utilização da língua inglesa intensifica a circulação do material na plataforma) e continha 167.204 visualizações no momento da captação da imagem para esta pesquisa. Além disso, o vídeo foi disponibilizado por uma conta

³⁵ Como é possível observar na imagem da SD2, há anúncios publicitários ao lado do vídeo que demonstram o funcionamento dos algoritmos na plataforma. O enunciado “goze feito um touro”, por exemplo, está relacionado à SD2 e à designação *cavalona*. Nesse sentido, os algoritmos desempenham um papel importante nesse processo e não funcionam apenas como rotinas de programação e processamento de dados, mas sim como uma forma de legitimar a sexualização dos corpos nesse espaço. Além disso, o algoritmo está relacionado à monetização de quem disponibiliza o vídeo na plataforma. Essa base econômica, fruto do funcionamento dos algoritmos, está intimamente ligada ao corpo-mercadoria. Durante essa pesquisa, nós não focamos nossa investigação no funcionamento dos algoritmos, pois a nossa atenção foi direcionada aos aspectos discursivos de nossas materialidades. Contudo, reconhecemos que as noções sobre algoritmos em sites pornográficos podem ser aprofundadas em pesquisas futuras.

intitulada *Megalsex101*, que, no momento da postagem, estava com aproximadamente 20 mil seguidores.

No enunciado do título do vídeo, identificamos as designações *cavalona* e *rabo* que, não apenas exercem um funcionamento de processo sexualização e mercantilização do corpo feminino, como também de animalização do mesmo. Tais designações, ao compararem o corpo da mulher ao corpo de uma *cavala*, que possui *rabo*, demonstram o processo de transformação da representação dessa mulher: ela se torna um animal não humano nessa perspectiva, uma *cavala* que está sob dominância de um homem.

Nesse processo de animalização de corpos femininos, é importante também ter em vista o contexto sócio-histórico da dominação humana sobre os animais que não são humanos, como destacam as pesquisadoras Milena Gambôa e Brenda da Silva em um trabalho de análise discursiva da mulher animalizada e o animal feminizado no discurso publicitário. Assim como um animal não humano, a mulher é colocada em uma posição de “dominada, olhada, consumida e devorada como um pedaço de carne” (GAMBÔA; SILVA, 2020, p. 821) no site pornográfico.

Essa representação animalesca e sexualizada da mulher é estabelecida, conforme Gambôa e Silva (2020):

pelos relações de poder, pela ideologia dominante e por um imaginário, cristalizado socialmente, sobre as mulheres e os animais, cuja existência passa a ser resumida a atender e a estar disponível ao consumo, seja simbólico, seja material, masculino e humano (GAMBÔA E SILVA, 2020, p. 821).

A animalização do corpo feminino é, portanto, parte constituinte da FD Sexualizadora. Os sentidos produzidos pelas designações animalescas *cavalona* e *rabo* derivam da relação entre esses termos com a formação discursiva e sua historicidade, como denota Pêcheux:

o sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc., não existe ‘em si mesma’ (isto é, em sua relação transparente com à literalidade significante) [...] as palavras, expressões e proposições etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aquele que as empregam, o que significa que elas tomam seus sentidos em referência a essas posições, isto é, em referência às formações ideológicas nas quais essas posições se inscrevem (PÊCHEUX, 2009 [1975], p. 146-7).

Posto isto, os sentidos reproduzidos pela FD são construídos a partir dos saberes que a própria FD carrega, afetados pelos saberes advindos do interdiscurso por contradição. É por essa razão que, segundo Pêcheux (2009 [1975]), uma mesma palavra, expressão ou uma designação, por exemplo, pode conter sentidos distintos, porém todos são igualmente “evidentes”. Sendo assim, a designação não tem sentido nela própria, pois seu sentido é constituído na FD em que está inscrita. Na SD2, o sentido de *cavalona* como designação para corpo feminino é estabelecido na FD sexualizadora; já em uma outra formação discursiva dada, “cavalona” poderia significar “égua”, a fêmea do cavalo, por exemplo.

Conseqüentemente, o discurso de mercadoria irrompe na FD sexualizadora através desse processo de animalização da mulher; os sentidos na SD2 são de um corpo visto como um pedaço de carne – similar a um animal não humano – que está disponível para ser consumido.

Mas, o que leva a repórter da SD2 ser designada como *cavalona*? O que nos dá os indícios da escolha dessa designação são as tags: *bunda*, *tetas*, *coxuda* e *rabo-gostoso* (imagem 17):



Imagem 17: recorte do fotograma da SD2 – Tags de indícios da escolha da designação “cavala”. Print feito em: 05 de junho de 2020 (grifo nosso).

Como já mencionamos, existe um imaginário estabelecido sobre como é o corpo de uma mulher considerada como uma *mulher cavala* no site pornográfico. Ela precisa ter: quadris largos, coxas grossas, seios grandes, nádegas volumosas e cintura fina. Assim, a tag *cavala* tem o funcionamento de uma designação encapsuladora, pois ela prevê em seu interior outras designações referentes ao corpo da *mulher cavala*.

Para uma mulher ser considerada *cavala* no site pornográfico, ela precisa ter um tipo específico de corpo com características determinadas. Nesse contexto, o corpo da *mulher cavala* é um corpo-mercadoria que funciona como um tipo de produto categorizado que está disponível para o consumo do sujeito-usuário-consumidor interessado nessas características corporais.

A tag encapsuladora prevê outras tags em seu interior. Contudo, *cavala* não é o único exemplo desse funcionamento de encapsulamento, pois o mesmo se aplica para a tag *Shemale*, que prevê a tag *trans* em seu interior, e a tag *MILF*, que prevê as tags *mãe* e *gostosa*. Isso também acontece com diversas outras tags já estabelecidas nas plataformas pornográficas. Posto isto, as designações que estão encapsuladas em *cavalona*, *cavala* e *mulher cavala* nos levam a outros vídeos com outras representações e significações possíveis.

Pensando nisso, realizamos uma nova incursão, mas dessa vez realizamos um processo diferente. O procedimento que seguimos foi de pesquisar a palavra *rabo* junto à palavra *jornalista*. Nos resultados, encontramos uma nova variedade de vídeos. Esses vídeos mesclavam materiais que continham representações de jornalistas, mas também tipos de pornografia variados – tendo em vista que a designação *rabo* ampliou as possibilidades de resultados. Entre os materiais profissionais e amadores, nos deparamos com a Sequência Discursiva 3 (SD3):



Imagem 18: fotograma da SD3. Print feito em: 11 de outubro de 2021.

A SD3 é um vídeo de uma mulher jornalista brasileira participando de um quadro em um programa televisivo transmitido por uma emissora aberta. O material

possui 118.335 visualizações (no dia da captação da imagem) e 12 tags que também mesclam entre a língua portuguesa e língua inglesa.

A profissional em questão é uma jornalista esportiva brasileira. Em 2016, ela foi uma das participantes do quadro “Saltibum” do programa de televisão Caldeirão do Huck. Nesse quadro, entre 12 e 14 celebridades competiam entre si realizando mergulhos de alturas extremas para impressionar um painel de jurados composto por atletas profissionais. O vídeo da SD3 contém as imagens de um dos saltos realizados pela jornalista durante sua participação na competição.

Entre as tags disponibilizadas no vídeo, há as designações *rabuda* e *rabão*. A designação *rabo* e suas derivações *rabão* e *rabuda* são materializações dos processos de sexualização, mercantilização e animalização que acontecem no interior da FD sexualizadora. A partir da FD, os sentidos que alimentam o processo de mercantilização do corpo-mercadoria são colocados em circulação. Os sujeitos interpelados por essa FD utilizam dos mecanismos discursivos para estabelecerem as tags que contribuem para que os sentidos continuem circulando não apenas dentro da plataforma Xvideos, mas também fora dela³⁶.

Dessa forma, a FD sexualizadora garante sua reprodução através das tags, pois uma das configurações dessa FD diz respeito ao fato de que nem sempre os enunciados contidos nos títulos dos vídeos terão marcas da sexualização, mercantilização e animalização. Esse é o caso da SD3, pois no enunciado do título há apenas “*Nome da jornalista – Saltibum*”. São as tags, portanto, que inscrevem os efeitos de sentido da FD sexualizadora.

Para compreender como se dá o processo de identificação do sujeito-usuário (produtor e consumidor) em relação à FD Sexualizadora, precisamos voltar a própria noção de sujeito em AD. Como já apontamos, a partir de Pêcheux (2009 [1975]), o sujeito não está no vazio, pois ele é preenchido pela forma-sujeito que é “a unidade (imaginária) do sujeito, sua identidade presente-passada-futura” (PÊCHEUX, 2009 [1975], p. 154-155), ou sujeito do saber de uma FD determinada.

Consequentemente, é através da forma-sujeito que o sujeito do discurso se inscreve em uma certa FD. Isso se dá pela identificação, pois a FD em que o sujeito

³⁶ Precisamos lembrar que o Xvideos é um dos sites mais acessados por brasileiros. Sendo assim, inúmeras designações pornográficas escapam desse espaço e passam a ser utilizadas em outros contextos. Um exemplo é a designação *Shemale*, que se refere a mulheres transgênero no espaço pornográfico, e que é utilizada também entre jogadores de e-games para designar homens que utilizam avatares femininos durante os jogos.

se inscreve é aquela na qual ele se identifica e a que o constitui enquanto sujeito. Como explica Pêcheux (2009 [1975]), a forma-sujeito:

tende a absorver-esquecer o interdiscurso no intradiscurso, isto é, ela simula o interdiscurso no intradiscurso, de modo que o interdiscurso aparece como o puro 'já-dito' do intradiscurso, no qual ele [o sujeito] se articula por "correferência" (PÊCHEUX, 2009 [1975], p.154).

Logo, o interdiscurso está interligado à memória discursiva, pois se configura como um saber discursivo que antecede os discursos, ou seja, os já-ditos. Isso evidencia a rede discursiva de enunciados que atravessam e se relacionam, demonstrando o efeito de evidência no discurso. O sujeito-usuário da FD sexualizadora acessa o interdiscurso (onde estão circulando todos os saberes) através da forma-sujeito; logo, ele recorta e incorpora o que o interessa dos saberes disponíveis e se identifica³⁷ com a FD sexualizadora. Após o processo de identificação, ele retoma os enunciados que estão nessa FD à ordem intradiscursiva, os materializando através das tags. Tudo isso acontece inconscientemente, pois os esquecimentos número 1 e 2 estão em funcionamento.

Esse efeito de evidência que mencionamos está presente nas designações *rabão* e *rabuda* contidas na SD3, isto é, não é questionado o que significa *rabo* no contexto pornográfico, pois assim como todo mundo sabe o que é um operário e um soldado, como já mencionava Pêcheux (2009 [1975]), todo mundo também sabe o que essas designações significam no espaço pornográfico.

Outro funcionamento interessante na SD3 é o do nome próprio. No enunciado do título do vídeo, o nome da jornalista brasileira já aparece e nas tags há o complemento a esse nome: *celebrity* (celebridade), *famosa* e *jornalista*. Com essas informações conseguimos identificar que se trata da jornalista em questão, que pode ser considerada uma celebridade, uma pessoa famosa, e que é uma jornalista. O nome próprio é um dos significantes que representam o sujeito; no entanto, o nome não é a identificação total do sujeito, como aponta Mariani (2014), pois ele está em dependência de algo que acaba se constituindo como uma falta.

Nesse sentido, apenas dizer o nome profissional pode ser muito amplo, tendo em vista que há a possibilidade da existência de inúmeras pessoas com esse nome.

³⁷ Importante ressaltar que todo ritual está sujeito a falhas e, portanto, a identificação do sujeito com a FD não pode ser considerada plena.

De quem especificamente se fala? Podemos nos questionar. Contudo, as tags nos respondem: é sobre essa jornalista em específico e não outra pessoa com o mesmo nome. Para figuras públicas e, especialmente, para jornalistas, o nome é um traço de identidade muito importante, pois é ele que identifica a pessoa ao seu trabalho, sua credibilidade e sua relevância na área.

O nome da pessoa jornalista está interligado à sua profissão o tempo todo. Isso configura-se como um significante que contribui para a identidade profissional do sujeito, isto é, como essa mulher jornalista se vê e, ao mesmo tempo, como os outros a veem. De acordo com Bolívar (2006), a identidade profissional se constrói por meio de um conjunto de dinâmicas e representações identitárias que funcionam para si e para os outros e tudo acaba sendo construído em torno da profissão.

Para jornalistas o nome é crucial, pois a assinatura do nome em uma reportagem, notícia ou artigo de opinião é basilar para a profissional. É a presença do nome junto ao seu trabalho que permite que essa profissional construa sua reputação na profissão, demonstre suas habilidades técnicas e intelectuais e tenha um portfólio de apresentação. Não é à toa que, no telejornalismo, sempre que uma repórter aparece na tela, junto à sua imagem há um GC (legenda que aparece embaixo da tela) com seu nome profissional (é relevante ressaltar que o nome profissional pode não ser necessariamente o nome da certidão de nascimento).

É a assinatura do nome que a consolida na profissão, há nomes de jornalistas que são consolidados no Brasil como Fátima Bernardes, Sandra Annenberg e Glória Maria. Entretanto, seus nomes não se separam de suas profissões. Independentemente de estarem em um programa televisivo que não seja de jornalismo ou estarem em uma atividade cotidiana, elas continuam sendo jornalistas.

Sendo assim, mesmo que a jornalista esteja participando do quadro Saltibum em uma posição de atleta, participante e convidada, ela não se desloca de seu lugar social de jornalista. Não é à toa que algumas das tags utilizadas na SD3 apontam diretamente para a profissão da profissional e seu lugar social.

6.3 Entre o jornalismo e a pornografia: imaginários sobre a mulher jornalista

Os padrões estéticos e corporais sempre existiram em sociedade. Se direcionarmos nosso olhar para o passado, conseguimos observar várias características distintas sobre a ideia do que é ser bela e belo. No renascimento, por

exemplo, o modelo de beleza de corpo feminino não era muito magro, possuía quadris e seios largos. A cada momento da história, a noção de corpo bonito sofria modificações e as formas de alcançar esses padrões estabelecidos também.

Como aponta Wolf (1991), o mito da beleza feminina sempre esteve presente na sociedade. Representações de o que seria a mulher bela eram utilizadas em revistas, cartões postais, anúncios e jornais. Antes da expansão da internet e das mídias sociais, os padrões estéticos femininos circulavam, sobretudo, nas mídias televisivas e impressas. Conseqüentemente, os estereótipos de beleza feminina nunca escaparam do jornalismo, já que ele está inserido nesse contexto mercadológico, midiático e capitalista.

Nesse sentido, a reprodução desses padrões estéticos acontece também no telejornalismo. Assim como na pornografia, no jornalismo o corpo da mulher jornalista também é um corpo-mercadoria. Esse corpo inserido nessas condições de produção precisa seguir os preceitos dos padrões industriais de beleza e de moda, pois há um discurso dominante de que a credibilidade e o profissionalismo da jornalista estão atrelados a isso.

De acordo com o Perfil do Jornalista Brasileiro³⁸ (2012), estudo realizado pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), 64% das(os) profissionais jornalistas são mulheres. Entre o número total de jornalistas entrevistadas(os) pela pesquisa, 72% são brancas(os). Um outro levantamento realizado pelo coletivo de mídia Vaidapé³⁹ em 2017 analisou o número de apresentadoras(es) negras(os) nas principais emissoras de televisão da rede aberta brasileira: Rede Globo, Rede Record, SBT, Cultura, Bandeirantes, Gazeta e RedeTV. Durante a pesquisa, o coletivo checkou 204 programas de televisão das emissoras mencionadas: foi constatado o número de 272 apresentadoras(es) nos programas, sendo que apenas 3,7% desse número eram pessoas negras, isto é, apenas 10 profissionais.

Percebe-se, portanto, a existência de um imaginário sobre qual o corpo a mulher jornalista deve ter e ele corresponde aos padrões estéticos que são estabelecidos em sociedade. Conforme os dados apontados, a mulher jornalista brasileira é majoritariamente branca, magra, cisgênero e com cabelos lisos. Como aponta Bourdieu (2001, p. 188), “o corpo é a mais irrecusável objetivação do gosto

³⁸ Disponível em: < <https://perfildojornalista.ufsc.br/files/2013/04/Perfil-do-jornalista-brasileiro-Sintese.pdf> > Acesso em: 25 out. 2021.

³⁹ Disponível em: < <http://vaidape.com.br/2017/06/pesquisa-apresentadores-negros-na-televisao/> > Acesso em: 25 out. 2021.

de classe, que se manifesta de diversas maneiras”. O corpo-mercadoria no jornalismo também segue os padrões estéticos para agradar o gosto de classe. Há a circulação de um discurso que relaciona a aparência à credibilidade da jornalista; sendo assim, a mulher jornalista também se configura como uma mercadoria no jornalismo, que está à mercê de seus consumidores: o público que as assiste.

Até os dias atuais, em algumas disciplinas de telejornalismo de universidades brasileiras, há momentos específicos em sala de aula que são dedicados apenas para a discussão de questões sobre vestuário, maquiagem e comportamento durante a realização de um trabalho na área de audiovisual⁴⁰. Para demonstrar o quanto isso é comum quando pensamos em telejornalismo e atuação da mulher jornalista, realizamos uma busca na plataforma Google sobre dicas para mulheres jornalistas trabalharem com telejornalismo. Encontramos materiais textuais completos com inúmeras recomendações voltadas às mulheres. Contudo, um material que nos chamou a atenção foi um vídeo de dicas para mulheres feito por uma repórter que trabalha com telejornalismo.

⁴⁰ Como menciono no prólogo, enquanto eu estudava jornalismo, tive aulas apenas sobre essas questões. O mais interessante é que a maior parte do tempo dedicado a esses assuntos era voltada para discutir como as mulheres deveriam se vestir, quais os tipos de maquiagem são adequadas, como arrumar o cabelo e a melhor maneira de se comportar. Durante o meu trabalho de conclusão de curso, entrevistei duas mulheres jornalistas pretas que relataram que precisaram alisar o cabelo ou prendê-lo quando trabalharam com telejornalismo, pois o cabelo crespo era considerado “desalinhado” e “sem credibilidade”.

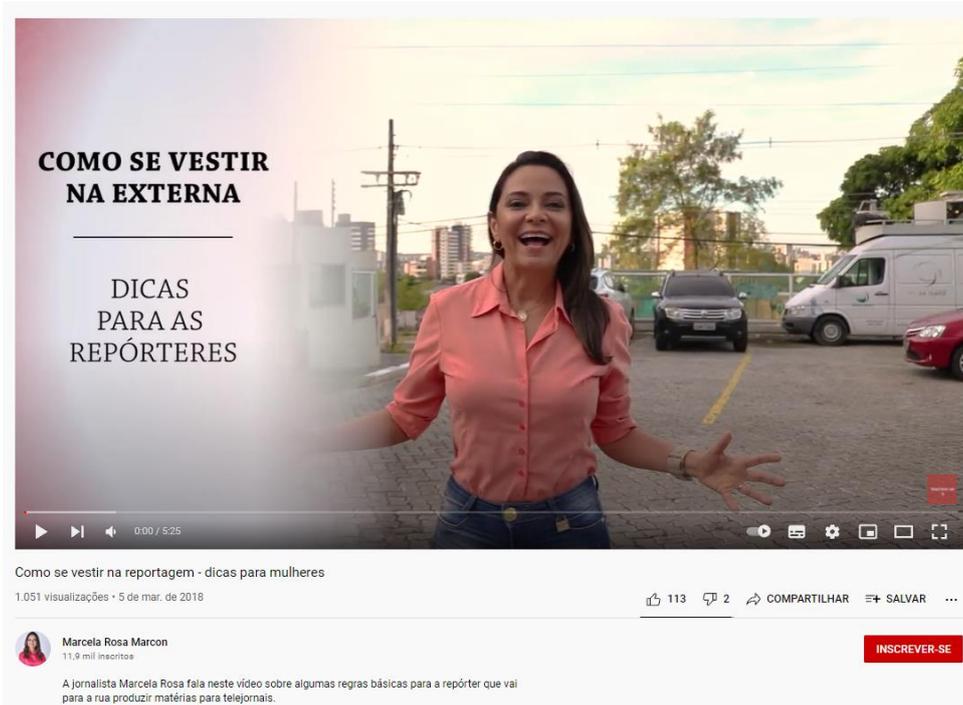


Imagem 19: Como se vestir na externa: dicas para mulheres. Print feito em: 23 de outubro de 2021⁴¹.

O vídeo “*Como se vestir na externa: dicas para as repórteres*” reúne uma série de recomendações para mulheres jornalistas. Em um momento específico do vídeo, a repórter destaca: “*É super importante a gente estar bem vestido, mas não chamar mais atenção do que a notícia*”. Portanto, a jornalista não pode ter mais visibilidade do que a notícia sobre a qual ela está falando e, segundo o vídeo, parte dessa discrição depende das roupas, acessórios, cabelo e maquiagem.

Entre outras recomendações mencionadas estão: usar calças (jeans ou social), não mostrar os ombros, vestir camisetas ou camisas simples e utilizar acessórios discretos. Ainda, segundo a jornalista, a vestimenta mais recomendada para trazer a credibilidade necessária é o “terninho” – versão feminina do terno masculino. Historicamente, o terno é associado aos homens e está atrelado a um imaginário de elegância, poder, seriedade, masculinidade e profissionalismo. Ao longo do tempo, essa vestimenta tradicionalmente masculina foi sendo utilizada pelas mulheres como uma forma de produzir o efeito de credibilidade e competência. O terninho, portanto, passou a ser a marca das mulheres jornalistas e a funcionar como um figurino que transpassa um imaginário não só de credibilidade, mas de confiança e transparência para a profissional.

⁴¹ Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=P_Vlu9lQTeI > Acesso em: 23 out. 2021.

Em telejornais, a utilização de vestimentas como as mencionadas no vídeo acima se tornou comum entre apresentadoras e repórteres. Diante dessas constatações, podemos perceber que há uma rede de sentidos que relaciona aparência e vestimentas a características como credibilidade, seriedade e profissionalismo. Podemos, então, nos questionar: uma mulher jornalista que não se veste dessa maneira não teria essas qualidades? Ao se vestir dessa forma e transparecer o imaginário de credibilidade, seriedade e profissionalismo elas estão passíveis a não serem sexualizadas? E, mais: a sexualização tem a ver com a roupa que a mulher está vestindo?

A partir dessas questões, chegamos à Sequência Discursiva 4 (SD4), que é composta por um vídeo de uma jornalista apresentando um telejornal. O material foi publicado por uma conta no Xvideos intitulada “Pauloguina333” e possui mais de dois milhões de visualizações. É relevante mencionar que esse vídeo que compõe a SD4 estava presente nos recortes selecionados na primeira incursão que fizemos no Xvideos, em 3 de dezembro de 2019. Na época, o vídeo continha mais de um milhão de visualizações, como a imagem abaixo demonstra:



Imagem 20: recorte realizado na primeira incursão ao Xvideos. Print feito em: 3 de dezembro de 2019.

Ao selecionarmos o referido vídeo para compor o *corpus* da nossa pesquisa, decidimos voltar ao Xvideos para verificar se o material continuava publicado na mesma conta, tendo em vista que há uma instabilidade do arquivo digital, como já mencionado por Dias (2015), e que, com as atualizações constantes, muitos materiais são apagados. No entanto, encontramos o mesmo vídeo novamente, porém com novos números.



Imagem 21: fotograma da SD4. Print feito em: 23 de outubro de 2021.

O primeiro detalhe que queremos destacar sobre o vídeo são as vestimentas da jornalista: ela veste uma blusa verde de um tecido leve e uma calça de tom neutro e os acessórios são discretos. A partir dessa descrição e da imagem observada abaixo (Imagem 22), podemos dizer que ela está de acordo com as recomendações de vestimentas sugeridas às mulheres jornalistas. Partindo desse princípio, ela não estaria “chamando mais atenção do que a notícia”. Contudo, ainda assim, um vídeo da jornalista trabalhando foi retirado de contexto e disponibilizado no Xvideos. Mas, então, o que teria “chamado a atenção”?

A resposta para essa pergunta parece ser respondida pela própria edição do vídeo. Diferente das outras sequências discursivas aqui analisadas, o vídeo que compõe a SD4 possui diversas edições. Uma música de Funk toca ao fundo e a voz da jornalista é quase inaudível. O foco da edição está em duas palavras

mencionadas pela profissional: “Na Capital”, palavras que também aparecem no enunciado do título.

Apenas ao assistir o vídeo que percebemos que as palavras “Na Capital” não se referem à localização da jornalista, ao nome do telejornal ou ao título da reportagem, por exemplo. Na verdade, essas duas palavras correspondem ao exato momento em que a jornalista posiciona seu corpo de lado e é possível observar seu quadril e glúteos.

É no instante em que ela fica nessa posição que ela diz: “na capital”. A partir daí, toda a edição do vídeo é focada em seu corpo através de recursos de zoom e mudança do posicionamento da tela. A mesma imagem (de seu quadril e glúteos) é repetida incontáveis vezes ao som da música de funk ao fundo e a repetição das palavras “na capital”. Na imagem abaixo, é possível observar o efeito de zoom aplicado ao vídeo.

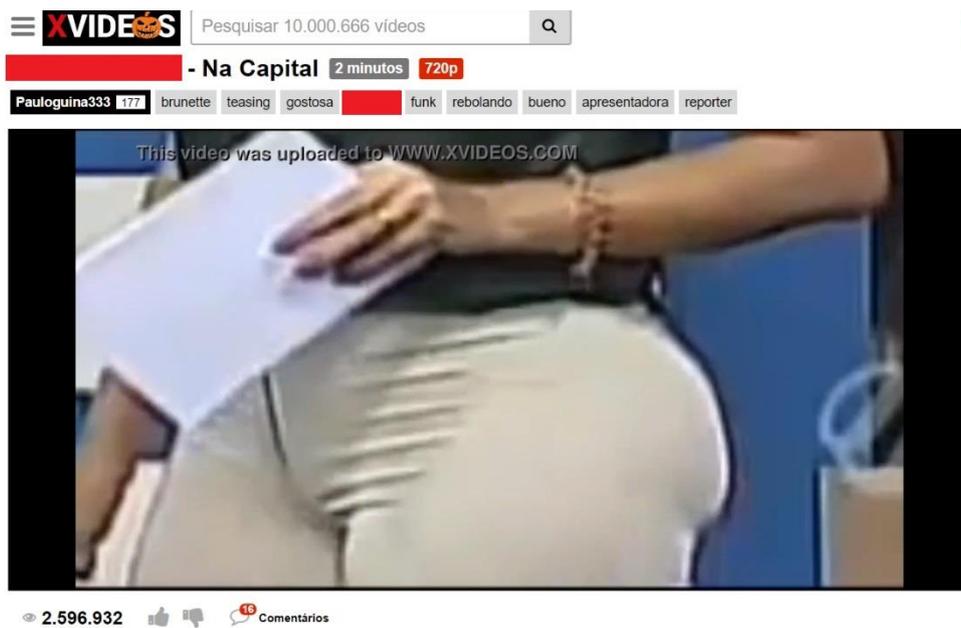


Imagem 22: recorte da SD4 – efeito de zoom no corpo da jornalista. Print feito em: 23 de outubro de 2021.

No material, há nove tags que misturam a língua portuguesa e língua inglesa. Ao analisar as tags antes de assistir ao vídeo, percebe-se que há duas palavras que podem parecer curiosas no contexto do material: *funk* e *rebolando*. Essas escolhas de designações podem ser melhor analisadas no momento em que assistimos ao vídeo, devido à música utilizada e às edições realizadas no material original. Desses processos de modificações deriva um novo produto: não é mais o mesmo vídeo

retirado do site da emissora, trata-se de algo diferente e modificado. O novo produto derivado dessas alterações pode ser comparado a um clipe musical de funk e o protagonismo está no corpo da mulher jornalista, isto é, o corpo-mercadoria.

No funk, rebolar não é apenas um passo de dança, mas também uma marca presente em diversas composições do estilo musical. Dessa forma, a escolha da tag *rebolando* pelo sujeito-usuário-produtor está relacionada à própria edição do vídeo, que simula uma espécie de clipe de funk e resgata um já dito desse estilo musical. A jornalista não está rebolando no vídeo, mas, para a escolha das tags, isso não importa. Entretanto, o sujeito-usuário-produtor utilizou dos recursos de edição como uma forma de simular os movimentos de rebolado, trazendo à tona esse funcionamento de rebolar que está presente nas músicas e nos passos de dança de funk.

Outra designação utilizada no vídeo é a palavra *teasing*, que, em tradução livre para a língua portuguesa, significa *provocando*. O verbo provocar é recorrente nas músicas de funk e ele é utilizado principalmente para se referir às mulheres, isto é, o efeito de sentido das composições é de que uma mulher está provocando um homem através de suas atitudes, que podem ser os passos de dança, o jeito de andar, a forma de se vestir, a maneira de olhar e outras características comportamentais.

Para exemplificar, trazemos o trecho da famosa música de funk “Deixa a Cachorra Passar”⁴² do grupo Bonde do Tigrão: “*Deixa a cachorra passar (Chama ela pra cá!) / Deixa a cachorra passar (Ela quer provocar!) / Mexe o bumbum, mexe o bumbum mexe*” (grifos nossos). Nesse sentido, as edições aplicadas ao vídeo e a melodia de funk, ao serem interligadas à tag *teasing* (provocando), compõem uma rede de sentidos que coloca a jornalista em uma nova configuração de material audiovisual: é como se ela estivesse em um clipe musical de funk.

Assim como nas músicas de funk, o verbo provocar aparece com frequência no site pornográfico em ambas as línguas: portuguesa e inglesa. Ao buscarmos a palavra *teasing* na barra de pesquisa do Xvideos, o site apresenta, além dos resultados, uma seleção de pesquisas que estão relacionadas à palavra, como demonstra a imagem abaixo:

⁴² Disponível em: < <https://www.letras.mus.br/bonde-do-tigrao/145126/> > Acesso em: 24 out. 2021



Associe-se GRATUITAMENTE
 Log in
 Heterossexual
 

teasing (37.164 resultados)

Filtros ▾
 Ordenar por: Relevancia /
 Data: A qualquer momento /
 Duração: Todos /
 Qualidade de vídeo: Todos /
 Vídeos visualizados: Mostrar tudo

Pesquisas relacionadas
 [dry_humping](#)
[teasing_wife](#)
[grinding](#)
[rub](#)
[provocando](#)
[teasing_friend](#)
[rubbing](#)
[teasing_ass](#)
[teases](#)
[teasing_pussy](#)
[dick_rubbing_pussy](#)
[sister_teasing](#)
[teasing_handjob](#)
[just_the_tip](#)
[pussy_rubbing_cock](#)
[teasing_brother](#)
[teasing_cock](#)
tease
[teaser](#)
[teasing_public](#)
[pussy_teasing](#)
[pussyjob](#)
[teasing_cum](#)
[seducing](#)
[cocktease](#)
[mom_teasing](#)
[teasing Blowjob](#)
[teasing_mom](#)
[teasing_sister](#)
[cock_teasing](#)
[teasing_daddy](#)

...

Imagem 23: Pesquisas relacionadas à palavra teasing. Print feito em: 29 de outubro de 2021.

Entre a lista de pesquisas relacionadas, o verbo em português “provocar” também aparece. Além disso, há repetição e excesso de representações femininas somadas à palavra *teasing*, como *teasing wife*, *sister teasing* e *mom teasing*.

Escolhemos acessar o enunciado *mom teasing* para observar quais eram os resultados da primeira página de pesquisa:



Mãe brincando com o filho debaixo da mesa
 Family.Strokes - 9,7M Visualiz... 8 minutos

Sexy m. provocando
 Amateur.Gfs - 5M Visualizaçõe... 7 minutos

fantasias provocantes
 Libidinoso1 - 4,9M Visualizaç... 15 minutos

1. Jan provoca o Real StepSon Tom
 Emily.Ratajkows - 4,8M Visua... 10 minutos

Mãe motiva filho - parte 1
 WCA Productions - 694,5 k ... 57 segundos

Mãe ajuda filho com notas
 WCA Productions - 1,8M Visu... 23 minutos

Step Sister Jade Amber esfregando sua buceta no pau do irmão
 Sis.Loves.Me - 3,4M Visualiza... 8 minutos

Peituda tcheca MILF fazendo dança sensual
 Amateur.Lapdancer - 2,8M Vi... 13 minutos

Naked Sauna Fun With My Friends Hot Mom Parte 1 Cory Chase
 WCA Productions - 430,6 k Vis... 6 minutos

Minha mãe de cueca
 Pepsimommy - 1M Visualiza... 68 segundos

Imagem 24: Resultados da primeira página em “teasing mom”. Print feito em: 29 de outubro de 2021.

Nos resultados apontados na designação acessada, percebemos que há a materialização de um discurso de que a mulher é quem está provocando e incitando uma relação sexual com seu filho ou enteado. Nesse contexto, é a mulher que seduz o homem a essa relação através de suas atitudes, seja uma dança provocante, a forma como senta em um sofá, as roupas que está vestindo ou a maneira como age perto do filho ou enteado. Todas essas ações são consideradas provocações que levam ao sexo.

Portanto, de que forma a jornalista está “provocando” durante o vídeo? Ela não veste uma roupa provocante e sua forma de agir é como a de qualquer outra jornalista no exercício da profissão. Contudo, para o sujeito-usuário que é ideologicamente afetado e que está interpelado pela FD sexualizadora, a roupa, a forma de agir, o ambiente e contexto não importam, pois o corpo-mercadoria está

passível à sexualização de qualquer maneira, não há a necessidade de uma justificativa, já que esse corpo é considerado provocante de qualquer forma.

O efeito de sentido do verbo “provocar” como a noção de provocação com o objetivo de resultar em algo sexual não está limitado apenas às composições de funk ou ao discurso pornográfico. Essa significação também está presente em discursos que são reproduzidos em diversos âmbitos da sociedade. A noção de provocar materializa um discurso de que a mulher está facilitando o assédio, afinal, ela estava provocando. Para o sujeito filiado à FD sexualizadora, o entendimento do que é uma provocação é bastante amplo. Como já mencionado, pode ser uma vestimenta, uma fala ou um comportamento. Há a materialização de um discurso de que se o homem assediou a mulher é porque ela estava provocando: ela provocou e incitou esse homem e, ao mesmo tempo, ela provocou esse assédio para si mesma⁴³.

Como explica Bourdieu (1998, p. 31), há um princípio que “cria, organiza, expressa e dirige o desejo” de maneiras diferentes para o homem e a mulher. O desejo masculino é pautado por um “desejo de posse, como dominação erotizada”, enquanto o desejo feminino é marcado pela ideia de “desejo de dominação masculina, como subordinação erotizada, ou mesmo, em última instância, como reconhecimento erotizado da dominação”.

Na SD4, portanto, ao vestir a roupa que estava vestindo e ao se posicionar para a câmera da forma como se posicionou, para o sujeito interpelado pela FD sexualizadora, ela estava provocando e desejando uma subordinação erotizada. A força da dominação masculina está justamente na legitimação de que homens e mulheres são diferentes e que, baseado nas características sexuais, ambos possuem desejos e a materialização desses desejos é diferente entre homens e mulheres.

Não há um reconhecimento de que existem inúmeras manifestações do desejo sexual: há uma generalização de que o homem, por ter as características sexuais que possui, age da forma que age por sua natureza, e o mesmo também se aplica à mulher. O efeito de sentido é de que ela está em constante provocação,

⁴³ Ao acessarmos a tag *teasing* há uma recorrência quantitativa maior de vídeos de mulheres provocando homens. No entanto, precisamos mencionar que vídeos em que homens provocam as mulheres também existem nesse espaço enunciativo informatizado. Nós não focamos nossa atenção neles, pois a materialidade da nossa investigação está relacionada às mulheres.

porque é de sua natureza e, mesmo que ela diga que não, no fundo isso é mais forte que ela.

A dominação masculina é o “que constitui as mulheres como objetos simbólicos” que estão em “dependência simbólica”, ou seja, suas existências são “primeiro pelo, e para, o olhar dos outros, ou seja, enquanto objetos receptivos, atraentes, disponíveis” (BOURDIEU, 1998, p. 82). E essa é a materialização do corpo-mercadoria.

7 Efeitos de fechamento

Enquanto eu tiver perguntas e não houver resposta continuarei a escrever.

Clarice Lispector

A escolha por um tema de pesquisa nunca é uma tarefa fácil: exige reflexão, pesquisa, observação, tempo, conversa e troca de ideias. Às vezes, a pesquisadora se depara com inúmeras inquietações e o recorte do objeto de análise parece ficar cada vez mais distante e nebuloso. Nesse contexto, o trabalho da orientadora se torna basilar e é nessa troca mútua entre pesquisadoras que o tema da pesquisa nasce. Foi exatamente isso o que aconteceu nesta dissertação.

Buscamos, nesta pesquisa, refletir sobre os efeitos de sentido produzidos por enunciados vinculados a vídeos de mulheres jornalistas disponibilizados em um site pornográfico. Para isso, realizamos inúmeras incursões no site pornográfico Xvideos, assim como diversas leituras em campos distintos do conhecimento. Pesquisar pornografia se apresentou como um grande desafio durante essa trajetória, e a tentativa de deslocar a temática para trabalhar em uma abordagem discursiva foi bastante desafiadora. Na Academia brasileira, a pesquisa sobre pornografia ainda não é institucionalizada. Por essa razão, adentrar no tema foi ainda mais difícil.

Nós acreditamos que negar a existência da pornografia significa ignorar diversas problemáticas que precisam não apenas ser abordadas, mas discutidas e analisadas com profundidade e embasamento ético e científico. Reconhecemos também que a pesquisa sobre pornografia pode se beneficiar com a mescla entre campos do conhecimento distintos. Foi justamente essa a abordagem que propomos na execução dessa pesquisa.

Durante as dinâmicas dessa investigação, a configuração teórico-metodológica foi essencial para compreender a problemática levantada na pesquisa. A união entre a Análise de Discurso Materialista aos Estudos de Pornografia modificou a nossa perspectiva sobre a pornografia e nossa forma de acessar o site pornográfico. Além disso, esse aporte teórico-metodológico nos auxiliou na construção de nossa base teórica e analítica.

A partir de agora, buscaremos recuperar sucintamente as principais descobertas e reflexões que trouxemos no decorrer da dissertação:

Primeiramente, precisamos lembrar que a pornografia é um tema considerado polêmico, mas que está presente em diversos âmbitos sociais, como nas discussões políticas, acadêmicas, regulatórias e, até mesmo, econômicas. Por ser alvo de inúmeras disputas discursivas reconhecemos, ancoradas em pesquisadoras dos EP, que a pornografia necessita de um espaço próprio para pesquisa e debate.

Esse espaço já existe em algumas instituições ao redor do mundo, mas o Brasil ainda carece desses debates. Além disso, as pesquisas que envolvem gênero e sexualidade na AD também merecem ser ampliadas. Essa questão foi, inclusive, uma das principais justificativas para nos inserirmos nos estudos sobre pornografia, buscando contribuir para as pesquisas sobre gênero e sexualidade em AD. Nosso primeiro objetivo, portanto, foi precisamente este: aproximar os estudos de Análise de Discurso aos Estudos de Pornografia.

Ao nos aprofundarmos nas teorizações sobre gênero e corpo relacionando com sexualidade e pornografia e realizando um batimento com o nosso *corpus*, percebemos que o corpo da mulher jornalista na pornografia não era materializado como um corpo qualquer; era um corpo que possuía valor de uso, valor de troca e sofria um processo de fetichização, de que tratava Marx (1996). A partir disso, nós designamos esse corpo como **corpo-mercadoria**. Nesse sentido, constatamos que o corpo da jornalista é a própria mercadoria no site pornográfico. Essa constatação direcionou nossa pesquisa por um outro caminho, pois, para o corpo ser a mercadoria, precisávamos descobrir quem o transformava em mercadoria e quem o consumia como produto.

Estabelecemos, então, as definições de **sujeito-usuário-produtor** e **sujeito-usuário-consumidor**, as quais exercem papéis diferentes na plataforma e podem ser as duas coisas ao mesmo tempo. São eles que colocam em funcionamento os sentidos da Formação Discursiva que mobilizamos: a **FD Sexualizadora**. Determinamos essas noções para refletir sobre os lugares que os sujeitos ocupam nesse espaço enunciativo informatizado, e fizemos isso a partir de uma categoria já existente na AD: a de sujeito enunciator.

A definição sobre o próprio site pornográfico também se fez necessária para trilharmos a pesquisa. Nesse sentido, nós compreendemos a plataforma

pornográfica como um **espaço enunciativo informatizado de produção, circulação e consumo de práticas de sexualização**. Essa definição nos ajudou a conceber como a sexualização se materializava nesse espaço e como os efeitos de sentido sobre mulheres jornalistas se manifestavam.

Nosso segundo objetivo de pesquisa se propunha à análise dos títulos e tags atribuídos aos vídeos de mulheres jornalistas disponibilizados no Xvideos, com o intuito de compreender o processo de designação pornográfica e como ele ressignificava o imaginário da mulher jornalista. Aqui, a união entre AD e os EP foi fundamental. De um lado, a AD nos ofereceu o aporte teórico-metodológico necessário para pensar a designação e os efeitos de sentido dos discursos materializados nos enunciados, assim como as teorizações para refletir sobre o sujeito nesse espaço. De outro lado, os EP nos auxiliaram a compreender a plataforma pornográfica em sua amplitude, pois suas regularidades e especificidades se diferenciam de outras plataformas do espaço digital.

Ao analisarmos as tags, constatamos que, no processo de designação das mesmas, o sujeito-usuário-produtor tem seu imaginário ativado e sua interpretação sobre o vídeo se transforma em itens lexicais que são as tags. As tags não funcionam apenas como o imaginário de quem está hospedando o vídeo, mas também como o imaginário de quem o acessa, isto é, o sujeito-usuário-consumidor. Sendo assim, o imaginário está determinado pela FD sexualizadora, a qual o sujeito-usuário-produtor e o sujeito-usuário-consumidor estão interpelados.

Dessa forma, podemos afirmar que o site pornográfico é um espaço de venda e compra que segue os preceitos da própria formação social capitalista, já que há nesse espaço a relação de fornecimento e consumo que tem como principal produto o corpo-mercadoria, que é o corpo da mulher. Durante nossa pesquisa, nos referimos ao corpo da mulher jornalista como corpo-mercadoria, mas não é apenas o corpo dessa profissional que é mercadoria nesse espaço: os outros corpos femininos ali disponibilizados também o são.

O Xvideos, ao monetizar⁴⁴ esses corpos femininos, contribui para que eles sejam colocados em uma posição de produto, que está disponível para consumo. Esse produto é categorizado: existem as loiras, as morenas, as magras, as gordas,

⁴⁴ Em nossa investigação, nós não aprofundamos o funcionamento da monetização dos materiais no Xvideos, mas nós reconhecemos que é possível abordar o site pornográfico a partir dessa perspectiva, o que amplia as possibilidades de pesquisa na área.

as latinas, as mães, as irmãs, as madrastas, as jornalistas e uma imensidão de outras categorizações.

Além disso, o site monetiza também através de vídeos que não são pornográficos, isto é, vídeos com mulheres em suas rotinas diárias; como os vídeos que compõem o nosso *corpus*, que apresentam mulheres jornalistas em suas rotinas de trabalho. Esse deslocamento dos vídeos para o Xvideos sem o consentimento de quem aparece nas imagens configura-se como uma violação de direitos básicos e como uma forma de assédio, pois essas mulheres são expostas à sexualização e à fetichização.

Nos questionamos constantemente durante a pesquisa sobre a razão para esses vídeos continuarem na plataforma. Em 2019, por exemplo, nos deparamos com o vídeo que compõe a SD4. Na época, o material já continha mais de um milhão de visualizações e, no final de 2021, o vídeo ainda estava disponível no Xvideos e as visualizações já ultrapassavam de dois milhões. Ao nos depararmos com essa situação nos questionamos mais uma vez: por que esse vídeo não foi apagado em dois anos? Por que ele continua circulando? Esses questionamentos nos permeiam até hoje. Depois de muita reflexão acerca dos efeitos de sentido sobre o corpo feminino no site pornográfico, a resposta a que chegamos é bastante simples: a lógica a formação social capitalista faz com que esses vídeos permaneçam onde estão.

Enquanto a resposta para a questão acima parece ser simples, a solução para o problema é bem mais complicada. O jornalista norte-americano Nicholas Kristof, por exemplo, investiga há alguns anos sites pornográficos como Xvideos e Pornhub. Ele foca especificamente vídeos de estupro de menores de idade que foram disponibilizados nas plataformas e que continuam a circular, mesmo com pedidos das vítimas e de seus responsáveis para que sejam apagados.

Em uma de suas investigações realizadas em 2020⁴⁵, ele averiguou que a maior porcentagem dos pagamentos de assinaturas em sites pornográficos é realizada com cartões de crédito. Diante da problemática de vídeos de menores de idade circulando nessas plataformas e uma pressão externa de organizações não-governamentais, assim como de grandes mídias como o New York Times, a empresa de pagamentos, Paypal, bloqueou a utilização para pagamentos no

⁴⁵ Disponível em: < <https://www.nytimes.com/2020/12/04/opinion/sunday/pornhub-rape-trafficking.html> > Acesso em: 21 set. 2021.

Pornhub. Isso resultou em alguns vídeos apagados, o que demonstra o funcionamento do controle do capital nas plataformas pornográficas.

Enquanto isso, no Xvideos, a curadoria continuou sendo nem um pouco rigorosa. Segundo Kristof (2020), mesmo que houvesse uma curadoria de vídeos atenta a materiais que contém assédio, violência e crimes, ainda assim esses vídeos poderiam ser disponibilizados em sites da *dark web*⁴⁶ ou em sites sem regularização. Contudo, ao menos não estariam circulando nessas plataformas normalizadas.

Em outra investigação conduzida pelo jornalista em 2021⁴⁷, especificamente sobre o Xvideos, foi constatada a existência de vídeos de menores de idade, de mulheres em relações sexuais não consensuais e imagens não autorizadas de mulheres em vestiários, provadores e espaços públicos circulando normalmente na plataforma.

E o problema não se restringe apenas às plataformas pornográficas. Plataformas de busca como o Google redirecionam alguns resultados pesquisados diretamente para sites pornográficos. Esses são os casos de algumas pesquisas que envolvem as palavras *adolescente*, *menor de idade* e *sexo*. Kristof (2021) pesquisou o termo *schoolgirl sex* (*menina colegial sexo*, em tradução livre) no Google e os resultados direcionaram para o Xvideos com materiais que, aparentemente, continham adolescentes⁴⁸ em relações sexuais.

Ao pesquisar no Google a palavra “suicídio” a primeira aba que aparece é uma seleção de informações sobre onde procurar ajuda. Conforme a imagem abaixo:

⁴⁶ Servidores de rede inalcançáveis na internet. Eles requerem softwares e autorizações para serem acessados.

⁴⁷ Disponível em: < <https://www.nytimes.com/video/opinion/100000007583710/xvideo-consent-minor.html> > Acesso em: 21 set. 2021.

⁴⁸ Aqui, é importante frisar que alguns vídeos que contém o enunciado “adolescente” são vídeos de mulheres maiores de idade atuando como meninas adolescentes. Contudo, nem sempre é fácil distinguir se em um vídeo há uma menor de idade ou não, principalmente quando são materiais amadores e não profissionais produzidos por estúdios pornográficos.

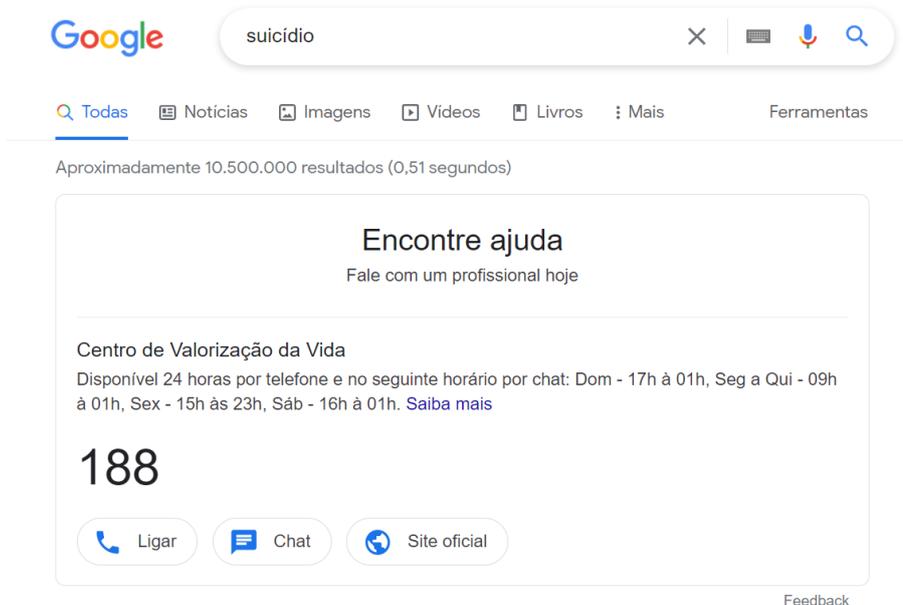


Imagem 25: Resultado da busca pela palavra suicídio no Google. Print feito em: 01 de novembro de 2021.

As páginas seguintes de resultados não possuem materiais que expliquem ou contenham tutoriais sobre suicídio; ao invés disso, há inúmeros textos, imagens e vídeos sobre prevenção. Entretanto, é provável que, entre os incontáveis resultados, exista algum material que fale sobre suicídio em outra perspectiva, mas é bem difícil de encontrá-lo.

E o que isso tem a ver com o Xvideos? Quando o algoritmo do Google direciona uma busca por palavras como adolescente e sexo para um resultado em um site pornográfico, a forma de encontrar um material que pode ser criminoso é facilitada. A questão que Kristof (2021) levanta em sua investigação é justamente essa: por que o algoritmo do Google não realiza o mesmo procedimento que faz com a palavra suicídio? Ao questionar a empresa, o jornalista não recebeu nenhuma resposta satisfatória.

Quando um vídeo de uma mulher jornalista trabalhando circula livremente em um site pornográfico, esse material é transformado e tem um efeito de sentido similar ao de um vídeo pornográfico e ganha legitimidade na plataforma conforme circula e recebe visualizações, curtidas e comentários sem o devido controle.

Nosso terceiro e último objetivo específico era investigar como é construído o imaginário da mulher jornalista na pornografia, relacionando-o a como essa construção pode estar associada à forma como o imaginário da mulher jornalista é

construído na própria produção jornalística, fruto do imaginário de uma sociedade que é patriarcal.

Durante a investigação, retornamos à produção jornalística para refletir sobre como se manifestavam os discursos sobre questões estéticas nessa área. Fizemos isso buscando na plataforma de pesquisa recomendações para mulheres que trabalham com telejornalismo. Constatamos que há uma rede de sentidos que relaciona a aparência da mulher jornalista e suas vestimentas a características como credibilidade, seriedade e profissionalismo. O corpo da mulher no jornalismo é a representação do gosto de classe (BOURDIEU, 2001).

Posto isto, entendemos que o corpo da mulher jornalista também é um corpo-mercadoria no jornalismo e segue os padrões estéticos a fim de agradar o gosto de classe. Mesmo com a circulação de um discurso que relaciona aparência com credibilidade, o corpo da mulher jornalista também é entendido como mercadoria no jornalismo e precisa corresponder às expectativas de seus consumidores: a audiência.

Não é à toa que, ao assistir um telejornal, é possível perceber um padrão estético entre repórteres e apresentadoras. Como apresentamos em pesquisa já citada (Perfil do Jornalista Brasileiro, 2012), o padrão da mulher jornalista é uma mulher branca, magra, cabelos lisos e cisgênero. O imaginário que é constituído sobre a mulher no jornalismo mescla-se com o imaginário que é constituído no site pornográfico. Sendo assim, o corpo da mulher jornalista é mercadoria em ambos os espaços; apenas o funcionamento é diferente.

Chegar ao final de uma dissertação não significa o fim de uma pesquisa. Acreditamos que essa investigação traz novas possibilidades de análise sobre pornografia, assim como novas formas de pensar sobre as materialidades pornográficas. Além disso, constatamos que a pesquisa sobre pornografia abre inúmeras portas para repensar questões relacionadas a identidade e representação como questões de gênero, sexualidade, raça, etnia, entre outras representações possíveis.

8 Posfácio

Eu gosto de aventuras e vou procurar algumas.

Louisa May Alcott

A ilustração que abre esta pesquisa foi criada especialmente para este trabalho pelo meu artista favorito e, curiosamente, um dos meus grandes amigos. Quero falar sobre esta arte, porque refletir sobre corpo-mercadoria na pornografia não foi uma discussão que se limitou apenas ao espaço acadêmico. Enquanto eu desenvolvia essa investigação, busquei levar essa problemática aos espaços que eu frequentava em minha vida pessoal. Estou escrevendo sobre isso neste posfácio e não nos agradecimentos, pois considero que isso é parte constitutiva do meu eu pesquisadora e, conseqüentemente, reflete em minha própria pesquisa.

Eu mobilizei uma tentativa de realizar uma conversa entre campos distintos do conhecimento, ao mesmo tempo em que tentava aplicar isso em minha vida enquanto pesquisadora. Através de conversas e trocas de ideias sobre arte, gênero, sexualidade e discurso realizadas fora do ambiente universitário eu encontrei formas singulares de pensar sobre minha própria dissertação.

Quando eu decidi estudar em um programa de pós-graduação em letras e realizar um deslocamento de área, eu já sabia que não seria fácil. No entanto, escolher estudar pornografia deixou tudo um pouco mais difícil. Refletir sobre um *corpus* tão complexo em sua materialidade e condições de produção foi um desafio enorme, principalmente pela escassez de pesquisas que trabalhassem com sites pornográficos.

Eu perdi as contas de quantas vezes eu acessei o Xvideos; uma manhã normal em minha vida se resumia a estar no site observando uma página após a outra. Foram tantos acessos que recebi tentativas de golpe. Os e-mails com ameaça diziam que existiam imagens dos vídeos que eu assistia em um site pornográfico junto a uma captura do meu rosto os assistindo: caso eu não pagasse um valor determinado, essas imagens seriam enviadas para meus familiares, amigos e empregadores; com essas informações, vinha incluída uma senha antiga que eu utilizava em alguns sites.

Logo que li o e-mail fiquei bastante assustada, afinal, era uma de minhas senhas que estava ali. Ao visitar um especialista em informática, descobri que se tratava da técnica de *phishing*, um tipo de golpe utilizado para tentar enganar usuários e obter informações pessoais e pagamentos através de ameaças. O modelo de intimidação que eu havia recebido utiliza de o fato do usuário ter acessado sites adultos muitas vezes para ameaçá-lo e induzi-lo a pagar o que desejam. Tudo isso é enviado automaticamente; então, várias pessoas recebem a mesma mensagem, o que muda é a senha mencionada. Descobri com esse especialista que inúmeras pessoas acabam pagando valores altos por receio e vergonha de outras pessoas descobrirem que acessam sites pornográficos e também por medo, devido ao tipo de conteúdo que acessam.

Eu gosto de citar esse exemplo, porque ele demonstra duas coisas importantes que eu já discuti neste trabalho: 1) consumir pornografia ainda é um tabu enorme. Mesmo com o Xvideos sendo um dos sites mais acessados no Brasil e no mundo, nós não falamos sobre isso. Dificilmente, alguém admite que assiste pornografia. O acesso a um site pornográfico carrega um imaginário de conduta sexual não padrão que assusta muitas pessoas. 2) Sites adultos não são espaços apenas de disponibilização de práticas lícitas, mas são também espaços de disponibilização de práticas ilícitas como estupro, pedofilia, zoofilia, entre outras.

Para quem acredita que acessar um site pornográfico é o fim da sua própria credibilidade e reputação ou para quem acessa buscando práticas ilícitas, receber um e-mail como o que eu recebi pode ser um pesadelo que tem como resultado o pagamento de uma quantia enorme sem questionamentos.

Ao longo dessa investigação, eu pude perceber que a problemática em torno da pornografia vai muito além de atestar se ela é boa ou ruim e se deve existir ou não. Não cabe a mim responder essas questões e acredito que elas nem tenham respostas. Ademais, ao longo dessas páginas fui compreendendo que a pornografia transpassa a clandestinidade e tem reflexos em outros âmbitos da sociedade e cada vez mais precisamos discutir sobre isso.

Eu finalizo essa investigação com um anseio por pesquisar e analisar outros recortes. Eu desejo investigar representações sobre meninas adolescentes em sites pornográficos e também ampliar minhas análises para comentários em vídeos disponíveis no Xvideos. Enquanto mulher cisgênero, me senti profundamente afetada enquanto realizava minhas incursões ao site pornográfico e redigia esta

dissertação. Nos arquivos salvos em uma pasta em meu computador, guardo incontáveis registros das diversas idas ao Xvideos. O meu desejo era poder escrever sobre todos eles, isso não é possível, mas demonstra a imensidão de possibilidades para a pesquisa sobre pornografia e acredito que esse é só o começo.

Referências

ACHARD, P. **Memória e produção discursiva do sentido**. In: ACHARD, Pierre; DURAND, Jean-Louis; PÊCHEUX, Michel; ORLANDI, Eni. *Papel da Memória*. 1. Ed. Campinas: Pontes, 1999. p. 11-17.

ALTHUSSER, L. **Aparelhos ideológicos de estado**: nota sobre os aparelhos ideológicos de Estado (AIE). Tradução de Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro. 2. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

ALTHUSSER, L. **Sobre a reprodução**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

ALTHUSSER, L. **Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado**. In: ZIZEK, Slavoj. (Org.) *Um mapa da Ideologia*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013. p. 105-142.

AMORIM, M. **O discurso da e sobre a mulher no funk brasileiro de cunho erótico**: uma proposta de análise do universo sexual feminino. Tese de Doutorado–UNICAMP, Campinas, SP, 2009.

ATTWOOD, F. **Introduction: Porn Studies** – from social problem to cultural practice. In: ATTWOOD, Feona. *Porn.com: making sense of online pornography*. New York: Peter Lang Publishing. 2010. p. 1-17.

ATTWOOD, F.; SMITH, C. **Porn Studies**: an introduction. *Porn Studies*, Reino Unido, v.1, p. 1-6, 2014.

ARRUZZA, C.; BHATTACHARYA, T.; FRASER, N. **Feminismo para os 99%**: um manifesto. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2019.

BALDINI, L.; SOUZA, L. **Os sentidos tomando corpo**. In: AZEVEDO, Aline Fernandes (Org.). *Sujeito, corpo, sentidos*. Curitiba: Appris, 2012. p. 69-88.

BAKONYI, Borbala. **Gender ideologies on adult video-sharing websites**. 77f. Dissertação (Mestrado em Media, Culture and Society) – Erasmus School of History, Communication and Culture, Erasmus University of Rotterdam, Rotterdam, 2012. Disponível em: < <https://thesis.eur.nl/pub/12318>> Acesso em: 21 fev. 2021.

BAUDRILLARD, J. **A sociedade de consumo**. Lisboa: Edições 70, 2008.

BIROLI, F. **O debate sobre pornografia**. In: BIROLI, Flávia; MIGUEL, Luis Felipe. *Feminismo e Política*. 1.ed. São Paulo: Boitempo, 2014. p. 131-138.

BOLÍVAR, A. **Construcción de la identidad profesional del profesorado**. In: *La identidad profesional del profesorado de secundaria: crisis y reconstrucción*. Málaga, España: Ediciones Aljibe, 2006, p. 57-80.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BRAGA, D. **O que estranha o olhar do analista de discurso?** Um exercício de reconhecimento do fato discursivo. Fórum Linguístico, v. 14, p. 2428-2439, 2017.

BRUSCHINI, M. **Sexualização das Ocupações: O Caso Brasileiro**. Cadernos de Pesquisa (Fundação Carlos Chagas), São Paulo, SP, v. 1, n.28, p. 5-20, 1979.

BULL, S. **Digital archives and the history of pornography**. Porn Studies, Reino Unido, v.1, p. 402-405, 2014.

CAETANO, V. **Não tem cabimento: corpo e subjetividade no discurso de sujeitos gordos**. 117f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2019. Disponível em: <<http://guaiaca.ufpel.edu.br/handle/prefix/4486?mode=full>> Acesso em: 12 jan. 2021.

COURTINE, J.; HAROCHE, C. **O Homem Perscrutado: Semiologia e Antropologia Política da Expressão e da Fisionomia do Século XVII ao Século XIX**. In: ORLANDI, Eni Puccineli (org.). Sujeito & Texto. São Paulo: EDUC, 1988.

COURTINE, J. **Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos**. São Carlos: EdUFSCar, 2009.

CUNHA, H. **Diminutivo: o grau que afaga ou afasta**. Revista Philologus, v. 60, p. 992-1000, 2014.

DIAS, C. **A poética do cotidiano da rede**. Signo y Señal - Revista del Instituto de Lingüística, v. 1, p. 57-70, 2013.

DIAS, C. **Análise do discurso digital: sobre o arquivo e a constituição do corpus**. Estudos Linguísticos (São Paulo. 1978), v. 44, p. 972-980, 2015.

ELLIS, John. **On pornography**. In: LEHMAN, Peter. Pornography: Film and Culture. New Brunswick: Rutgers University Press, 2006. p. 25- 46.

ERNST, A. **Corpo, discurso e subjetividade**. In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro. (Orgs). Análise do Discurso no Brasil: mapeando conceitos, confrontando limites. São Carlos: Claraluz, 2007.

ERNST, A. **A falta, o excesso e o estranhamento na constituição do corpus discursivo**. In: IV Seminário de Estudos em Análise do Discurso. 1969-2009: Memória e história na/da Análise do Discurso, 2009, Porto Alegre. IV Seminário de Estudos em Análise do Discurso. 1969-2009: Memória e história na/da Análise do Discurso. Porto Alegre: Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009. v. 1.

FERREIRA, M. **Da ambiguidade ao equívoco: a resistência da língua nos limites da sintaxe e do discurso**. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 2000.

FERREIRA, M. **O caráter singular da língua no discurso**. Organon (UFRGS), Instituto de Letras/UFRGS, v. 17, n.35, p. 189-200, 2003.

FERREIRA, M. **Linguagem, Ideologia e Psicanálise**. Estudos da Lingua(gem), v. 1, n. 1, p. 69-75, jan./jun. 2005

FERREIRA, M. **O discurso do corpo**. In: MITTMANN, Solange; SANSEVERINO, Antônio Marcos Vieira (Org.). Trilhas de investigação: a pesquisa no I. L. em sua diversidade constitutiva. Porto Alegre: Instituto de Letras / UFRGS, 2011.

FERREIRA, M. **O corpo enquanto objeto discursivo**. In: PETRI, Verli; Dias, Cristiane (Org.). Análise de discurso em perspectiva: teoria, método e análise. Santa Maria: Editora da UFSM, 2013. p. 99-108.

FUNCK, S. **Gênero e(m) discurso(s)**. Revista Estudos Feministas (UFSC. Impresso), v. 17, p. 481-484, 2009.

GALLO, S. **Sobre a normatização vigilante dos discursos midiáticos**. In: V LAVIT'S, 2017, Santiago. Anais V Simpósio Internacional LAVITS: Vigilância, Democracia e Privacidade na América Latina: vulnerabilidades e resistências. Santiago: Universidade do Chile, 2017. p. 426-438.

GAMBOA, M.C; SILVA, B. C. **A mulher animalizada e o animal feminizado no discurso publicitário**. Macabéa: Revista Eletrônica do Netlli, v. 9, p. 804-823, 2020.

GUADANINI, S. **Designação**: das categorias da língua às categorias do discurso. 2010. 216f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010. Disponível em: < <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/ALDR-86YHYW> > Acesso em: 15 jan. 2021.

GUERRA, V. **Uma reflexão sobre alguns conceitos da Análise do Discurso**. Curitiba, Universidade Tecnológica do Paraná, 2003. Disponível em: < http://paginapessoal.utfpr.edu.br/cfernandes/analise-do-discurso/textos/UMA%20REFLEXO%20SOBRE%20ALGUNS%20CONCEITOS%20DA%20ANLISE%20DO.pdf/at_download/file > Acesso em: 12 jan. 2021.

GUIMARÃES, E. **Designação e espaço de enunciação**: um encontro político no cotidiano. Letras, Santa Maria-RS, n 26, p. 53-62, jan./jun. 2003.

GRESPLAN, J. **Marx**: uma introdução. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2021. v. 1. 104p.

GRIGOLETTO, E. **Do lugar social ao lugar discursivo**: o imbricamento de diferentes posições-sujeito. In: INDURSKY, Freda; LEANDRO FERREIRA, Maria Cristina. (Org.). A Análise do Discurso no Brasil: mapeando conceitos, confrontando limites. São Carlos: Clara Luz, 2007, v., p. 123-134.

GRIGOLETTO, E. GALLO, S. L. **Sujeito e memória em textualidades digitais**. In: Freda Indursky; Maria Cristina Leandro Ferreira; Solange Mittmann. (Org.). Análise

do Discurso: dos fundamentos aos desdobramentos - 30 anos de Michel Pêcheux. 1ed. Campinas: Mercado de Letras, 2015, v. 1, p. 307-317.

HENRY, P. **A ferramenta imperfeita**: língua, sujeito e discurso. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992.

INDURSKY, F. **A fala dos quartéis e outras vozes**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.

INDURSKY, F. **O entrelaçamento entre o político, o jurídico e a ética no discurso do sobre o MST**: uma questão de lugar-fronteira. Revista da ANPOLL, São Paulo, n.12, p. 111-132, 2002.

INDURSKY, F. **Identificação e contra-identificação**: diferentes modalidades de subjetivação no discurso do/sobre o MST. In: MARIANI, Bethania (Org.). A escrita e os escritos: reflexões em análise do discurso e psicanálise. 1ed. São Carlos: Clara Luz, 2006. p. 121-132.

INDURSKY, F. **A memória na cena do discurso**. In: INDURSKY, Freda; MITTMANN, Solange; FERREIRA, Maria Cristina Leandro (Org.). Memória na/da análise do discurso. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011. p. 69-89.

INDURSKY, F. **O trabalho discursivo do sujeito entre o memorável e à deriva**. Signo y Seña - Revista del Instituto de Linguística, v. 24, p. 91-104, 2013.

INDURSKY, F. **AAD-69**: O marco histórico de um discurso fundador. Língua e Instrumento Linguístico, São Paulo, n.44, p. 157-173, 2019.

KEILTY, P. **Desire by design**: pornography as technology industry. Porn Studies, Reino Unido, v. 5, p. 338-342, 2018.

KRISTOF, N. **The Children of PornHub**. New York Times, 04 dez. 2020. Disponível em: < <https://www.nytimes.com/2020/12/04/opinion/sunday/pornhub-rapetrafficking.html> > Acesso em: 10 out. 2021.

KRISTOF, N. **Why Do We Let Corporations Profit From Rape Videos?** New York Times, 16 abr. 2021. Disponível em: < <https://www.nytimes.com/2021/04/16/opinion/sunday/companies-online-rape-videos.html> > Acesso em: 10 out. 2021.

LEITE, N. **Psicanálise e Análise do Discurso** – o acontecimento na estrutura. Rio de Janeiro: Campo Matêmico, 1994.

MACHADO, L. **Gênero**: Um Novo Paradigma. Cadernos PAGU, São Paulo, p. 107-125, 1998.

MADDISON, S. **Online obscenity and myths of freedom**: dangerous images, child porn, and neoliberalism. In: ATTWOOD, Feona (org.). 1. Ed. New York: Peter Lang Publishing, 2010. p. 17-33.

MAINGUENEAU, D. **O discurso pornográfico**. São Paulo: Parábola, 2010.

MARIANI, B. **Nome próprio e constituição do sujeito**. Letras (UFSM), v. 48, p. 131-143, 2014.

MARX, K. **Os Economistas** – O capital volume I. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

MAZIERES, A; et al. **Deep tags: toward a quantitative analysis of online pornography**. Porn Studies, Reino Unido, v.1, p. 80-95, 2014.

MCKEE, A. **Humanities and social scientific research methods in Porn Studies**. Porn Studies, Reino Unido, v.1, p. 53-63, 2014.

MICK, Jacques; LIMA, Samuel (coord.). **Perfil do jornalista brasileiro: características demográficas, políticas e do trabalho jornalístico em 2012**. Florianópolis: Editora Insultar, 2013.

O'REILLY, T. **Design Patterns and Business Models for the Next Generation of Software**. O'Reilly, 2005. Disponível em: <<https://www.oreilly.com/pub/a/web2/archive/what-is-web-20.html>> Acesso em: 12 fev. 2021.

ORLANDI, E. **Discurso, Imaginário Social e Conhecimento**. Em Aberto, Brasília, ano 14, n.61, 1994.

ORLANDI, E. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. Campinas: Vozes, 1996.

ORLANDI, E. **Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos**. Campinas: Pontes, 2001.

ORLANDI, E. **O sujeito discursivo contemporâneo: um exemplo**. In: INDURSKI, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro (org.) **Análise do discurso no Brasil: mapeando conceitos, confrontando limites**. São Carlos: Claraluz, 2007.

ORLANDI, E. **Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos**. Campinas: Pontes Editores, 8ed, 2009.

ORLANDI, E. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. 6. ed. Campinas: Pontes, 2011.

PAVEAU, Marie-Anne. **Les énoncés natifs du web: analyse du discours des réseaux sociaux numériques (Twitter, Facebook, Pinterest)**. Campinas: Unicamp, 2014. Disponível em: < <https://www.labeurb.unicamp.br/anexos/MAP-Conf.pdf> > Acesso em: 27 fev. 2021.

PÊCHEUX, M. **Papel da memória**. In: ACHARD, P. et al. (Org.) *Papel da memória*. Tradução e introdução José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999.

PÊCHEUX, M. **A análise do discurso: três épocas**. In: GADET, Françoise. & HAK, Tony. (org.). *Por uma análise automática do discurso*. Campinas, Ed. da UNICAMP, 1990 [1983].

PÊCHEUX, M. **Ler o arquivo hoje**. In: ORLANDI, Eni (org.). *Gestos de leitura*. Campinas: Editora da Unicamp, 2010 [1982].

PÊCHEUX, M; FUCHS, C. **A propósito da Análise Automática do Discurso: atualização e perspectivas**. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (Org.). *Por uma Análise Automática do Discurso: uma Introdução à Obra de Michel Pêcheux*. 3. ed. Campinas: Unicamp, 1997 [1975]. p. 163-187.

PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. 4. ed. Campinas: UNICAMP, 2009 [1975].

PÊCHEUX, M. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. 7ª ed. Campinas: Pontes Editores, 2015 [1983].

PÊCHEUX, M. **Sobre os contextos epistemológicos da Análise de Discurso**. In: ORLANDI, Eni. *Análise de Discurso: Michel Pêcheux*. 2.ed. Campinas: Pontes Editores, 2011. p. 283-294.

PÊCHEUX, M. **Análise Automática do Discurso**. Campinas: Pontes Editores. 2019 [1969].

PERROT, M. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.

Principais sites classificados por todas as categorias no Brasil. SimilarWeb, 01 fev. de 2021. Disponível em: <<https://www.similarweb.com/pt/top-websites/brazil/>> Acesso em: 31 mar. 2021.

RAGO, M. **Descobrimos historicamente o gênero**. *Cadernos Pagu (UNICAMP)*, Campinas, v. 11, p. 89-93, 1998.

RECUERO, R.; SOARES, P. **Violência simbólica e redes sociais no facebook: o caso da fanpage "Diva Depressão"**. *Galáxia (São Paulo, Online)*, n. 26, p. 239-254, 2013. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/gal/a/m4kz3Sjg8bVWCYBTxcbg6qx/?format=pdf&lang=pt>> Acesso em: 11 agosto. 2021.

Risky Business: How COVID-19 changed user behavior. NETSPOKE, 20 set. de 2020. Disponível em: <<https://www.netskope.com/jp/blog/risky-business-how-covid-changed-user-behavior>> Acesso em: 05 jan. 2021.

SANT'ANNA, D. **Uma história do corpo**. In: Soares, C. (Org.). *Pesquisas sobre o corpo: ciências humanas e educação*. Campinas: Autores Associados, 2007.

SCOTT, J. **Gênero**: uma categoria útil para a análise histórica. **Educ. e Realid** v.20, n.2, 1995.

SILVA, R. **O tempo discursivo na Constituição do Imaginário do Trabalhador do Discurso da CUT**. 2010. 200f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, 2010. Disponível em: < <https://wp.ufpel.edu.br/ppgl/files/2018/11/O-Tempo-Discursivo-na-Constitui%C3%A7%C3%A3o-do-Imagin%C3%A1rio-do-Trabalhador-do-Discurso-da-CUT-Renata-Silveira-da-Silva-.pdf> > Acesso em: 05 jan. 2021.

SOUZA, L. **O discurso encarnado**: ou a passagem da carne ao corpolingüagem. *Entremeio – Revista de Estudos do Discurso*, n. 1, v. 1, p. 01- 09, jan./jul. 2010.

SOUZA, M. **O discurso de ódio na democracia brasileira**: uma análise discursiva do processo de rejeição e de destituição da presidenta Dilma Rousseff. 2017. 174f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, 2017. Disponível em: < https://wp.ufpel.edu.br/ppgl/files/2018/11/Tese-Mariana-Janstch-de-Souza_ok.pdf > Acesso em: 10 jan. 2021.

The 2019 Year in Review. Pornhub, 11 dez. de 2019. Disponível em: <<https://www.pornhub.com/insights/2019-year-in-review>> Acesso em: 05 jan. 2021.

VINHAS, L. **Esquecimento(s)**. In: FERREIRA, Maria Cristina Leandro (org.). *Glossário de termos do discurso: edição ampliada*. 1. Ed. Campinas: Pontes, 2020. p. 91-96.

WILLIAMS, L. **Hard Core Power, Pleasure, and the "Frenzy of the Visible"**. Berkeley: University of California Press, 1999.

WILLIAMS, L. **Porn Studies** – Proliferating Pornographies on/Scene: An Introduction. In: WILLIAMS, Linda. *Porn Studies*. 1. Ed. Durham: Duke University Press, 2004. p. 1-23.

WOLF, N. **O mito da Beleza**: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

ZOPPI FONTANA, M.; FERRARI, A. **Uma análise discursiva das identificações de gênero**. In: ZOPPI FONTANA, M.G.; FERRARI, A. J (org.). *Mulheres em Discurso: gênero, linguagem e ideologia*. Campinas: Pontes Editores, 2017.

ANEXO I

Anexo 1 – Links dos vídeos que compõem as sequências discursivas analisadas.

Sequência discursiva 1 (SD1):

Disponível em: <https://www.xvideos.com/video58723211/jacqueline_brazil_-_previsao_do_tempo_-_jornal_nacional_02_jun_18> Acesso em: 06 nov. 2020.

Sequência discursiva 2 (SD2): O vídeo não está mais disponível na plataforma Xvideos.

Sequência discursiva 3 (SD3):

Disponível em: <https://www.xvideos.com/video49843713/carol_barcellos_-_saltibum> Acesso em: 11 out. 2021.

Sequência discursiva 4 (SD4):

Disponível em: <https://www.xvideos.com/video27384663/adriana_bueno_-_na_capital> Acesso em: 03 dez. 2021.

ANEXO II

Anexo 2 – Glossário de designações retiradas do site pornográfico e utilizadas na pesquisa

Gang bang: *Gang Bang* é uma designação na língua inglesa que não possui uma tradução para o português. Segundo o Dicionário Informal, *Gang Bang* é a modalidade sexual que consiste em uma mulher em uma relação com vários homens. Essa prática é uma das mais reconhecidas e uma das tags mais procuradas em sites pornográficos. É preciso salientar que *Gang Bang* não é a mesma coisa que orgia. Segundo o Dicionário Informal, *Gang Bang* é a modalidade sexual de uma mulher com vários homens, já a orgia consiste em relações sexuais entre 5 ou mais pessoas.

MILF: acrônimo em língua inglesa que significa “*Mom I would like to fuck*” (*mãe que eu gostaria de foder*, em tradução livre). A designação é configurada como um subgênero dentro dos sites pornográficos e consiste em materiais/vídeos que possuem representações de mulheres maduras. Elas não precisam, necessariamente, serem mães para estarem nos vídeos, basta serem mulheres mais velhas.

Shemale: designação derivada da língua inglesa que mistura o “*she*” (ela) com “*male*” (macho/ masculino), que em uma tradução livre significaria “ela-homem”. Essa designação é uma forma pejorativa utilizada para se referir às mulheres transgênero no espaço pornográfico. Esse termo é um subgênero pornográfico e uma tag em sites adultos. Além disso, também é utilizada entre jogadores de e-games para designar homens que utilizam avatares femininos durante os jogos.

Teasing: palavra em língua inglesa que em tradução livre significa “provocando”. É atribuída como uma tag no site pornográfico e reúne vídeos nos quais a narrativa envolve uma provocação que resulta em uma prática sexual.